



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Fernanda Cabral de Oliveira


**As representações de professoras pela revista A Escola Primária:
ação percuciente da mestra deve ser a luz para o cérebro e
exemplo para o coração (1916-1924)**

São Gonçalo

2022

Fernanda Cabral de Oliveira

**As representações de professoras pela revista A Escola Primária: ação
percuciente da mestra deve ser a luz para o cérebro e exemplo para o coração
(1916-1924)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sônia Camara Rangel

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

O48 Oliveira, Fernanda Cabral de.
As representações de professoras pela revista A Escola Primária: ação percuciente da mestra deve ser a luz para o cérebro e exemplo para o coração (1916-1924) / Fernanda Cabral de Oliveira. – 2022.
134f.: il.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sônia Camara Rangel.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação – História – Teses. 2. Professores de ensino primário – Formação – Teses. I. Rangel, Sônia Camara Rangel. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994 CDU 37(091)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Fernanda Cabral de Oliveira

**As representações de professoras pela revista A Escola Primária: a ação
percuciente da mestra deve ser a luz para o cérebro e exemplo para o coração
(1916-1924)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em: 27 de outubro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Sônia Camara Rangel (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof. Dra. Ana Maria Gonçalves Bueno de Farias
Universidade Federal de Sergipe

Prof^ª. Dra. Mônica Ferreira de Farias
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

São Gonçalo

2022

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos aqueles que contribuíram para o seu desenvolvimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por iluminar o meu caminho em todos os momentos da minha vida e em especial por toda ajuda que me deu para a conclusão desta dissertação de mestrado.

Ao meu esposo Lucas Oliveira, por ter me apoiado ao longo da minha trajetória acadêmica. Sempre me dando suporte a realização a realização desse sonho.

Aos meus pais que sempre acreditaram nos meus sonhos mesmo sabendo que não seria fácil.

A minha irmã Eduarda Cabral, por ter me ajudando na parte técnica da escrita deste trabalho e pelas palavras de força nos momentos difíceis.

Aos meus avós maternos e paternos, mesmo partindo me inspiraram a ser quem sou hoje. Tendo a plena certeza no meu coração que estariam orgulhosos do caminho que percorri até aqui.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

Aos meus professores que me ensinaram a ser persistente e acreditar nos meus sonhos.

A minha orientadora professora Sônia Camara, que além de toda a ajuda e parceria no desenvolvimento deste trabalho, me encantou dia a dia com carinho e dedicação. A minha mais profundo gratidão.

A Banca de qualificação e de defesa composta pelas professoras Dr.^a Monica Ferreira e Ana Maria Gonçalves Bueno de Freitas, por toda as contribuições generosas.

A minha amiga Franciele, que me ajudou e incentivou e se mostrou minha parceira de estudos e conselheira da vida.

A Luíza, a Victória e a Rosa, que me ajudaram nos momentos mais difíceis durante o período de mestrado. A Marcela, Luciano, Leonardo, Cinthya, Niely, Bruna e Leni por contribuírem e ajudarem na construção deste trabalho.

Ao grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Infância (NIPHEI) e ao grupo do seminário de pesquisa que contribuíram de maneira generosa.

Ao Programa e ao docentes da Pós-graduação Processos Formativos e Desigualdades Sociais e a UERJ pela oportunidade de cursar o Mestrado em Educação.

A todos aqueles que de alguma maneira contribuíram para o seu desenvolvimento desse trabalho.

RESUMO

OLIVEIRA, de Cabral Fernanda. *As representações de professoras pela revista A Escola Primária: ação percuciente da mestra deve ser a luz para o cérebro e exemplo para o coração (1916-1924)*. 2022. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O trabalho tem como objetivo analisar as representações de professoras pela revista *A Escola Primária* entre os anos de 1916 a 1924. A revista, sobre a direção dos inspetores escolares do Distrito Federal, era destinada às professoras primárias públicas e circulou mensalmente entre os anos de 1916 a 1938, com cerca de 234 números publicados, dos quais trabalhamos com 28 números. O objetivo do impresso era orientar o professorado primário bem como moldar as práticas escolares e divulgar o trabalho realizado na inspetoria escolar. *A Escola Primária* foi utilizada como fonte e objeto de pesquisa e o recorte temporal proposto que compreende o ano de criação da revista e o ano da última publicação da coluna das *Cartas Serranas*, escritas pela professora Maria Amélia Daltro Santos, mas assinada pelo pseudônimo Maria Stella, que apresentou textos em grande parte das edições da revista. A partir de suas cartas, foi possível investigar suas concepções do campo pedagógico, o seu olhar crítico em relação a educação e seu engajamento junto as professoras primárias. A metodologia para a execução desta pesquisa documental partiu do estudo bibliográfico sobre o tema e a leitura integral das fontes primárias da revista, em que selecionando os textos pertinentes ao tema pesquisado. Em seguida, selecionamos examinamos textos que demonstrasse como funcionava a rede de professoras e educadores do Rio de Janeiro. No exame da fonte observou-se a relação da revista as concepções educacionais ao escolanovistas, o caráter formativo do professorado primário e a rede de sociabilidade entre inspetores escolares, colaboradores da revista e professoras. Localizamos, inicialmente, o lugar e o sentido da produção de uma imprensa pedagógica no contexto educacional e seus idealizadores. Em um segundo momento, examinamos a estrutura da revista e os seus objetivos. Em seguida, analisamos as estratégias de circulação e o ciclo de vida da revista para finalmente identificar as representações de professoras. Como aporte teórico-metodológico utilizamos Camara (2011), Chartier (2002), Certeau (2002) dentre outros.

Palavras-chave: História da educação. A Escola Primária. Imprensa pedagógica.

Professoras primárias.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Fernanda Cabral. *The representations of teachers by the magazine A Escola Primária: the percussive action of the teacher must be a light for the brain and an example for the heart (1916-1924)*. 2022. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The objective of this work is to analyze the representations of teachers by the magazine *A Escola Primária* between the years 1916 to 1924. to 1938, with about 234 issues published, of which we worked with 28 issues. The purpose of the print was to guide primary teachers as well as shape school practices and publicize the work carried out in the school inspectorate. The Primary School was used as a source and object of research and the proposed time frame that comprises the year of creation of the magazine and the year of the last publication of the *Cartas Serranas* column, written by teacher Maria Amélia Daltro Santos, but signed by the pseudonym Maria Stella , which presented texts in most editions of the magazine. From her letters, it was possible to investigate her conceptions of the pedagogical field, her critical look at education and her engagement with primary teachers. The methodology for the execution of this documental research started from the bibliographic study on the subject and the integral reading of the primary sources of the magazine, in which selecting the texts pertinent to the researched theme. Then, we selected and examined texts that demonstrated how the network of teachers and educators in Rio de Janeiro worked. In the examination of the source, it was observed the relationship of the magazine to the educational conceptions to *Escolanovistas*, the formative character of primary teachers and the sociability network between school inspectors, magazine collaborators and teachers. Initially, we located the place and the meaning of the production of a pedagogical press in the educational context and its creators. In a second moment, we examined the structure of the journal and its objectives. Then, we analyze the circulation strategies and the magazine's life cycle to finally identify the representations of teachers. As a theoretical-methodological contribution we used Camara (2011), Chartier (2002), Certeau (2002) among others.

Keywords: History of education. The Primary School. Pedagogical press. Primary teachers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Capa do segundo número da A Escola Primária	36
Figura 2 –	Capa da última publicação da A Escola Primária em março de 1938	37
Figura 3 –	Estrutura da capa da revista (1921, ano 5, edição 10)	40
Figura 4 –	Capa da primeira edição da revista	41
Figura 5 –	Anúncio de papelaria em 1920	48
Figura 6 –	Página preenchida de anúncios e propagandas, 1921	49
Figura 7 –	Mapa dividido por distritos (RJ)	52
Figura 8 –	Visita do Drº Afranio Peixoto a uma escola na Ilha do Governador (RJ)	54
Figura 9 –	Fotografia da professora Leonor Posada	76
Figura 10 –	Fotografia da professora Alba Cañizares	78
Figura 11 –	Zélia Braune discursando em evento da Escola Rodrigues Alves em 1923	80
Figura 12 –	Fotografia publicada na revista Careta da professora Coema Hemeteiro	81
Gráfico 1 –	Relação de colaboradoras por Seção (1916-1924)	82
Gráfico 2 –	Ingresso de mulheres na colaboração da revista anualmente (1916 -1924)	84
Figura 13 –	Fotografia da professora Esther Pedreira de Mello	86
Figura 14 –	Professora Esther Pedreira junto ao grupo de professores e diretores em evento na escola Deodoro (RJ)	88
Figura 15 –	Tabela com dados apresentado por Maria Stella a sua aluna .	95
Figura 16 –	Fotografia de Maria Amélia Daltro Santos publicado no Jornal Baptista	101
Figura 17 –	Fotografia do senhor Leoncio Correia acompanhado pelas	

	professoras municipais. Destaque para as professoras Esther Pedreira de Mello e Maria Amélia Costa Azevedo	104
Figura 18 –	Participação da professora Daltro Santos em Solenidade comemorativa	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Palavras-chave utilizadas para pesquisa de artigos na Escola Primária	18
Quadro 2 –	Artigos selecionados para análise na revista A Escola Primária (1916 a 1924)	19
Quadro 3 –	Associações ligadas a educação no Rio de Janeiro (1906 - 1916)	29
Quadro 4 –	Artigos publicados na primeira edição – outubro de 1916	42
Quadro 5 –	Organização do Estatuto da Sociedade Anônima <i>A Escola Primária</i> (1916)	44
Quadro 6 –	Autores fixos que publicaram na revista (1916 a 1924)	45
Quadro 7 –	Valores de assinaturas da revista (1916-1924)	47
Quadro 8 –	Professoras e seções que escreviam na revista A Escola Primária (1916 -1924)	70
Quadro 9 –	Títulos dos textos publicados pela educadora Helena	79
Quadro 10 –	Textos que citaram a professora D. Esther Pedreira de Mello na revista <i>A Escola Primária</i>	90
Quadro 11 –	Textos publicados assinados como Maria Amélia Daltro Santos (1920 - 1928).....	102
Quadro 12 –	Cartas Serranas 1916 a 1924	107

CARTAS SERRANAS

XI

[...] Cerrei os olhos e comecei a recordar da minha curta estadia na Capital.

Revi então a gentil amiga na escola, diante dos alunos atentos e venturosos; a distinta catedrática, modesta e competente, incansável nos meios e segura dos resultados. E sorri contente, ao pensamento reconfortador de que temos professoras que querem e podem desempenhar-se bem da sua difícil tarefa.

[...] E concluí, mentalmente, que essas antigas e não rotineiras nem retrogradadas, devem ser guia e modelos das que vem depois.

Força é que a professora efetue esse tipo ideal de educadora, da firmadora de personalidades, que se impõe, não só por sólida cultura, excelência de métodos, e segurança de doutrina, mas também, e principalmente, como modelo de virtude e austeridade de princípios, na condenação, pelo exemplo das vestes impróprias, artifícios, ademanes tão comuns em nosso meio, até mesmo na família, e que não podem positivamente oferecer garantia a educação moral de que necessitam as crianças.

Mendes, 1920.

(Maria Stella, 1920, p.98).

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	ABRINDO A REVISTA A ESCOLA PRIMÁRIA: DIÁLOGOS ENTRE INSPETORES ESCOLARES E O PROFESSORADO PRIMÁRIO	26
1.1	“Uma revista deve ser antes guia didático do que repositório de questões doutrinárias”: a imprensa pedagógica no contexto educacional	26
1.2	“A publicação é um ato de esperança!”: nasce uma revista para o professorado	34
1.2.1	<u>Vitrines da educação: os inspetores escolares por trás da diretoria da revista</u>	50
1.2.2	<u>“Festeja A Escola Primária mais um aniversário de sua existência”:</u> refletindo em seu projeto	57
2	DO QUADRO NEGRO ÀS PÁGINAS DOS IMPRESSOS PEDAGÓGICOS: AS PROFESSORAS PELA REVISTA A ESCOLA PRIMÁRIA	61
2.1	Predicados de uma boa professora e recomendações adequadas a suas práticas: o que nos revelam os artigos?	61
2.2	A “missão” social da professora como educadora da nação	65
2.3	As professoras e suas escritas	69
2.3.1	<u>A educadora Esther Pedreira de Mello e sua ação na revista a Escola Primária</u>	85
3	DIÁLOGOS ENTRE PROFESSORAS: CARTAS A MESTRA MARIA STELLA	92
3.1	Folheando as páginas da coluna <i>Cartas Serranas</i>	92
3.1.1	<u>Maria Amélia Daltro Santos a professora de professoras</u>	98
3.2	De professora para professoras: lendo as cartas	106
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114

REFERÊNCIAS	118
APÊNDICE A – Levantamento bibliográfico em revistas de História da Educação	125
APÊNDICE B – Levantamento com números disponíveis da revista <i>escola primária (RJ)</i>	129
ANEXO – Estatuto da Sociedade Anônima A Escola Primária	130

INTRODUÇÃO

A carta que trago na abertura do trabalho representa em alguma medida os pressupostos defendidos por uma professora municipal da cidade do Rio de Janeiro, capital do país durante as décadas de 1910 e 1920. A carta da Maria Stella é um registro que mostrava como a professora enxergava a si e a seus pares à época, permitindo-nos refletir sobre as representações em torno do magistério primário e das professoras.

Nessa direção, as qualidades articuladas ao feminino com doçura, a calma e o cuidado maternal que emergem na carta e constituíam-se como meio de qualificar a presença feminina na educação de crianças. Tais características permeiam, ainda hoje, a formação das professoras, as práticas a construção de estereótipo específico acerca da profissão.

A vista disso, é importante destacar que as qualidades e atribuições relacionadas as professoras nas primeiras décadas no século XX foi herdeira de aspetos vindos do século XIX, que mesmo com o alargamento da visão desta formação, que passava pela instauração da República (1889), que trouxe consigo a necessidade de afirmações ideológicas, políticas e filosóficas.

Símbolo de virtudes, a professora primária representava a base da pátria e da família. Segundo Almeida (2011, p. 143), “o magistério exercido por mulheres era destacado no discurso oficial como forma de elevação moral”, pois era espelhada na religião católica, na qual a maternidade era um dos mais sagrados valores.

Desta forma, havia atributos consideradas adequadas a uma professora. No trecho da carta recordado na abertura deste trabalho, datado de 1920, a professora Maria Stella qualifica sua colega de profissão como “modesta, competente e incansável”, evidencia um conjunto de qualidades pertinentes à professora, colaborou para a construção de uma representação do magistério e de mulher como professora.

Mesmo longe dos ideais relacionados aos valores morais do século XX, de certo modo, hoje, a formação de professores, especialmente das séries iniciais, tem um legado ligado aos ideais de moral e de maternidade. Iniciando minha formação

como professora no Curso Normal¹ pelo Instituto de Educação Clélia Nanci ocorria a quantidade superior de mulheres que frequentavam o curso em ralação aos homens.

Ao ingressar no curso de Pedagogia no ano de 2014 na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP–UERJ), essa situação mais uma vez se apresentava, o que se afirmou também na minha passagem por escolas através de estágios, Iniciação à docência² e como professora na Educação Infantil.

Somente durante a graduação em Pedagogia, quando cursei a disciplina de História da Educação II³, compreendi como ocorreu historicamente o processo de inserção das mulheres no magistério. Diante das discussões formuladas compreendi, que a profissão docente nem sempre foi ocupada por mulheres e que fatores históricos-sociais colaboraram para a legitimação da docência primária como sendo um espaço feminino, indo em direção a concepção de maternidade e de missão, dentre outros aspectos. A partir do desejo de adensar meus conhecimentos sobre o tema, iniciei o caminho investigando em torno dessa temática que se apresentou em primeiro momento como objeto de monografia de conclusão do curso de graduação em Pedagogia⁴.

Interessada em aprofundar as discussões referentes à mulher professora e ampliar minha formação acadêmica, vislumbrei a possibilidade de continuar os estudos no Mestrado em Educação. Com isso, o trabalho tem como objetivo analisar as representações de professoras pela revista *A Escola Primária* entre os anos de 1916 a 1924. O recorte temporal proposto justifica-se em 1916 por ser o ano de fundação da revista é o ano de 1924, por ser o último ano de publicação da coluna das Cartas Serranas, que se constituiu um importante material de orientação as professoras, em que privilegiava a construção de um repertório de saberes as professoras primárias.

¹ Curso de formação de professores a Nível Médio para lecionar em classes de educação infantil e ensino fundamental, antiga Escola Normal. Formada no ano de 2012 pelo Instituto de Educação Clélia Nanci, São Gonçalo, RJ.

² Iniciação à docência pelo Programa institucional de Iniciação à Docência (PIBID/UERJ/FFP) entre os anos de 2015 a 2018, sob coordenação das professoras Dr^a Rosimeri Dias, Anelice Ribeto e Mairce Araújo; e pelo CETREINA/UERJ sob coordenação da professora Dr^a Vania Leite.

³ Ministrada pela professora Dr^a. Sônia Camara onde discutíamos o processo de feminilização do Magistério primário no Brasil durante o século XIX.

⁴ Monografia do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores/UERJ intitulada: “Mulheres no magistério primário, à luz *do Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro de 1862 a 1865”; sob orientação da Prof.^a Sônia Camara, 2019.

Elegemos este período, por consideramos que o mesmo colabora para compreendermos o processo pelo qual se constituiu a conformação de debates sobre a educação no Brasil e, por conseguinte, na construção de representações das professoras.

A revista é utilizada como fonte e objeto de pesquisa. Em um primeiro momento, buscamos compreender no exame do impresso seus objetivos, sua materialidade, organização, colaboradores, editores e diretores. Em um segundo momento identificamos quais representações de professoras eram expostas na revista.

A *Escola Primária*, foi concebida como uma revista técnico pedagógica, que tinha por objetivo, ser “[...] a tribuna, a cátedra, o livro, o jornal, que uns para os outros iriam escrever os professores” (PEIXOTO, 1916, p.1). Além disso, a revista abordava informações pedagógicas, sugestões didáticas, descobertas e pontos de vista pedagógicos e sociais do interesse do magistério. Produzia um conhecimento valorizado e legitimado, para o exercício da profissão docente, criando um modelo a ser seguido (SANTOS, 2014, p.133).

O impresso foi fundado e dirigido por Inspectores Escolares do Distrito Federal que à época formavam um órgão voltado para controlar, fiscalizar e disciplinar o funcionamento das escolas (SANTOS, 2017). A Inspeção Escolar, baseada no entendimento de Costa (2006), referia-se a uma atividade profissional permanente de característica administrativa e pedagógica. A perspectiva ligada a essa função estava relacionada a busca da eficácia do ensino em que a educação escolar deveria apoiar-se.

Afrânio Peixoto⁵ (1916, p.1) afirmava no texto inaugural da revista em outubro de 1916 que “a influência do Inspetor é periódica e fugaz”. Para ele, a diretoria de ensino era distante e dividida e defendia que cada vez mais um aspecto administrativo, e por isso a revista propunha dialogar com o professorado.

Embora, a revista fosse dirigida exclusivamente pelos inspetores escolares do Distrito Federal, esta não era um órgão ligado a municipalidade, pois pertencia a uma sociedade anônima por nome *A Escola Primária*, não recebia subvenção e seus ganhos e eram distribuídos entre os acionistas da revista. No entanto incluía pautas políticas ligadas a educação e a divulgação do trabalho da inspetoria e do município.

⁵ Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) foi um médico, político, professor, crítico literário, ensaísta, romancista e historiador brasileiro.

Propusemos pensar a revista como espaço de sociabilidades das redes formadas pelas professoras primárias públicas que escreveram na revista. Para esse fim, analisamos a coluna *Cartas Serranas* publicados na revista, a fim de identificar as características idealizadas a “boas” professoras, deveriam essencialmente desenvolver para exercer a carreira no magistério. Foram localizados 46 ocorrências com a palavra-chave cartas serranas entre os anos de 1916 a 1924, depois de filtrá-las, pois apareciam com repetição no sumário e apêndice, foram selecionadas e analisadas 18 cartas.

Ainda a esse respeito, identificamos e mapeamos os adjetivos, qualidades e características atribuídas as professoras a fim de construir argumentos que possibilitaram ampliar o repertório ligado a ideia de maternidade, dedicação ao casamento, e aos afazeres domésticos, e por outro lado quais seriam as outras perspectivas para além destes lugares consagrados, historicamente.

Em função da pandemia provocada pelo Coronavírus, denominado SARS - Cov-2, a partir de março de 2020, no mesmo ano que ingressei no mestrado, impediu-me de visitar instituições em busca de fontes, devido as medidas restritivas para contenção da doença. Assim foi necessário adequar os objetivos da pesquisa e de consulta das fontes inicialmente proposto. Utilizamos exclusivamente arquivos disponíveis na internet, especialmente na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, que permitiu operarmos com o periódico selecionado.

No entanto, durante a pesquisa ocorreu a suspensão temporária do acesso aos acervos da hemeroteca digital, motivado por uma invasão em seu sistema sendo preciso buscar “rastros” (GINZBURG, 2007), investigando dados sobre *A Escola Primária* em outras plataformas. Neste movimento, localizamos na plataforma institucional da Universidade de Santa Catarina⁷, grande parte dos exemplares do periódico disponíveis.

A revista *A Escola Primária* foi selecionada por apresentar uma coleção expressiva no acervo da plataforma da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, além do longo ciclo de atividade editorial e por constituir-se como um periódico pedagógico em que havia a colaboração de professoras.

⁶ Ao pesquisar surgiram repetições da palavra na mesma edição como sumário, títulos e apêndice.

⁷ O Repositório Institucional (RI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tem como missão: armazenar, preservar, divulgar e oferecer acesso à produção científica e institucional da UFSC. Possui um acervo com grande parte dos exemplares da revista *A Escola Primária*, disponibilizado em arquivo PDF e registro completo do número como título, resumo, descrição e data. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>

A partir do material selecionado pensamos a metodologia a partir dos estudos realizados por Catani e Bastos (1997), que identificaram que utilização da imprensa pedagógica como objeto e fonte de pesquisa possibilita a ampliação do corpus documental e da investigação das representações de professoras primárias, uma vez que permite-nos perceber a consolidação dos discursos em circulação da época.

Para tanto, foi elaborado quadros a partir dos levantamentos em busca do quantitativo de professoras autoras, de temáticas abordados, frequência e textos que fizeram menção as práticas ou atributos das professoras. As técnicas utilizadas nas buscas foram realizadas por meio de palavras-chave, utilizando aspas nas procuras e com grafia à época.

Em um segundo momento, realizou-se leitura dos sumários e dos exemplares da revista, a fim de identificar outros textos que não foram localizados pelos filtros por meio de palavras-chave. De outubro de 1916 a março de 1938, foram publicados mensalmente exemplares com aproximadamente quarenta páginas. Destes foram localizados 54 números completos entre os anos de 1916 a 1924. Deste total, trabalharemos com 28 números deste periódico⁸.

A partir disso, buscamos identificar as representações que a revista fez circular em torno da professora, que não estão expressos em uma primeira análise, mas, naquilo que não é dito, nos indícios. Para tanto, foram observados os aspectos referentes às composições, as pautas, as permanências de professores responsáveis pelas seções e a abertura para a participação de mais professoras na colaboração do impresso.

Por meio desta pesquisa foi possível encontrar um trânsito regional de intelectuais da época com ações que buscavam divulgar a ideia de nação e o início de uma discussão acerca de aspectos da Escola Nova.

Optamos por trabalhar com um conjunto de fontes que mesclou documentos da imprensa periódica, Estatuto da revista *A Escola Primária*, leis e fotografias. Depois de localizar os números dos exemplares disponíveis da revista *A Escola Primária*, foi realizado buscas de artigos que evidenciassem as concepções de professoras por meio de palavras-chaves.

⁸ Quadro com os números localizados estão localizados em apêndice B.

Quadro 1 - Palavras-chave utilizadas para pesquisa de artigos na Escola Primária

Palavra-chave	Número de ocorrências	Número de artigos dentro do recorte temporal
Professora	215	3
Professora primária	10	5
Mulher professora	2	2
Educadora	80	27
Educação feminina	3	3
Mestra	215	119
Jardineira	3	1
Catedrática	26	9

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de pesquisas realizadas na Hemeroteca digital entre os meses de novembro de 2020 a junho de 2021 e o acervo UFSC entre os meses de junho a setembro de 2021.

As palavras-chave utilizadas para as buscas foram selecionadas a partir de termos usuais da época que denominavam cargos, títulos e expressões de educadores ou intelectuais. A exemplo da palavra “jardineira” que tinha base nos conceitos de Froebel, que entendia a classe infantil como um jardim, desta forma a professora era a jardineira e os pequeninos flores a cultivar (AMARAL, 1921).

Das buscas realizadas, no primeiro momento, foram selecionados 18 artigos⁹ que traziam informações sobre as professoras, ou suas concepções sobre o magistério primário ocupado por mulheres ou que fizeram menção, materiais com temas referentes a educação nacional, pautas pedagógicas, educação feminina, formação de professores primários, dentre outros.

Desta forma, totaliza quarenta e oito textos extraídos da revista, que faziam referência educação e à instrução feminina, as professoras primárias ou textos de autoria de professoras em que aludiam a seu cotidiano, a perspectiva sobre a carreira docente ou que expressavam opinião sobre assuntos educacionais.

⁹ Quadro com os artigos selecionados encontram-se no capítulo 1.

Quadro 2 - Artigos selecionados para análise na revista A Escola Primária
(1916 a 1924)

Nome do Autor (a)	Título do Artigo	Ano/ edição e nº		Seção
Afranio Peixoto	A Escola Primária	1916	Ano 1, nº1	Capa
Ignácio do Amaral	A escola Mista	1917	Ano 1, nº 5	Ideias e Fatos
*Autoria desconhecida	Caminho Percorrido	1917	Ano 1, nº12	Capa
Frota Pessoa	Infiltração Técnica	1918	Ano 3, nº1	Capa
*Autoria desconhecida	O Segundo Aniversário	1918	Ano 3, nº12	Ideias e Fatos
Myrtes de Campos	Os direitos e deveres da mulher	1919	Ano 4, nº 11 e 12	A Escola
F. M.	A educação da Mulher	1919	Ano 4, nº 11 e 12	Ideias e Fatos
Afranio Peixoto	Educação Nacional: aspectos femininos	1920	Ano 7, nº 7 a 10	Ideias e Fatos
Myrthes Campos	Direitos e Deveres da Mulher	1920	Ano 4, nº 7 a 10	Ideias e Fatos
Afranio Peixoto	Aspectos Femininos (conferencia)	1920	Ano 4, nº 7 a 10	Ideias e Fatos
Ignácio do Amaral	Escola Mista	1921	Ano 5, nº 2	Ideias e Fatos
A. Rosa Ferreira	Fatos da Disciplina Escola	1922	Ano 6, nº11	A Escola
Zeila Jacy Oliveira Braune	Ligeiras notas sobre os programas das escolas primárias	1922	Ano 6, nº1	Ideias e fatos

Escragnole Doria	Ensinar refletindo	1923		Ideias e Fatos
Maria Amélia Daltro Santos	A missão social da mulher	1924	Ano 8, nº3	Ideias e Fatos
*Autoria desconhecida	Nosso Aniversário	1927	Ano 10, nº12	Capa

Fonte: Quadro elaborada pela autora em consulta direta ao periódico publicado entre 1916 a 1924. No quadro não constam as Cartas Serranas, pois encontra-se no quadro número 9.

Além dos artigos selecionados para as discussões, foram examinadas os editoriais, colunas, cartas ao leitor, capas, manchetes, fotografias, anúncios e publicidade, temáticas recorrentes, diretores e redatores, com o objetivo de compreender os direcionamentos e concepções em circulação pela revista. Para o exame do material adotamos os protocolos de leitura proposto por (CHARTIER, 2002), compreendidos como as marcas e pistas presentes nas capas e no texto. A partir disso, identificamos e analisamos os diretores do impresso, colaboradores e organização da revista, a fim de compreender o seu discurso em torno da educação.

A respeito disso Bastos (2002) afirma que: “A imprensa educacional é um *corpus* documental de vastas dimensões, pois se constitui em testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e de ideologia moral, política e social de um grupo profissional” (2002, p.5). A imprensa pedagógica, revela-se como uma potente fonte e objeto de pesquisa, pois nos permite analisar o que circulou sobre a representação do trabalho docente, os debates, organização do ensino e outras questões que emergiram no campo educacional à época. Nas palavras de Caspard e Caspard (1988):

A imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifestam, de um ou de outro modo, o conjunto dos problemas desta área. É difícil imaginar um meio mais útil para compreender as relações entre teoria e a prática, entre os projetos e as realidades, entre a tradição e a inovação, são as características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o carácter fugaz e polémico, a vontade de intervir na realidade) (1988, p. 31).

Nesse ponto é importante compreender que imprensa produz e expressa um ponto de vista. A partir disso Caspard (p.31), aludi-nos de que a imprensa pedagógica expressa concepções e as práticas educativas de determinada época, o

que nos permite um panorama das tendências adotadas no contexto. Neste particular, os periódicos empenharam um papel de intervenção na ação educativa, e a esse respeito Rodrigues (2010) destaca que as revistas evidenciam:

[...] as diretrizes oficiais que a escola recebe e necessita atender e ao mesmo tempo permite a identificação de outros fatores integrantes da construção do que denominamos espaço escolar, ou seja, os pontos de confluência que compõem as diversas facetas registradas no impresso. Tomando por base o que está registrado no impresso, pode-se ampliar a compreensão que se tem construída acerca do universo escolar, adentrando o ensino e suas características por perspectivas outras, diferentes daquelas consideradas consolidadas (2010, p. 313).

Ademais, é interessante pensarmos categoria de impresso e as redes de sociabilidades formadas pelos sujeitos que nelas escreviam, pois deste modo entendemos as ações, defesas e táticas e estratégias desses sujeitos.

A partir dessa seleção de artigos, examinamos a revista como objeto de pesquisa, para tanto elaboramos um roteiro com base nos trabalhos de Catani e Souza (1999), Cruz e Peixoto (2007), Camara e Nunes (2020), sendo organizadas por: título, subtítulo, local, editora, ciclo de vida, periodicidade, acervo, números disponíveis, total da coleção, identificação e segmentação, papel, formato, páginas, diagramação, organização e colaboradores. A partir desse roteiro foi possível organizar e analisar a materialidade da revista, e realizar levantamento de nomes de professoras que escreveram, bem como colaboradores fixos, preços, dentre outros dados.

Na produção do estado da arte da temática abordada, foi realizado levantamento pelo catálogo de dissertações e teses da CAPES entre os meses de abril a junho de 2020 por meio de palavras-chaves: Revista *A Escola Primária*, com 1 resultado, Revista Pedagógica, 13; Imprensa pedagógica, 45; professoras primárias, 94.

Deste total de trabalhos localizados¹⁰ foram selecionados três, em que indicavam discussões sobre imprensa pedagógica na cidade do Rio de Janeiro no período de 1916 a 1924, professoras primárias no século XX e que tivessem tópicos ou capítulos relacionados a revista *A Escola Primária*. A tese de autoria de Mariza da Gama Leite de Oliveira (2015) “Debates e embates na instrução pública primária e seus efeitos nas Práticas do Instituto Ferreira Viana (Rio de Janeiro, 1929-1940)”,

¹⁰ Quadro com levantamento em apêndice A.

ajudando-nos a compreender a organização da revista ao trata-la no tópico falando da *A Escola Primária*.

A tese de Merilin Baldan (2015) “Notas sobre o debate entre a modernidade e a tradição nas ideias pedagógicas nas décadas de 1920 e 1930: o esboço de um conflito”, que auxiliou a compreender a condição feminina e o papel das professoras no contexto da década de 1920.

A dissertação de Giselle Baptista Teixeira (2016) “A imprensa pedagógica no Rio de Janeiro: os jornais e as revistas como agentes construtores da escola (1870 - 1919)”. Com a palavra-chave obtivemos cerca de 581.000 resultados, após a leitura dos títulos notamos que os trabalhos de modo geral não tinham relação com o objeto pesquisado.

Com a palavra-chave “revista a Escola Primária” selecionamos dois trabalhos no Google Acadêmico, de autoria de Maciel e Silva (2020), “Revista a *Escola Primária* (1916-1938) e os saberes para ensinar matemática”, especificamente no item que apresentam a revista como fonte e objeto. O segundo texto, de autoria de Oliveira (2018), “A formação do professor através da revista *A Escola Primária* (Distrito Federal, 1916 – 1938)”, a autora enfatiza a criação da revista, seus idealizadores e colaboradores, além de trazer discussões sobre o panorama do periódico e as principais questões educacionais associadas a discussão da nação republicana. Nesta direção, os dois artigos selecionados trazem elementos importantes para compreendermos o histórico da revista e sua proposta.

Outros levantamentos¹¹ foram realizados em três revistas especializadas de história da educação, a fim de ampliar o conhecimento do que se tem pesquisado sobre o tema. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: educação feminina, mulher no magistério, professora, revista pedagógica e revista *A Escola Primária*. Destas buscas foram selecionados apenas os trabalhos cuja centralidade ou discussão estivessem relacionadas com a revista e ou imprensa pedagógica e professoras primárias durante o século XX.

Destacamos os trabalhos de Saulo e Souza (2014), sob o título: “Educação de mulheres nas páginas de manuais de história da educação (1930-1970)” publicado nos *Cadernos de História da Educação*. Com a temática referente a educação feminina destacou-se Ferreira, com o artigo “Ser Stella: um estudo sobre o papel da

¹¹ Outros artigos foram selecionado e se encontram em apêndice B.

mulher e da educação feminina na Juiz de Fora do início do século XX” (2012), na *Revista Brasileira de História da Educação*. O artigo sob título “Modelos para formação de professores nas páginas do Teachers College Record (1900-1921)”, de autoria de Valdemarin, pela *Revista de História da Educação* (2016).

Após a pesquisa bibliográfica¹² observamos que não há muitos estudos a respeito da revista *A Escola Primária* como objeto de pesquisa, sendo utilizada com mais frequência como fonte. Consideramos que essa revista foi um importante periódico para difusão dos ideais da Escola Nova no Brasil sob a perspectiva dos Inspectores Escolares do Distrito Federal.

Seguindo a linha de análise proposta para este trabalho, utilizamos Le Goff (1976), para operar com as fontes escritas, possibilita-nos perceber os documentos no sentido mais amplo, como documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som ou a imagem.

Chartier (2002), a partir do seu entendimento sobre representações em que defende que as representações como construções sociais das experiências, trabalhamos com a ideia que em os indivíduos ou os grupos protejam suas visões de mundo, isto é, constroem representações de acordo umas suas ideologias. As representações são construções sociais e estão relacionadas a determinados grupos. Desta forma:

[...] As "representações" são construções sociais da realidade, em que os sujeitos fundamentam suas visões de mundo a partir de seus interesses e de seu grupo. Dessa forma, os sujeitos e o grupo ao qual pertence criam representações de si mesmos e de outros grupos, fundamentando suas visões de mundo sobre as experiências históricas. As representações visam construir o mundo social, sendo elas as matrizes dos discursos e das práticas dos grupos. Assim, compreender as representações dos grupos é compreender como o mundo dos mesmos é construído socialmente (COELHO, 2014, p.95).

A partir disso, analisamos as representações de professoras construídas pelos diretores e colaboradores para a revista *Escola Primária*. Chartier aponta que existem ao menos duas definições para o conceito de representação. Trabalhamos com a ideia ligada a contribuições sociais da realidade, que está relacionada aos interesses dos indivíduos e de seus grupos. Nesse sentido, foi necessário investigarmos quais os objetivos e interesses da revista no contexto específico e a

¹² Quadro com trabalhos localizados e resultados no apêndice C.

partir disso entender como as representavam. Os grupos criam representações, e é importante perceber a intencionalidade do grupo que compunha a S.A. Escola Primária.

Ademais, Luca (2011), nos alerta para a importância da análise da estrutura interna de um periódico, pois compõe-se por técnicas de impressão, diagramação e ao mesmo tempo de valores da revista e das necessidades da sociedade.

As contribuições de Sirinelli (2003) quanto as “redes de sociabilidade” formada por Esther Pedreira Mello, inspetores escolares, colaboradores da revista e professoras primárias públicas, permite compreender os objetivos e valores em comum. O conceito de redes de sociabilidade, proposto pelo autor, também será importante para as relações entre as professoras primárias e as autoras da revista.

A partir dessa perspectiva, as estruturas de sociabilidade constituem uma ferramenta para compreender a função, objetivo, organização e a dinâmica da revista, observando os vínculos e tomadas de posição; o que nos auxilia inclusive a compreender as relações das professoras que escreviam na revista, Esther Pedreira, Maria Stella, Esmeralda Masson, Myrtes Campos, dentre outras, como também, entender como se inseriam no grupo de professoras públicas.

Nessa direção, Certeau (1998), nos ajudou na análise da revista, sob o conceito de produção dos consumidores, pois a partir desta perspectiva é possível pensarmos o periódico a partir das operações dos usuários. Certeau, afirma que os sujeitos consumidores constroem uma operação, não apenas consomem, mas elaboram, e rompem com o que está instituído. A esse respeito o autor provoca a refletir acerca dos discursos presentes nas *Cartas Serranas* de autoria de Maria Stella. Nesse sentido, os sujeitos que elaboravam a revista tinham um projeto explicitado e expressavam suas concepções, e os sujeitos leitores não necessariamente consumiam de forma passiva os conteúdos e ideias expressas pela revista.

A dissertação encontra-se organizada em três capítulos. No primeiro, “abrindo a revista a escola primária: diálogos entre inspetores escolares e o professorado primário”, discorreremos inicialmente acerca do que é a imprensa pedagógica e o contexto do surgimento da *A Escola Primária*. Apresentamos também o impresso e os aspectos relacionados a sua materialidade, estrutura, organização e história. Além disso, procuramos compreender seu projeto editorial, bem como intenção intelectual e as representações de professoras por meio dos artigos publicados.

No segundo capítulo, com o título “do quadro negro às páginas dos impressos pedagógicos: as professoras pela revista a escola primária” buscamos compreender a condição feminina e o papel da professora. Investigamos as professoras que colaboravam com a revista e a partir disso, procuramos estabelecer conexões destas educadoras e seus envolvimento em programas de ensino, escritas de livros, impressos e participação em congressos e conferências educacionais, a fim de compreende-las dentro de uma rede formada por professoras primárias e por inspetores escolares públicos.

O terceiro e último capítulo, analisamos a coluna *Cartas Serranas* escritas pela professora Maria Stella em que buscamos identificar as representações do magistério pelo diálogo entre a autora e professoras. As correspondências evidenciavam características e qualidades pertinentes as professoras e orientações acerca de suas práticas, que iam desde a resolução de conflitos em classe até como apresentar o modo mais adequado de vestimenta.

Esperamos que este trabalho contribua com os estudos da História da Educação no que se refere as representações de professoras primárias produzidos pela revista *A Escola Primária*, pensando-a no contexto de sua produção.

1 ABRINDO A REVISTA A ESCOLA PRIMÁRIA: DIÁLOGOS ENTRE INSPETORES ESCOLARES E O PROFESSORADO PRIMÁRIO

1.1 “Uma revista deve ser antes guia didático do que repositório de questões doutrinárias”: a imprensa pedagógica no contexto educacional

A imprensa educacional é um corpus documental de vastas dimensões, pois constitui-se em testemunhos vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e de ideologia moral, política, e social de um grupo profissional. É um excelente *observatório*, uma *fotografia* da ideologia que preside. Nessa perspectiva, é um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar (CATANI; BASTOS, 2002, p. 5).

Mais do que um repositório, os impressos nos possibilitam inúmeras interpretações do passado, pois guardam em suas páginas as marcas do seu tempo, suas ideais e representações que os atravessavam. A partir disso compreendemos que os discursos produzidos em torno do progresso também os modificaram dando-lhes novos contornos, especialmente nos primeiros anos de século XX.

No contexto histórico da Primeira República (1889-1930), que ocorreu a ampliação da produção de impressos no país. O mercado editorial, estava em meio à efervescência das questões sociopolíticas e com isso havia diferentes tipos de impressos em circulação, dentre eles a imprensa pedagógica.

Segundo Teixeira (2016), por volta dos anos de 1839, já havia ocorrências das primeiras publicações desse segmento de imprensa no Rio de Janeiro. Os impressos eram organizados por iniciativa de associações, cujos objetivos eram auxiliar o professorado nas questões de formação e práticas pedagógicas ou com o fim de legitimar projetos educacionais vinculados aos ideais da Diretoria de Instrução, do Estado, da Igreja ou de determinados grupos como professores particulares, mulheres, médicos, dentre outros. Desses diferentes segmentos de imprensa periódica pedagógica havia também categorias de impressos tais como: anais de congressos, relatórios, boletins, almanaques, jornais e revistas.

Com a chegada de novos artefatos tecnológicos barateamento do papel e novos usos de publicidades e anúncios, houve a ampliação da produção de revistas,

principalmente com títulos segmentados, isto é, destinados a um público com interesses específicos Santos (2014) aponta que:

A partir de 1900 as revistas começam a visibilizar as marcas de novas configurações, a serviço de quem as pudesse pagar: o público diversificado em grupos segmentados. É desse nicho de público, que visava a informação e o conhecimento legitimado (2014, p. 133).

Dessa forma, as revistas pedagógicas procuravam segmentar seu público, nesse ponto vale destacar as que ofereciam conteúdo específicos aos professores, tratavam de temas sobre a docência, as metodologias, os assuntos educacionais e os didáticos-pedagógicos. A partir disso, foi possível capturamos por exemplo publicações referentes as discussões em torno da reflexão da educação e o aniversário do Centenário da República (1922) do Brasil, de aspectos a constituição de nação estavam em disputa.

Nessa época, as revistas aproximavam-se de uma coletânea ou de um jornal, no entanto diferenciava-se nos detalhes tais como: o uso de ilustrações com fotografias ou desenhos, capas mais elaboradas, entrevistas e na organização por seções. Santos (2006), aponta que na passagem dos anos de 1910 a 1920 já era possível diferencia-los, pois:

[...] na prática, era difícil distingui-la dos jornais pelo aspecto visual. Ambos eram muito semelhantes, graficamente'. Com o progresso da indústria gráfica, essas diferenças foram se evidenciando, fazendo com que a revista ganhasse um aspecto mais trabalhado, e o conteúdo, que já era diferente, continuou [...] (2006, p.39 - grifos do autor).

Além dos aspectos gráficos trabalhados pelas revistas, também se diferenciavam dos jornais, pois construíam um vínculo mais próximo ao público leitor com o incentivo à coleção das edições, continuação de determinado artigo no próximo número, na construção de temáticas que pudessem envolver leitores determinados pelo perfil do periódico.

Ainda a esse respeito, as revistas pedagógicas além de passarem por modificações do ponto de vista de sua estética, também modificaram sua estrutura, visto que atravessaram naquele período diferentes contextos em que foram remodelados o papel da escola e do ensino. Portanto, os periódicos foram dispositivos empregados para a intervenção nas questões educacionais do século

XIX e início do século XX, fazendo parte desses acontecimentos e se transformando em agentes construtores da escola (TEIXEIRA, 2016, p.14).

A revistas pedagógicas, assim como a educação nacional, passou a assumir interpretações relacionados a ideias de civilizar para regeneração da nação, civilidade, modernidade e progresso. Acompanhavam as tendências filosóficas, sociais e políticas da época, em que a palavra de ordem era “civilizar” e Brasil o “moderno” (HERSCHMANN; PEREIRA, 1994).

Nesse cenário, o modernismo ocupou amplo espaço no campo intelectual (HERSCHMANN; PEREIRA, 1994), e marcou também uma série de ações que vislumbrava a modernização da sociedade. Segundo Moraes (1978), o movimento modernista entre 1917 a 1924 era considerado pelos intelectuais¹³ um período em que o crescimento do movimento foi mais lento e que buscavam integrar um número maior.

Cabe ressaltar que, a imprensa Pedagógica se diferenciava da imprensa comercial, pois o seu lugar de produção, público alvo, objetivos e temas abordados eram diferentes, pois eram direcionados para as questões educacionais e de ensino. É importante destacar que, dentro da categoria imprensa pedagógica para professores, também existiam diferenças, e estas se localizavam não somente nos tipos de conteúdo, mas na intencionalidade de cada publicação. Não havia neutralidade nas publicações nos impressos pedagógicos, estando ligados a ideologias, a correntes filosóficas ou ao governo. Assim, Rodrigues aponta que:

A Imprensa Pedagógica não divulga as informações de forma imparcial, neutra, ao contrário, divulga aspirações, concepções políticas, ideológicas, apresenta necessidades e objetivos específicos do grupo que propõem sua editoração, publicação (2010, p. 314).

É preciso compreender que os periódicos estavam ligados e expressavam às ideias de determinados grupos a que pertencia ou se articulava. Exemplo disso, é que durante as primeiras décadas do século XX, havia no Rio de Janeiro, revistas direcionadas especificamente aos professores, cuja produção estava associada as práticas pedagógicas ligadas aos programas de ensino vigentes.

Outro exemplo é que a partir dos anos de 1930 houve produções como os boletins oriundos da Direção-Geral de Instrução Pública que essencialmente

¹³ Sirinelli (2003), define os intelectuais como engajados na cidade ou em locais de produção de conhecimento. Desta forma, é possível formar redes de sociabilidade.

publicavam normas e projetos educacionais afinados com os projetos desenvolvidos pelas diretorias.

Existiam também revistas pedagógicas com objetivos: de reivindicar mudanças de defesa do magistério, os conteúdos escolares, dentre outros. Nesse sentido, “os docentes não vão somente responder a uma necessidade social de educação, mas também criá-la” (NÓVOA, 1991, p. 123). Vale destacar que, as revistas apresentavam também conteúdos ligados ao social como: festas, festivais, comemorações e eventos. Isso possibilita analisar as redes formadas pelos educadores para além das instituições escolares, visto que também se formava nas relações que estabeleciam com as pessoas em diferentes espaços e campos do conhecimento.

Embora tenha ocorrido um aumento significativo no número de revistas do segmento de professores nas primeiras décadas do século passado, havia a dificuldade de criação de um periódico envolvia este movimento árdua tarefa, pois abrangia atividades como convocação de colaboradores, financiadores, obtenção de papel, escolha de uma gráfica, legalização na Junta Comercial, escolha de espaço para sede do empreendimento, definição do público-alvo, além da organização de arrecadação de lucro através das assinaturas para que o periódico pudesse ser publicado (SANTOS, 2014).

Contudo, as primeiras décadas dos noventa assistiu a uma volumosa e variada produção de revistas dirigidas por associações. Segundo Teixeira (2016), essas associações produziram importantes impressos pedagógicos. Entre os anos de 1889 a 1919 três associações docentes produziram impressos: a Associação dos professores do Brasil, *Eschola*, em 1900 e *O Magistério*, em 1909. O *Centro dos Professores Municipaes*, em 1915, a Liga dos professores *O Ensino* em 1919. Na lista de associações existentes no Rio de Janeiro para o período de 1903 a 1916, apresentada por Fonseca (2008), é possível encontrar referências as associações ligadas à educação.

Quadro 3 - Associações ligadas a educação no Rio de Janeiro (1906-1916)

Nome da Associação	Ano
Sociedade Amante da Instrução	1906
Sociedade Propagadora da Instrução e	1907

Melhoramento Moral do povo (1907),	
União Brasileira de Educação e Ensino	1907
Caixa Beneficente da Corporação Docente do Rio de Janeiro	1907
Associação Municipal Protetora da Instrução e da Infância Desvalida	1907
Associação Feminina Beneficente e Instrutiva do Rio de Janeiro	1911
Associação Promotora da Instrução	1912
Associação Escolar	1913
Sociedade Protetora da Instrução	1913
Sociedade Protetora da Instrução	1913

Fonte: Quadro elaborado pela autora através de dados coletados por Teixeira (2016).

A partir da compreensão de que muitos impressos pedagógicos eram produzidos por associações ou autoridades governamentais demonstra que a imprensa pedagógica não era apenas um repositório de informações sobre o funcionamento da escola, conteúdos, ideias e percepções, mas também representava ideais e resistências. A imprensa pedagógica assumiu um papel diferente de intervenção social e apropriou-se das demandas educacionais à época constituindo-se em um espaço de disputas.

O impresso foi utilizado como um dispositivo de configuração das práticas escolares do itinerário educacional (CARVALHO, 2005). Com isso, consideramos que a imprensa não é apenas um repositório de informações, mas também se configura como articulador e idealizador de ideias e de projetos. Ainda a esse respeito, Accácio (2005), aponta que se tinha a ideia de que a educação era capaz de reformar a sociedade. Desejava-se que a escola transformasse os hábitos e assim remodelasse a nação. Desta forma, podemos perceber que durante os anos de 1910 a 1920 ecoaram processos de reformas educacionais, que por sua vez resultaram na ampliação de novas teorias, conceitos, conteúdos a fim de atingir os alunos e os professores. Nesse cenário a imprensa educacional se amplia e também e foi utilizada como suporte material, segundo Mathieson (2013):

Nesse cenário, a imprensa periódica educacional surgiu como importante suporte material de orientação didática e de formação do magistério, pois ela tinha dupla intenção: formar os professores e informá-los de fatos e de

acontecimentos. Criou-se, assim, por meio do discurso promovido pela imprensa periódica, um espaço comum aos professores para a discussão de questões educacionais. Desse modo, a imprensa periódica educacional, por um lado, trazia aos professores dados novos sobre pedagogia e, por outro, agia como motivadora do debate político e educacional. Portanto, é um espaço que possibilita ao pesquisador da área de História da Educação a percepção de tendências do pensamento coletivo e da atmosfera mental de uma época (2013, p. 179).

É importante compreender que a imprensa pedagógica, além de ser um suporte aos professores, também era um espaço de embates políticos e de ideias pedagógicas. Os impressos do segmento educacional nos permitem compreender, em alguma medida, o processo e a discussão da modernização da nação e da cultura brasileira. Fazia parte desse contexto uma série de movimentações que se apresentaram no cenário educacional, consequência de reformas educacionais do ensino público e tendências de ensino que se apresentavam. Para tanto, foi necessário um movimento de organização dos aparelhos escolares que visava uma nova finalidade pedagógica e social, com isso também uma redefinição do papel do professor. Diante disso, as Escolas Normais do Distrito Federal passaram por uma série de reformas em sua estrutura a fim de formar professoras aos moldes dos ideais republicanos, assim como afirma Kulesza (2002):

Nas Escolas Normais, professoras seriam formadas em um prédio arquitetonicamente planejado, sob as novas disciplinas e métodos de ensino, sob condutas de civismo, noção de patriotismo e nacionalidade, com a finalidade de formar cidadãos para as novas gerações de brasileiros, contribuindo e empenhando-se para consolidar o Estado Republicano (2002, p. 240).

A partir dessas mudanças na Escola Normal, buscava-se formar professoras que colaborariam de forma efetiva na construção de uma educação voltada para a construção de uma nação cujo objetivo era a mudança pelo progresso e a constituição de uma nação brasileira. Para tanto, um conjunto de reformas ocorreu durante os anos 1920 e fazia parte de um movimento que não se limitava à escola, mas tinham como essência a ideologia liberal. As transformações propostas miravam em diferentes instituições sociais e da forma de governo, no qual buscava a construção de uma cultura brasileira, que até então era baseada nas ideias europeias. Além disso, pautado nas questões relacionadas ao analfabetismo e a saúde, era por meio da educação, em especial pela escola primária, que seria possível remodelar a sociedade pelas futuras gerações. Nessa perspectiva, a

educação foi vista nesse período como uma esfera de transformação da sociedade, para Camara:

A década de 1920 foi palco de movimentos que procuraram retratar o Brasil, diagnosticando as causas dos seus males e de seu atraso. Nesse cenário, a educação foi concebida como instrumento capaz de contribuir na resolução de alguns dos principais problemas que assolavam o país, como o analfabetismo, a ignorância e a doença, quando, por meio da escolarização da população, pretendia-se promover a reeducação da sociedade (2013, p. 46).

É preciso compreender que os movimentos de reformas faziam parte de matrizes que caracterizam os movimentos, a exemplo da Escola Nova¹⁴, que embora tenha sido adotado para a caracterização de um trabalho para a propagação de ideias relacionadas às reformas escolares na década de 1920, vinha ganhando força em outros países desde o século XIX, em que pesavam procedimentos de ensinamentos que diferenciavam do ensino tradicional (CAMARA, 2013). Esse movimento implicava diretamente no rompimento com a Igreja, embora em alguns momentos os discursos se aproximassem, principalmente pela formação religiosa de intelectuais como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, elaboradores da Escola Nova no Brasil (CAMARA, 2013).

Desse modo, os intelectuais da década de 1920 buscaram solucionar os problemas do país pela educação e para isso fundamentaram suas propostas em diferentes áreas do conhecimento. Em suma, muitos desses intelectuais que atuaram na educação tinham formações acadêmicas nas áreas de medicina, direito e engenharia, e de algum modo, isso articulou projetos entre educação e saúde. Na passagem da década de 1910 para a de 1920 vislumbrava-se o progresso da nação brasileira, para isso era preciso promover a ação modernizadora, sendo a educação o principal pilar a ser alcançado (CAMARA, 2003).

A partir disso, houve reformas de ensino e estratégias para difusão das novas ideias pedagógicas baseadas em estudos acerca da criança e de sua aprendizagem que começaram a ser introduzidas nas práticas escolares, e conseqüentemente teriam uma forte relação com o desenvolvimento técnico e científico e com as

¹⁴ A Escola Nova começou a partir de movimentos de educadores que buscavam variar seus métodos de ensino a partir de novas perspectivas ao desenvolvimento das crianças. Escola Nova no sentido de ser diferente das que existiam então (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 17).

transformações econômicas e sociais daquele tempo. A partir disso, utilizou-se estratégias para o convencimento, Hoeller (2014) aponta que:

[...] Na década de 1920, pode-se propor que a nação ou um projeto de nação, deveria se constituir pelos aspectos objetivos e subjetivos. Objetivos: compartilhar e defender o uso da língua nacional, pertencer ao mesmo território (brasileiro), procurando vencer a heterogeneidade [...] os aspectos subjetivos: pela consciência e sentimento nacionais (cultivar o desejo de pertencer a nação brasileira, amor à pátria, valorização da cultura brasileira – datas, grandes vultos, e heróis nacionais) (2014, p. 30).

Assim a esperança no papel regenerador da escola, que garantiria a educação das crianças e por meio destas das famílias na intervenção pública, e privada e na esfera social pela formação das futuras gerações. Dessa maneira, as revistas pedagógicas ganharam destaque, pois além de refletirem as concepções pedagógicas em voga, também eram manuais de orientação aos professores. Como aponta Hoeller (2014), a imprensa pedagógica, de modo geral, elaborava seu editorial baseado nessa perspectiva, isto é, publicavam artigos com datas comemorativas importantes, que fossem em forma de crítica ou não, a valorização da língua materna a partir de extensos conteúdos de leitura, escrita e gramática.

Tanto nos aspectos objetivos e subjetivos que estavam relacionados às ideias de nação, fundamentaram também os princípios da educação escolar. As proposições, os conteúdos, as concepções e representações expostas nos periódicos educacionais em grande maioria pretendia expressar a tendência de modernidade e construção de uma cultura brasileira e o sentimento nacionalista¹⁵. Os artigos relacionados à valorização da língua materna, a história do Brasil, ou mesmo as datas comemorativas estampadas nas capas dos impressos, evidenciam a produção cultural que se desejava construir. Por serem também o símbolo do novo século, as revistas como *A Escola Primária*, *A Escola*, *A revista de Educação*, dentre outras, ocuparam durante as décadas de 1920 a educação e as escolas primárias modificaram as práticas do professorado.

Nesse contexto, destacaram-se intelectuais de diferentes áreas nas discussões educacionais e na construção de um campo, baseado no desejo de renovação e transformação. A partir disso, as revistas a fim de orientar o professorado como atuarem e também ganharem credibilidade em suas

¹⁵ Nação e nacionalismo correspondem a realidades que têm forte impacto sobre a política (GUIMARÃES, 2008).

publicações, utilizaram como estratégias a colaboração de educadores de renome da época.

É nesse cenário de demarcação da modernização, e a criação da Associação Brasileira de Educação¹⁶, a comemoração do Centenário da Independência e a construção do ideário de cultura e nação brasileira que, as reformas educacionais assumiram um papel fundamental no discurso de construção da educação pelo progresso. Nesse contexto social e educacional, identificamos a criação e circulação da revista *A Escola Primária* que desdobraremos nos próximos capítulos.

1.2 “A publicação é um ato de esperança!”: nasce uma revista para o professorado

A Escola Primária vingará, com tantas nobres empresas de utilidade reconhecida, a que dá auxílio a gente boa dessa terra do Brasil [...] queremos aproveitar dar-se-á nela tudo. E metade dele, a confiança no êxito, o resto será esforço, que esse não há de faltar (PEIXOTO, 1916, p. 1).

A revista *A Escola Primária*, nasceu do desejo dos inspetores escolares da capital do país de editarem uma revista de ordem científica pedagógica, que tinha como objetivo orientar, trocar ideias e oferecer recursos para o professorado. Seus fundadores, a professora Esther Pedreira de Mello juntamente com um grupo de colegas professores e Inspectores Escolares inaugurou a revista na cidade do Rio de Janeiro em outubro de 1916.

Destes idealizadores da revista, atuaram como seus diretores¹⁷ Esther Pedreira de Melo, Arthur Magioli e como redatores Diniz Junior, Silva Pereira, Alfredo Cesário Alvim e Domingos Magariños. Os diretores eleitos, trouxeram um modelo editorial simples, mas com extensos e variados conteúdos relacionados a educação e ao ensino primário. Baldan (2015), aponta que a escolha dos editores

¹⁶ Associação Brasileira de Educação foi o principal agente de promoção de atividades relacionadas a difusão da ciência na década de 1920 (MASSARANI, 1998).

¹⁷ No dia 3 novembro de 1922, houve eleição da nova administração em assembleia em que foi constituída pelo Presidente Alfredo Cesário de Faria Alvim; diretores, Raul de Faria, João Baptista da Silva Pereira, Ignácio Azevedo do Amaral; conselho fiscal, Luiz Cistrne Lima, Francisco F. Mendes Viana e José Venerando da Graça; suplentes, Paulo Albuquerque Maranhão, José Custódio Nunes e José C. Costa Sena (*A Escola Primária*, 1922, p. 298).

era estratégica, pois ao escolher um autor cujo reconhecimento era notável no campo educacional, garantiria o sucesso e aceitação junto ao público leitor.

Além destes, formavam o corpo editorial Raul de Faria¹⁸, Leopoldo Diniz Júnior¹⁹, Alfredo Cesário de Faria Alvim²⁰, João Baptista da Silva Pereira²¹, Afrânio Peixoto²², Antônio Carlos Velho da Silva²³, Oscar de Aguiar Moreira²⁴, Francisco M. Vianna²⁵, dentre outros (SANTOS, 2014), com exceção de Afrânio Peixoto e Francisco M. Vianna, todos os sócios eram ou foram Inspetores Escolares.

Criada na segunda metade da década de 1910, a revista, inicialmente foi editada pela livraria e editora Francisco Alves e Cia. localizada na Rua do Ouvidor número 166, Rio de Janeiro, que era uma renomada livraria especializada em livros didáticos (SILVA, 2008). Todas as edições eram produzidas pela gráfica da livraria Francisco Alves. Nas últimas páginas da revista, apresentava as condições técnicas de produção e impressão, que eram realizadas com linotipo²⁶ (linotype), que se referia a um tipo de máquina que unia em blocos as linhas, como uma máquina de escrever; e a impressão era realizada pela machina Alauzet, um tipo de impressora (BARBOSA, 2007).

¹⁸ Professor da Escola Normal e diretor da revista *A Escola Primária*.

¹⁹ *Leopoldo de Diniz Martins Júnior* nasceu em Florianópolis, então Desterro, no dia 2 de setembro de 1889. Fez seus primeiros estudos em sua cidade natal e bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1909. De volta a Santa Catarina, foi promotor público em Laguna entre 1910 e 1913 e inspetor escolar a partir de 1914 (CEPDOC, verbete, 2022).

²⁰ 7 de junho de 1839 — Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1903) foi um advogado, economista, fazendeiro e político brasileiro. Foi presidente do estado de Minas Gerais, de 25 de novembro de 1889 a 10 de fevereiro de 1890 e de 18 de junho de 1891 a 9 de fevereiro de 1892 (Wikipédia, abril de 2022).

²¹ Ausência de informações.

²² Médico, Inspetor Escolar, parlamentar (MARTINS, 2004).

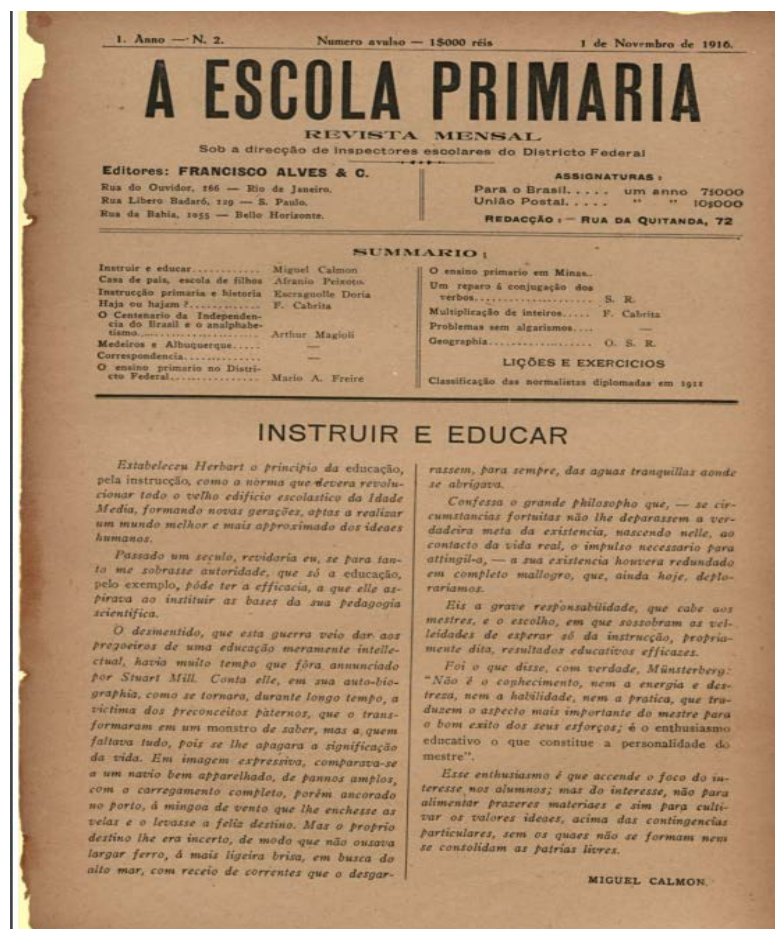
²³ Inspetor Professor (SANTOS, 2014).

²⁴ Ausência de informações.

²⁵ Diretor de Curso Normal privado, estabelecido à rua Gonçalves Dias nº 30 (SANTOS, 2014).

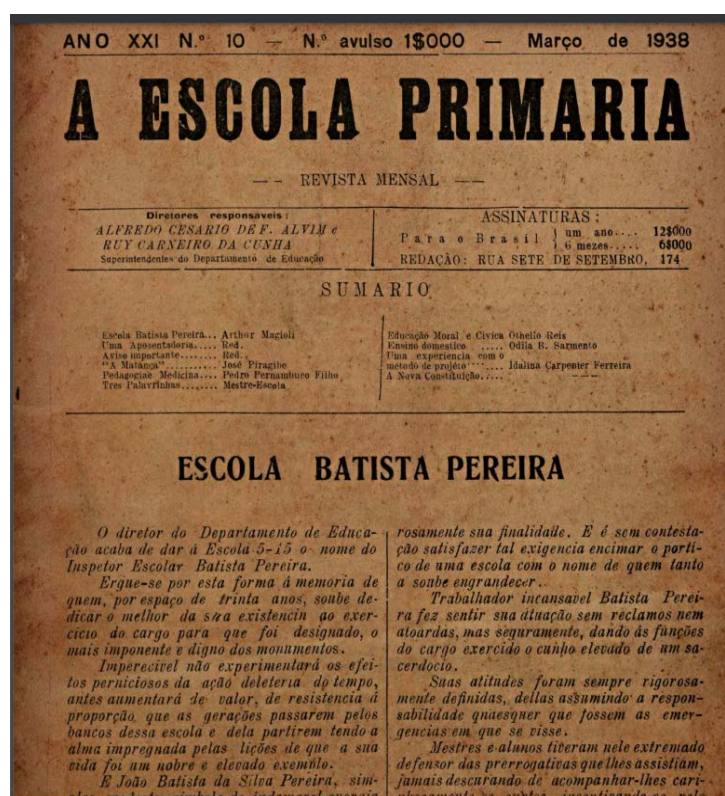
²⁶ O Linotipo foram introduzidos nos jornais cariocas a partir de 1892, o que afeta profissionais que atuavam com compositores tipográficos (BARBOSA, 2007).

Figura 1 - Capa do segundo número da A Escola Primária



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, *A Escola Primária*, nº 2, 1916.

Figura 2 - Capa da última publicação da A Escola Primária em março de 1938



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, *A Escola Primária*, 1938.

Cabe ressaltar que, a partir do ano de 1922²⁷ o nome da editora não foi mais exposto no cabeçalho da capa da revista, sendo substituído pelo endereço da redação que passou a ser na rua 7 de setembro, juntamente com a inclusão dos nomes do então diretor presidente, o Dr. Alfredo C. de F. Alvim, que esteve na gestão entre os anos de 1924 a 1938, e da gerente Yelva de P. Sá Freire²⁸ entre os anos de 1924 a 1926. A revista circulou até março de 1938, em que houve a despedida do diretor inspetor Arthur Magioli, no entanto não houve declaração que seria o último número da revista a ser publicado.

É importante mencionar que, os Inspectores Escolares além de dirigirem a revista também escreviam artigos e contavam também com a colaboração de intelectuais, professores e professoras de instituições primárias e secundárias públicas e privados, bem como médicos, políticos, advogados do Rio de Janeiro, de outros estados e países da América do Sul.

²⁷ A livraria e editora Francisco Alves, a partir do ano de 1922 foi comprada pela editora e livraria Leite Ribeiro, onde passou a divulgar seus livros sob nova direção, nas páginas finais da revista (Wikipédia, 2020).

²⁸ Datilográfica interina da corte de apelação (Relatórios do Ministério da Justiça, RJ, 1927).

Na maior parte de sua existência, a revista publicou artigos de autoria de educadores afirmados com os ideais escolanovistas, como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Roquette Pinto, Oscar Clarck, Fernando de Azevedo, dentre outros. A participação desses autores permite-nos identificar o posicionamento assumido pela revista frente as questões educacionais e as ideias em disputas. Em seu primeiro ano de existência *A Escola Primária*, orgulhava-se de ter publicado em suas páginas nomes ilustres, de todas as classes sociais, altos magistrados, políticos, letrados e educadores de fama reconhecidos no campo educacional (*A Escola Primária*, 1917, p.1).

Com redação na Capital da República a revista era distribuída em âmbito nacional, com o objetivo de estreitar relações com os professores primários e estimular a difusão de conhecimentos e o surgimento de novas ideias educacionais (OLIVEIRA, 2018). Com isso, em 7 de janeiro de 1924 em conformidade com o decreto nº4793²⁹, determinava que todo diretor de unidade de ensino primário e profissional subsidiado pelo Governo Federal, receberia gratuitamente um exemplar de cada número da revista *A Escola Primária* que deveria ser arquivada na escola (*A Escola Primária*, ano 8, nº3, 1924, p. 70). Em sua composição editorial, a revista constituía-se por três seções e era organizada de modo a compor escritos doutrinários relativos ao ensino primário e as suas seções caracterizadas da seguinte forma:

[...] - Ideias e Fatos - os quais são publicados na seção subordinada a esse título, ao mesmo tempo estudos pedagógicos, mas diretamente interessado a vida profissional do professor na - "A Escola" - e incluídos em seção sob esse título, e "Lições e Exercícios" - terceira e última parte, onde são reunidas as lições e exercícios das diferentes disciplinas do ensino primário, na concatenação traçado pelo programa vigente na capital da República (Expediente, 1921, p. 281, grifo nosso).

Isto é, *Ideias e Fatos*, com artigos relacionados a educação de modo geral e o ensino primário no Rio de Janeiro; *A Escola*, tratava de questões específicas da escola e métodos de ensino e *Lições e exercícios*, com orientação de atividades e conteúdo para os professores, e que demonstrava apoio e divulgação com o programa vigente, isto é, era utilizado como meio de divulgação do que e como deveria ser ensinado. Os artigos eram divididos por duas colunas por página e com pouco recursos ilustrativos e alguns de seus textos utilizava o recurso de

²⁹ Lei que fixou as despesas gerais da República dos Estados do Brasil para o exercício de 1924.

continuação do artigo para a próxima edição, aspecto que demonstrava uma estratégia de manter a curiosidade e o suspense.

Compunham as seções da revista as colunas: *Expediente* localizada na seção *Ideias e Fatos* tratava-se de um canal de comunicação da redação da revista com o público e para a publicação de recados. O objetivo era prestar esclarecimentos a acerca das edições da revista. *Três Palavrinhas*, assinado por mestre escola³⁰; *Através das Revistas*, de 1918 a 1924, sob autoria de Helena³¹ com debates acerca da educação e conteúdo do ensino primário; *Cartas Serranas*, por Maria Stella entre os anos de 1916 a 1924; e *Educação do Homem cidadão*, de 1916 a 1938 escrito por diferentes autores a cada edição.

O impresso era organizado por fascículos, ou seja, suas páginas continuavam nos volumes que seguiam. O editorial continha um tema central como analfabetismo, datas importantes tais como: Independência do Brasil, dia do professor, saúde nas escolas municipais, inspeção de ensino. As temáticas voltadas aos métodos renovados, orientações sobre o ensino de disciplinas, tais como: história, geografia, matemática, alfabetização, leitura e escrita, além das discussões sobre o ensino primário, a escola e a carreira docente eram destaque nas seções.

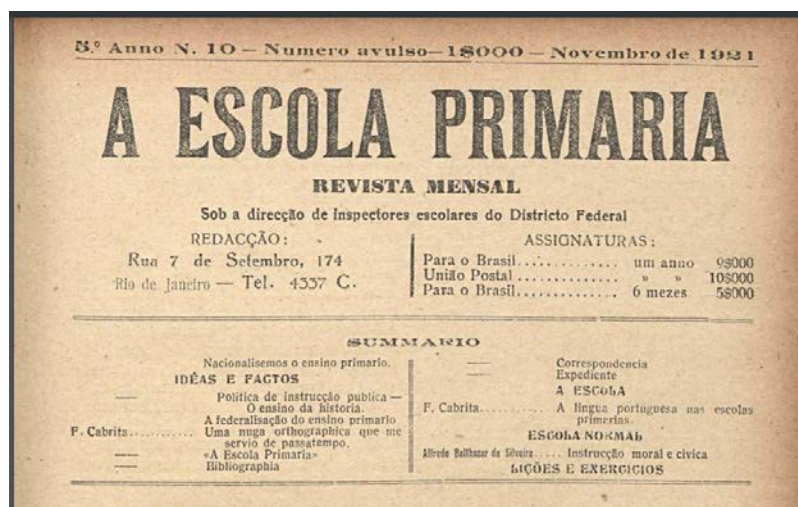
Em seu projeto gráfico, a revista apresentava uma proposta simples de diagramação, com um padrão de capa onde o nome da revista era destacado com todas as letras maiúsculas em negrito no cabeçalho. Abaixo do título, era apresentado a direção sob responsabilidade dos Inspectores Escolares em seguida os nomes dos seus diretores. Outro item fixo no impresso, era o sumário em que apresentava o tema do artigo e ao lado o nome do autor³². Seu projeto gráfico permaneceu o mesmo ao longo do seu ciclo de vida. Além destas características, os títulos dos artigos eram destacados em negrito e em algumas edições possuía, ao final, um índice alfabético com os textos dos autores publicados em outras edições.

³⁰ Acreditamos ser um pseudônimo, no entanto não localizamos mais informações.

³¹ O seu sobrenome não era publicado.

³² Em algumas edições não eram colocados os nomes dos autores no sumário, principalmente na seção de “Lições e Exercícios.

Figura 3 - Estrutura da capa da revista (1921, ano 5, edição 10)



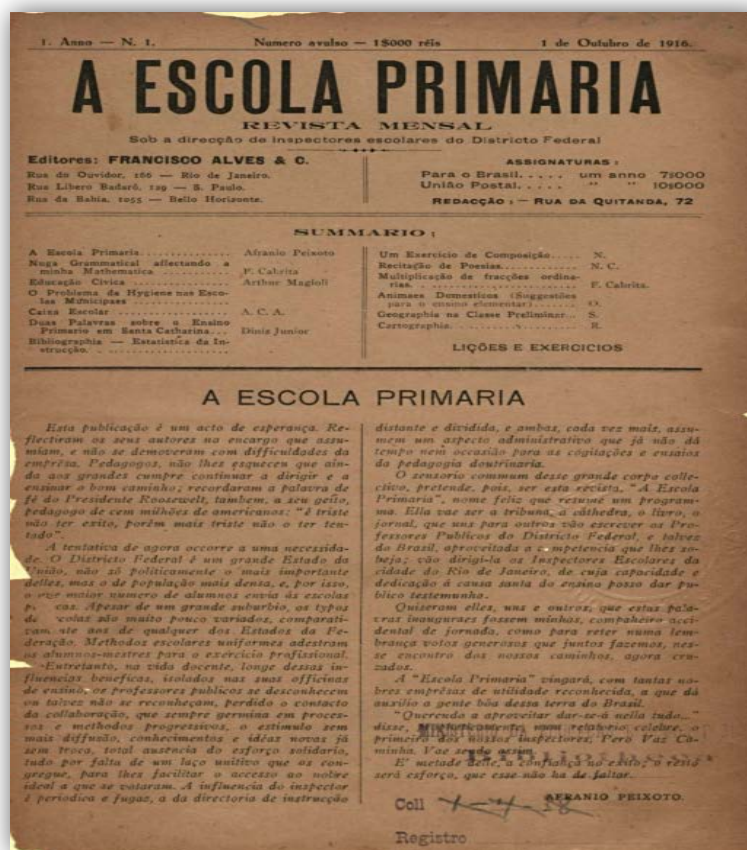
Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, A Escola Primária, 1921.

Em seu primeiro número a revista apresentou treze artigos, trazendo o texto inaugural para a capa da primeira edição, escrito pelo professor e médico Afrânio Peixoto, anunciava o objetivo do impresso e destacava que “a publicação é um ato de esperança”.

A Escola Primária, nome feliz que resume um programa. Ela vai ser a tribuna, a cátedra, o livro, o jornal, que uns para os outros vão escrever os professores públicos do Distrito Federal, e talvez do Brasil, aproveitada a competência que lhes sobeja; vão dirigi-las os inspetores escolares do Rio de Janeiro, de cuja a capacidade e dedicação a causa santa do ensino posso dar público testemunho (PEIXOTO, 1916, p. 1).

Afrânio Peixoto foi convidado a homenagear a revista em suas primeiras páginas. A homenagem se justificava tendo em vista o seu reconhecimento como educador. Nas palavras expressas pelos editores da revista, a ele cabia falar ao professorado os objetivos e vantagens de adquirir os exemplares da revista. Sublinhou ainda que, visto a situação do ensino público do Distrito Federal, compreendia-se que o professor Peixoto, contribuiria com os seus serviços à revista, pois compartilhavam das mesmas ideias, tendo como ponto principal “difundir princípios capazes de auxiliar eficazmente os professores no desempenho de suas tarefas” (*Escola Primária*, 1916, p1).

Figura 4 - Capa da primeira edição da revista



Fonte: Revista a Escola Primária, outubro de 1916.

Na mesma edição, na coluna *expediente* localizada na seção *Ideias e Fatos*, assinada em nome da redação, foi apresentado os nomes dos diretores e redatores da revista, além dos agradecimentos aos colaboradores e a explanação da elaboração em torno da primeira publicação, assim:

[...] Aparece, hoje, a primeira prova da boa vontade dessa redação, que acha muito grata por ter correspondido, tanto quanto possível, a esperança dos que a elegeram. Este documento do seu esforço é, nada mais, nem nada menos, que o resultado de um mês de intenso trabalho, de que a redação se julgará muito bem paga, desde que receba o estímulo que a convença de não haver agido em pura perda. [...] agradecimentos que devemos ao Sr. Francisco Alves, editor da Revista a *Escola Primária* - de quem se pode dizer tem sido um dos melhores e mais eficazes animadores desta obra (Redação, 1916, p.8).

Ficam expressos os objetivos da revista, que segundo a direção da revista, *A Escola Primária* era destinada a à divulgação do ensino primário pela vulgarização de todos os estudos e trabalhos concernentes à instrução pública. Para isso, a

revista foi organizada de modo a comportar a divulgação dos escritos doutrinários relativos a ideias e fatos interessados no ensino primário, ao mesmo tempo estudos pedagógicos e lições e exercícios nas escolas (expediente, 1921). Ainda é direcionado o público alvo desejado e a “gratidão” dos idealizadores da revista aos seus colaboradores, o que demonstra as redes de sociabilidade estabelecidas entre os colaboradores, redação e direção da do impresso.

Quadro 4 - Artigos publicados na primeira edição – outubro de 1916

Artigo	Autor
A Escola Primária	Afrânio Peixoto
Nuga gramatical afetando a minha Matemática	Francisco Cabrita
Educação Cívica	Arthur Magnoli
O Problema da Higiene nas Escolas Municipais	*ausência de informação
Caixa Escolar	Assinado pelas iniciais “A. C. A”
Duas Palavras sobre o Ensino Primário em Santa Catharina	Diniz Junior
Bibliografia - Estatística da Instrução	Autoria desconhecida
Um Exercício de Composição	Autoria desconhecida utilizando pela inicial “N”
Recitação de Poesias	Autoria utilizando a iniciais “N. C”
Multiplicação de frações ordinárias	F. Cabrita
Animais Domésticos (Sugestões para o ensino elementar)	*ausência de informação
Geografia na classe Preliminar	Autoria utilizando pela inicial “S”
Cartografia	Autoria utilizando pela inicial “R”

Fonte: Elaborado pela autora a partir de consulta a primeira edição da revista *A Escola Primária* (1916).

Seu primeiro número apresentou temáticas variadas que tratavam do ensino primário, conteúdos de matemática e português, educação cívica e higiene nas

escolas municipais. Embora a revista fosse editada no Rio de Janeiro e desse destaque ao ensino do Distrito Federal, em sua primeira edição buscou ampliar a discussão da educação em outros estados bem como a questão do analfabetismo no país. Para Santos (2014):

Os articulistas de *A Escola Primária* são todos, intelectuais e, pareciam trazer no texto, seus ideais de civilidade ao povo através dos professores. Os artigos sobre a pátria, a língua portuguesa, os conceitos aritméticos, os valores de moral, os ideais de um corpo sadio pela ginástica, as noções de higiene básica e da importância da medicina para a formação na escola, ganham contornos de fácil aplicabilidade seja pelo uso de uma linguagem simples, seja por colocar o escritor do texto lado a lado com seu leitor (2014, p. 148).

É possível identificar que a construção dos textos publicados na revista trazia elementos que partiam da realidade³³ das escolas em que os inspetores supervisionavam, e a partir disso propunham soluções por meio de modelos de organização e de instrução que acreditavam serem ideais ao professorado primário. Outra estratégia, era o de convencimento de que o professor seria responsável pelo progresso do país, desse modo tinha por tarefa o compromisso de aperfeiçoar-se e que a revista seria material orientador aos interessados.

Vê-se, portanto, que *A Escola Primária* reafirmando o que o governo republicano esperava no setor da instrução pública, criando os inspetores escolares a revista como uma referência e modelo para os professores³⁴. A revista *A Escola Primária* durante o ano de 1921 tomou a iniciativa de realizar um Congresso Nacional do Ensino Primário, que pretendia estudar e desenvolver teses mais interessantes sobre o problema da instrução primária no país (*Boa Noite*, 1921 in *A Escola Primária*, 1921). Esse movimento, sugerido por um dos diretores da revista, estava ligada à comemoração do aniversário do primeiro centenário de Independência do Brasil.

No entanto, segundo Santos (2014), a revista *Escola Primária* pertencia a uma Sociedade anônima³⁵ nomeada como *A Escola Primária*, organizada por meio de um estatuto composto por cinco capítulos e vinte e três artigos. Em que eram

³³ Publicavam mapas estatísticos de frequência e matrícula dos alunos das escolas primárias, lista de aprovadas nos exames admissionais da Escola Normal.

³⁴ Não localizamos em que momento foi realizado esse congresso, apenas cartas entre educadores e instituições referente ao assunto.

³⁵ Estatuto disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1886310/dou-secao-1-22-11-1916-pg-33/pdfView>

tratavam as regras de publicação, periodicidade, organização do financeira e seus acionistas.

Quadro 5 - Organização do Estatuto da Sociedade Anônima *A Escola Primária* (1916)

Capítulo	Descrição do Capítulo	Artigos
Capítulo I	Da denominação, - sede, Oro, duração e fins da sociedade	1° ao 4°
Capítulo II	Da Revista	5° ao 8°
Capítulo III	Da administração da sociedade	9° ao 10°
Capítulo IV	Do capital social	11° ao 17
Capítulo V	Das assentidas	18° ao 23°
Disposições Gerais	*	*

Fonte: Diário Oficial de 16 de novembro de 1916, seção 1, p. 33.

A revista era estabelecida com foro eleito na cidade do Rio de Janeiro e era formada por acionistas, sendo os principais: Esther Pedreira de Mello e Raul de Faria, com 22% cada. Outros acionistas possuíam de 1% a 8% e eram eles: Leopoldo Diniz Júnior, Alfredo Cesário de Faria Alvim, João Baptista da Silva Pereira, Afrânio Peixoto, Antonio Carlos Velho da Silva, Oscar de Aguiar Moreira, Francisco M. Vianna, e com 1% Dr. Heitor de Mello, Dr. José Custódio Nunes Júnior, Venerando Graça, Carlos Ayres de Cerqueira Lima, Secundino Ribeiro Filho, Roberto Ribeiro Gomes, José Chermont de Britto, Virgílio Várzea (SANTOS, 2014), para a autora:

A sociedade que se formava seria exercida por uma diretoria composta de sete membros: presidente, dois diretores e quatro redatores, eleitos dentre os acionistas. A SA tinha, também, um Conselho Fiscal, composto por três membros efetivos e três suplentes, dentre os acionistas (SANTOS, 2014, p. 146).

A partir do levantamento feito, foi possível verificar que poucos acionistas publicavam artigos. Desta forma, compreendemos que o papel dos acionistas dependia da decisão da diretoria geral, que decidia a ocupação de cada cargo e atribuições na revista (Estatuto SA, art.13, 1916).

Quadro 6 - Autores fixos que publicaram na revista (1916 a 1924)

Nome	Seção	Temas Recorrentes	Ano	Profissão/ cargo/ Atividade
Afrânio Peixoto	Ideias e fatos	Temas educacionais	1916 - 1934	Médico legista, político, professor, crítico, ensaísta, Romancista, historiador, literato.
Leopoldo Diniz Júnior	Ideias e Fatos	Ensino em Santa Catarina e Rio de Janeiro.	1916 – 1922 *ultima publicação, mas acreditamos que tenha desempenhado outras funções.	Inspetor escolar a partir de 1914 e Secretário do prefeito do Distrito Federal e presidente da Comissão de Orçamento da Prefeitura do Distrito Federal em 1930, em 1933 foi nomeado superintendente da Educação Elementar. Redator da <i>Escola Primária</i> .
Escragnolle Doria	Ideias e fatos	História da educação e ensino primários	1916	Professor de História Universal e do Brasil do Colégio Pedro II
Arthur Margioli	Ideias e fatos	Ensino	1916	Inspetor escolar
Pedro Lessa	Ideias e fatos		1916	Jurista, Político e Professor
Frota Pessoa	Ideias e fatos	Políticas educacionais	1916- 1927	Chefe de secção da Diretoria da Instrução Pública do DF
Francisco Cabrita	Ideias e fatos e lições e exercícios	Matemática	1916-1922	Encarregou-o da direção da Escola Normal, onde regeu, com dedicação extraordinária, a cadeira de Matemática.
Aristides Lemos	A Escola	Geografia	1917	Professor da 18ª Cadeira do Instituto Agrônomo do Estado de São Paulo.
Jonathas Serrano	Ideias e fatos		1917- 1922	Subdiretor Técnico de Instrução do Distrito Federal
Aristides Lemos	A escola	Língua portuguesa	1917-1919	*Ausência de informações

Manuel Bomfim	A escola	Escola normal e livros	1918-1920	Médico, psicólogo, pedagogo, sociólogo, historiador e intelectual brasileiro.
Ignácio do Amaral	Ideias e Fatos	Coeducação dos sexos, escola mista e ensino primário	1919-1925	Docente da cadeira de Geometria e Cálculo
Othello Reis	A Escola e ideias e Fatos	Organização do ensino, matemática,	1921-1932	Vice-diretor do Colégio Pedro II em 1926 e entusiasta do modelo Estadunidense para o ensino de matemática

Fonte: Elaborado por mim a partir da análise das revistas publicadas entre os anos de 1916 a 1924 e por consulta ao quadro elaborado pela professora Heloísa Helena Santos (2014, p.152) com autores que compuseram de modo fixo o primeiro ano da revista. Não foram acrescentados os nomes das colaboradoras, pois foram incluídas no quadro 8 no capítulo 2.

Cabe ressaltar que havia um grande quantitativo de autores que escreviam para a revista de forma esporádica ou apenas para um número em especial. Havia edições que ora seguiam um padrão fixo de escritores por seção ora alternavam em cada número. É importante destacar que entre o período de 1916 a 1920 a revista manteve um padrão em suas publicações e autores. Posteriormente, é possível observar o aumento significativo de autores convidados, a diversidade de temas abordados, entrada de novos colaboradores, o aumento do número de páginas e de artigos por número.

Com isso, vê-se, o atraso nas publicações e no mesmo período ocorreu a mudança de editora. “Causas independentes de nosso esforço tem retardado a publicação da *A Escola Primária*. Assim, no interesse de regulariza-la, vê-se obrigada ainda a sua direção a dar de uma vez os números correspondentes a junho e julho” (*A Escola Primária*, 1920, p. 8). Vale ressaltar que, essa questão permaneceu por um longo período de tempo.

Ao que se refere a venda e distribuição da revista, era disponibilizava a opção de venda avulsa dos exemplares ou de assinaturas semestrais ou anuais, como uma estratégia para fidelizar seus leitores. Os valores³⁶ recolhidos com a venda das

³⁶ Resumo do estatuto da sociedade anônima, 22 de novembro de 1916, art.17º,18º,19º e 20º.

revistas eram destinadas as despesas da sociedade Anônima da seguinte forma: uma parte era direcionada ao fundo líquido, que era anualmente distribuído para o fórum que se formava posteriormente; desse fundo constituíam o fundo de reserva; distribuição dos ciclos; dividendo aos acionistas e ações em partes iguais aos membros da direção.

Para obter o número da revista era necessário solicitar por meio de carta, endereçada para a redação que era localizada no Rio de Janeiro. Da mesma forma, ocorria o processo para efetuar o pagamento dos exemplares.

Quadro 7 - Valores de assinaturas da revista (1916-1924)

ANO	PREÇO	
1916 - 1920	1\$00 0	Exemplar avulso
	7\$00 0	Assinatura para o Brasil
	10\$0 00	Assinatura união postal
1921-1922	10\$0 00	Assinatura anual
	5\$00 0	Assinatura seis meses
	1\$00 0	Exemplar avulso
1923- 1924	9\$00 0	Assinatura anual
	5\$00 0	Assinatura seis meses
	1\$00 0	Exemplar avulso

Fonte: Levantamento e quadro elaborados pela autora a partir de consulta direta a Revista *A Escola Primária* pela hemeroteca digital.

Os valores dos exemplares eram expostos na capa, abaixo do cabeçalho e do título. No período analisado nota-se que houve poucos reajustes nos preços. A

revista em seus primeiros anos não apresentava muitos anúncios e publicidade, era restrito apenas a venda de artigos escolares tais como: uniformes, carteiras escolares, anúncios de vagas, inscrição e matrículas em escola particulares e públicas.

Figura 5 - Anúncio de papelaria em 1920



Fonte: *A Escola Primária*, edições 11 e 12, outubro, 1920.

Nesse primeiro momento, havia propagandas mais frequentes de papelarias, acompanhadas também de anúncios de enxovais para colegiais. Os anúncios e propagandas eram apresentados no final das edições, logo após a seção de *Lições e Exercícios*. Em grande parte, não estavam associadas de modo direto as matérias publicadas.

A partir do ano de 1921, as publicações de publicidade foram se expandindo pelas páginas da revista de forma diversificada, com destaque para as de saúde, com tônicos para fadiga nervosa e cerebral e chás para ganho de peso; vestuário, alimentação, perfumarias, floriculturas, joalherias, automóveis, sapataria, óticas, artigos femininos, dentre outros.

Figura 6 - Página preenchida de anúncios e propagandas, 1921

MOBILIÁRIO completo para uma casa, com 36 peças: **Rs. 2:300\$000**
A INDEPENDENCIA — Rua do Teatro n. 1 Tel. 476 C

Parc-Royal Especialidade em Uniformes e Enxovaes para Todos os collegiaes
 A maior e a melhor casa do Brazil

CASA DO BASTOS
 R. URUGUAYANA 19-22
 Novas criações em bufalo branco, Vermiz, e pellicas de cores, setim, rosa e branco.

UNIFORMES e ENXOVAES
 Para todos os Collegios
 Preços e Qualidade especiais
 PARA BEM VESTIR
CASA COLOMBO

MOAGEM S. RAYMUNDO Depósito de cereais e sal — Especialidade em Fubão de Milho e Arroz, Canguica, Araruta e Polvilho

INDICAÇÕES ÚTEIS

MEDICOS
 Dr. Octavio Ayres. Cons. S. José, 61 — 1º andar. Tel. 4625 C. Residência: Bambina, 14 — Tel. 2462, Sul.
 Dr. Barbosa Vianna — Consultorio Av. Men de Sá, 80 — Tel. 1447 Central. De 5 es 5 — Residência Pinho de Botafogo, 116 Botemar 1620.

ADVOGADOS
 Drs. André Faria Pereira, Real de Faria e Octavio Tarquinio. — Ovidor, 90, 1º andar. Tel. 5.256 N.
 Alfredo Cesario Faria Alvim — Rua 7 de Setembro n. 174.
 Dr. Virgilio da Silva Paiva — Beco das

Concellas, 11 — Das 11 às 12 e das 3 às 5 — Tel. 6.599, Norte.

DENTISTAS
 Dr. Paulo Silva Pereira — Consultas: Ovidor, 187, 1º andar — Sex, Sáb e domingos — Tel. 7.036, Norte.
 Atelier de Costura de Zalmira Cruz — Rua 7 de Setembro, 174.
 Oficinas — de bordados, picot, ponto à jour e bordas — Avenida Passos, 21 1º andar — Teleph. 1021 Norte.

Pallidez da Face
 A anemia, a chlorose, a neurasthenia, o excesso de trabalho, etc, causam as senhoras a pallidez da face, tornando-as apprehensivas e tristonhas.
 As Pilulas Fortificantes do Pharmaceutico Carlos Cruz fazem desaparecer esse flagello.
 São vendidas em as pharmacias e drograrias
 Agentes geraes: CARLOS CRUZ & C.
 Rua S. Bento, 3. — Rio de Janeiro

OCULOS e PINCE-NEZ
 para qualquer defeito de vista
 Apparellhos Photographicos e Accessorios.
LUTZ, FERNANDO & CIA LIRA
 Rua Gonçalves Dias n. 49 — RIO

CASA GUIOMAR Calçado d'ado 120 AVENIDA PASSOS, 120
 ULTIMA NOVIDADE
 Fortissimos horacanos em vacchetta coccia, sola dupla, proprios para estrangeiros.
 Preços de reclame
 De 15 a 20 \$000
 De 27 a 32 \$000

Sapatos ALIVA, em kangari, preto e amarelo, criação exclusiva da CASA GUIOMAR, recomendados para uso casual e escolar, pela sua extrema solidez e conforto.
 De 17 a 25 \$000

Fonte: A Escola Primária, edição 6, agosto, 1921.

É possível perceber a diversidade de anúncios a partir da análise na figura 3, em que a página da revista estava coberta por itens escolares como sapatarias, enxovais escolares, médicos e óticas. A partir dos anos de 1921, as publicidades passaram a ocupar páginas exclusivas no final dos exemplares, apresentando constante crescimento nos anos posteriores, inclusive nos anos de 1924, em nota na coluna *Expediente* (1924, ano 8. Nº3) afirmavam que somente eram aceitas propostas de publicidade que fossem compatíveis com o caráter da revista.

A esse respeito é importante pensarmos a percepção da revista e dos anunciantes aos sujeitos que consumiam o impresso, e o porquê de certos anúncios ou propagandas serem mais interessantes para esse tipo de público, o que se aproxima das operações de consumo dos sujeitos (CERTEAU, 1998).

A análise das estratégias editoriais e os usos dos artigos, anúncios e organização do impresso reafirma que “não existe texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega a seu leitor” (CHARTIER, 1990, p. 127).

Acreditamos que a revista preconizou uma série de debates e perspectivas em torno da educação, inclusive da Escola Nova, que identificamos incorporadas nas reformas educacionais de Carneiro Leão (1924-1926), Fernando de Azevedo (1927-1930) e Anísio Teixeira (1931-1934). O impresso tornou-se um grande repositório de ideias pedagógicas focado principalmente na organização e sistematização de um “guia para os professores” a fim de orientá-los nas finalidades da educação do país.

1.2.1 Vitrines da educação: os inspetores escolares por trás da diretoria da revista

O sensório comum desse corpo coletivo [...] aproveitada a competência que lhes sobeja, vão dirigi-la os Inspetores Escolares da cidade do Rio de Janeiro, de cuja a capacidade e dedicação a causa santa do ensino posso dar público testemunho. (PEIXOTO, 1916, capa).

O controle do corpo do professor e sua eficiência pedagógica esteve associado por muito tempo a valores religiosos, de conduta moral e social. Nesse sentido, os impressos educacionais ocupavam um importante papel. Segundo Carvalho (2018), ao falarmos de imprensa pedagógica, estaríamos diante de um dispositivo de formação de professores. Logo, podemos compreender o interesse social e político da produção e direção dos inspetores escolares na revista *A Escola Primária*. A dimensão formativa que os impressos ofereciam eram interessantes a vários grupos sociais, inclusive ao Estado.

O impresso embora pertencesse a uma sociedade anônima, à figura dos inspetores públicos estava ligada a mobilização das reformas educacionais e utilizavam a revista também para operacionalizar mudanças pedagógicas e no movimento de organização da instrução pública.

Cabe ressaltar que, mesmo a revista não tendo ligação direta e formal com o setor público, é importante considerar que no início do século XX havia contratos firmados entre os órgãos municipais para publicação de atos oficiais da prefeitura em impressos de grande circulação (BARBOSA, 2007). A partir disso tomamos como hipótese uma possível relação desse tipo entre a revista *A Escola Primária* e a

Diretoria Geral de Instrução Pública, no entanto não localizamos elementos suficientes para afirmar essa ligação.

O impresso discutia constantemente os programas de ensino, promoções no magistério municipal e incentivo a coleção dos números da revista nas escolas. O periódico se caracterizava como tribuna livre e sem partidanismos, no entanto, apoiava-se na coparticipação do governo e do professorado público. Demonstrava ter apressado e boa relação com a administração pública “[...] hoje temos feito estimulados pelas provas de simpatia e apoio com que tem cumulado os professores, em geral, a administração pública federal, os governos de algumas das grandes unidades da União e o governo municipal deste distrito” (*A Escola primária*, 1924, p. 1).

Nesse contexto, é importante compreendermos a redefinição das atribuições do inspetor escolar. Se no final do século XIX, este atuava como supervisor de ensino, tendo a função de ir as escolas para inspecionar, nesta passa a ocupar uma posição de prestígio e autoridade ampliando o seu papel.

O cargo de inspetor escolar na Primeira República trazia traços da modernidade e a cultura técnico-científica implementados à época. Um cargo chave na aplicação de estratégias da administração pública. Rossi (2002), afirma que os inspetores de ensino trabalhavam na esfera pública e que:

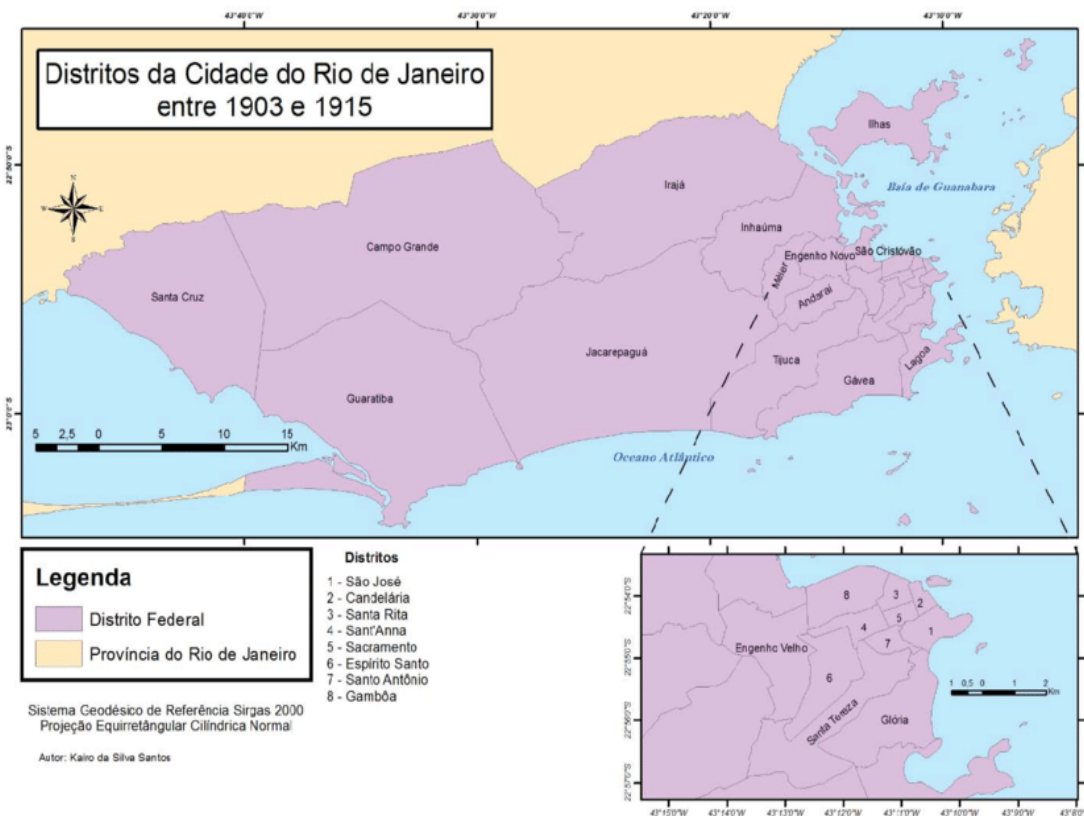
[...] eram funcionários do Estado ligados à Diretoria Geral da Instrução Pública, encarregada de dirigir e inspecionar o ensino. Os inspetores escolares, cumprindo determinações regulamentares, encaminhavam à Diretoria Geral seus relatórios. A partir destes dados, era elaborado um relatório geral pelo diretor da Instrução Pública. Posteriormente, esses relatórios eram publicados, anualmente, como Anuário do Ensino do Estado de São Paulo (2017, p.318).

Os inspetores escolares eram figuras públicas importantes para a Diretoria de Instrução Pública e para o Estado, não somente para elaboração de relatórios, mas também intervinha em diversos âmbitos do ambiente escolar como administrativos e pedagógicos. É importante destacar que os inspetores era parte integrante da organização da educação e na efetivação de legislações educacionais.

Percebemos que havia uma relação entre a revista, o professorado carioca e o governo. Além disso, é possível identificar que o periódico era utilizado como vitrine para divulgar o trabalho realizado pelos inspetores escolares, principalmente no segundo distrito, Escola pertencentes a cada distrito no ano de 1916 2º Escola

Deodoro, 3º Escola Deodoro, 4º Escola Benjamin Constant, 11º Escola Afonso Penna, 12º Escola Gonçalves Dias, 13º Escola Nilo Peçanha, 13º Escola Tiradentes, 17º Escola Nilo Peçanha³⁷, ao qual eram responsáveis por inspecionar.

Figura 7 - Mapa dividido por distritos (RJ)



Fonte: Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Mapa-com-a-evolucao-dos-distritos-da-cidade-do-Rio-de-Janeiro-entre-1889-e-1903_fig3_320191431 (acesso em 02/09/2021).

Os inspetores que atuavam em outros distritos também colaboravam na revista e por meio dessa participação formou-se um núcleo de inspetores escolares, diante da necessidade de articularem as atividades de inspeção no município do Rio de Janeiro.

[...] D. Esther Pedreira de Mello e pelo núcleo de inspetores e professores que soube atrair para sua orbita atividade [...] consequência da criação da revista, surgiu o conselho dos inspetores, ideia original que se apresentou espontaneamente, e logo foi recebida. Foi por certo a aproximação dos inspetores, determinada pela obra comum feita na revista (PESSOA, 1918, p.1, grifos meus).

³⁷ Outros distritos não foram divulgados pelo impresso e não foram localizados até o momento (A Noite, 1916).

Crentes no poder da revista, os inspetores destacavam a responsabilidade de seu trabalho como chave para a educação pública, que em outros momentos foi “mal julgado”. De acordo com a revista “a inspeção escolar, infelizmente mal julgada, por tão pouco bem compreendida, vítima, em passado não muito remoto, de acusações gratuitas e infundadas que lhe diminui seu prestígio e a autoridade” (PESSOA, 1917, p. 1).

Perante o exposto, entendemos que a revista procurava, de certa forma, legitimar a figura do inspetor escolar e suas funções. Em paralelo a isso, é preciso compreender os limites da relação entre os inspetores em seu trabalho na inspetoria municipal e na direção da revista *A Escola Primária*. Possibilitando assim uma percepção mais aprofundada do posicionamento e representações produzidas pela revista.

Em todos os números publicados destacavam em seu subtítulo que a revista era dirigida por inspetores escolares do Distrito Federal. A vista disso, apreendemos que a figura do inspetor estava atrelada a uma referência nos assuntos educacionais, ou seja, nesse caso era indissociável a figura do inspetor e dos diretores da revista, mas até que ponto? A exemplo disso, a revista publicou uma crítica a exoneração de Afrânio Peixoto do cargo de Diretor de instrução pública, (1917, edição 05, p. 139), no entanto, permaneceram o tratando com inspetor em suas publicações.

O corpo coletivo de diretores, como se denominavam então, utilizavam como trunfo a autoridade construída por eles em torno da figura do inspetor escolar. Portanto, conhecer quem eram os inspetores que compunham a direção e redação da revista, revela, de certo modo, as ideologias, representações e concepções de educação que o impresso queria passar ao seu público.

Cabe ainda ressaltar que, a escolha de cada inspetor e professor para compor a revista estava ligada também aos projetos e debates que defendiam, ou seja, estavam alinhadas as concepções adotadas pelo impresso. Acreditamos ser possível identificarmos o perfil da revista por meio dos inspetores que tiveram extensa produção de artigos, tais como Arthur Margioli e Francisco Cabrita e Afrânio Peixoto, que embora não tenha sido inspetor escolar, ocupou o cargo de diretor geral de instrução pública do Distrito Federal entre os anos de 1912 a 1918, em que além de inspecionar escolas também orientava os inspetores escolares da capital.

Afranio Peixoto, médico legista, pesquisava sobre a sexualidade e saúde feminina, realizava estudos como a temática recorrendo principalmente a forma literária para expressar o seu objeto de pesquisa (MARTINS, 2004). A partir desse entendimento, é possível compreendermos as representações do feminino em seus trabalhos, era a de mulher fatal, bela, educada, refinada, enigmática, afeita a sedução (Martins, 2004), que pensavam serem aspectos importantes para a construção de representação de professora na revista.

Figura 8 - Visita do Drº Afranio Peixoto a uma escola na Ilha do Governador (RJ)



Fonte: Revista Fon Fon (RJ), edição 41, 1916.

Na fotografia acima, Peixoto inspecionava escolas a fim de escolher um prédio para funcionar a escola modelo da capital. Ver-se o diretor de instrução ao lado esquerdo rodeado pelas professoras da escola. Na revista *A Escola Primária*, Peixoto atuava com frequência na escrita de textos que falavam sobre a educação da mulher visando uma perspectiva da saúde e da higiene, relacionando-as a saberes necessários a sociedade e as professoras.

Por sua vez o inspetor escolar do 10º distrito escolar, Arthur Magioli ocupou o cargo de diretor da revista em que também escreveu diversos artigos tais como: educação cívica, leis, ensino, livros didáticos, dentre outros assuntos.

Magioli, reforçava que o inspetor durante as visitas escolares deveria ser atento e firme nas orientações. No texto publicado na *A Escola Primária*, destacou a lei do ensino municipal no artigo 126º em que “ao inspetor escolar incumbe visitar cada escola do seu distrito no mínimo três vezes ao mês” (1918, p.119). Segundo o artigo 87º da mesma legislação havia a distinção de dois tipos de inspeção e fiscalização, a inspeção pedagógica e a inspeção médica escolar. O autor definiu como deveria ser realizado o serviço de inspeção escolar:

Vejamos como será feita este serviço. A inspeção escolar encarada sob o ponto de vista da sua utilidade dos fins propriamente a que se destina, não se pode restringir ao serviço muito material de rubricar os livros da escrituração da escola e deixar consignada no de visitas a sua passagem por ela (MAGIOLI, 1918, p. 120).

Mais importante do que o cumprimento das tarefas administrativas, de acordo com Magioli, eram as visitas as escolas, pois dessa forma conseguiriam identificar questões a respeito dos métodos, do preparo e aptidões dos docentes, principalmente aplicado a *hygiene* aplicada ao ensino. Nesse cenário, é importante compreendermos a figura do inspetor escolar no contexto das décadas de 1910 a 1920 e que se estendeu até 1930, e que se transformou em um agente da proposta desenvolvida pelo Estado.

Destacou-se também na revista o inspetor Francisco Cabrita (1857 a 1923) além de diretor da revista, colaborou também com os conteúdos de ensino de álgebra no ensino elementar nos ideários estadunidenses e francês (RÔDRIGUES, 2020). Isso ocorreu pelo fato de Cabrita ter concentrado ampla experiência nesta área. Formado em engenharia, também foi professor de geometria e álgebra da Escola Normal (RÔDRIGUES, 2020). O professor aposentou-se no ano de 1938, no mesmo ano de encerramento da *A Escola Primária*.

Vale destacar que, os Inspectores Escolares e Diretores de Instrução pública que dirigiam e escreviam para a revista não faziam parte apenas do 2º distrito escolar, indo em direção ao que foi publicado em seu primeiro número, a revista seria o laço de união entre inspetores e professorado do Distrito Federal, ou seja, especialmente dos inspetores escolares.

Pela revista é possível perceber algumas ideias a respeito do cargo de inspetor escolar público e suas atividades. Na carta enviada por Sylvio³⁸ a Magioli, publicada na revista no ano de 1917, defendia o trabalho realizado pelos inspetores. Sylvio apontava para a importância de se valorizar as ideias e o trabalho na inspetoria. Destacou que a inspeção escolar não era um serviço que deveria restringir-se a mera função fiscalizadora, mas também participar efetivamente na colaboração das reformas escolares, mesmo por muitas vezes ignorados (SYLVIO, 1917, p. 26).

Ao decorrer da carta, Sylvio teceu longos elogios a produção da *A Escola Primária*, em que acreditava ser de grande utilidade ao professorado. Destacou a importância desse tipo de publicação para as reuniões e movimentações dos inspetores, uma vez que acredita faltava-lhes visibilidade dos serviços prestados, assim defendia que:

As visitas escolares, as folhas dos professores, os boletins de matrícula e frequência, os mapas estatísticos, a procura de prédios para escolas, o despacho de papeis, relativos ao material escolar, a constante preocupação da falta de adjuntos, os exames de promoção de classe, os exames finais, finalmente um mundo de atribuições e que silenciosamente executam na despreocupação absoluta de se dizerem autores de semelhante trabalho! As grandes estatísticas escolares se fazem calcadas nos informes desses funcionários e os seus nomes desaparecem, gozando outros da vitória conseguida! Falta aos Inspetores, meu bom amigo, o reclamo, a grita urbi et orbe, dos serviços prestados; grita necessária para a prova da sua existência, grita para que seja reconhecida a eficiência dos esforços que empregam (SYLVIO, 1917, p. 26).

O autor, reiterava que além da necessidade de intensificar os serviços na inspetoria — dentro de suas atribuições — também seria necessário dar máxima publicidade ao trabalho. Diante disso, acreditamos que a revista *A Escola Primária* era utilizada também para dar visibilidade ao trabalho dos inspetores escolares do Distrito Federal, uma vez que demonstravam insatisfação ao considerarem-se desvalorizados.

³⁸ Não foi publicado o sobrenome do autor. Escreveu diversos artigos publicados na revista sobre os temas inspeção escolar e programas de ensino.

1.2.2 “Festeja A Escola Primária mais um aniversário de sua existência”: refletindo em seu projeto

“Diz-nos, porém, a sabedoria popular que 'é devagar que se consegue ir ao longe', e temos preferido marchar firmemente, sem espetáculos e sem programas pirotécnicos, sempre renovados e abandonados.” (1927, p. 1 - grifos do autor)

Ao longo dos vinte e dois anos de circulação, a *Escola Primária* orgulhava-se do caminho percorrido, pois à época não era comum um periódico educacional sobreviver por longo período de tempo. Frota Pessoa (1918), mencionava a esse respeito, em artigo de comemoração do segundo ano da revista, que para esse gênero editorial era difícil manter-se, assim: “está revista, que venceu facilmente, quando tantas outras tentativas análogas tem sucumbido” (1918, p. 1).

As celebrações dos aniversários do impresso reforçavam os ideais de seu projeto e lançavam vistas ao caminho percorrido. A direção da revista procurava celebrar por meio de entusiasmadas palavras a satisfação no desempenho da tarefa e os bons resultados obtidos por meio de suas publicações.

Os artigos de comemoração de aniversário se constituíam em uma breve descrição da revista, sua criação e trajetória. Em seus editoriais especiais, narravam e citavam seus fundadores e editores. Deste modo,

Pretendíamos ser o órgão de ensino público municipal do Distrito Federal e não nos esquecemos de sê-lo, mas temos paulatinamente ampliado o círculo de interesse destas páginas, de sorte que hoje nós podemos com alguma vaidade nomear como a mais divulgada revista pedagógica do território nacional (*A Escola Primária*, 1927, p. 1).

O desejo de “ser o órgão oficial de comunicação do ensino municipal do Distrito Federal”, provoca-nos pensar sobre os quais teriam sentidos e possibilidades deste “desejo” na ampliação em termos de visibilidade da publicação? A esse respeito, a revista declarava que não tinha “a ambição desnaturada de monopolizar a atenção do público e de projetar luz excessiva em três ou quatro nomes e sem se transformar em um estendal de fátuos e vaidosos em barulhenta propaganda” (*A Escola Primária*, 1924, p.1).

No entanto, utilizavam-se dos nomes de seus diretores, dos inspetores escolares, que acreditavam serem dignos de confiança, comprometimento com o

ensino e autoridade. Desse modo, acreditamos que para construir credibilidade no trabalho desenvolvido na revista, usavam-se da estratégia de confiar à direção a inspetores escolares.

Em relação ao desejo de ser um “órgão oficial”, percebemos que nas primeiras edições da revista foram publicadas relatorias da inspetoria com dados referentes as escolas, a matrículas, a frequência dos alunos e a convocações e promoções de adjuntas. No fragmento do artigo de comemoração dos dez anos de sua existência apresentaram uma breve descrição dos seus objetivos iniciais, revelando seu afincado em acompanhar as mudanças ocorridas no cenário educacional além de ter ampliado as páginas e conteúdo da revista, antes previsto no Estatuto da sociedade anônima.

Entre os anos de 1916 a 1924, o impresso passou por poucas mudanças nos aspectos organizacional, preço e layout. No entanto, ampliou o número de colaboradores e temas abordados, em consequência disso também o número de páginas.

Foram localizados dez artigos de comemoração de aniversário da revista, referentes aos anos de 1917, 1918, 1923, 1927, 1928, 1930, 1932, 1933, 1934, e 1937. A revista por inúmeras vezes destacava sua vida jornalística, bem como a valorização dos inspetores públicos que a editorava, dos colaboradores, professoras públicas e leitores.

Em comemoração ao seu primeiro aniversário, foram publicadas na edição do mês de setembro 1917 dois artigos em homenagem a revista. No artigo de capa sob o título “caminho percorrido”, na seção *ideias e fatos* sob o título “festeja a Escola Primária”, com autoria desconhecida. No artigo de capa orgulhava-se dos nomes ilustres que escreveram em suas páginas, mas sem esquecer de expressar sua opinião acerca das dificuldades da educação no Distrito Federal, afirmando não ter escolas e nem materiais escolares para trabalharem. Nas linhas seguintes destacava que:

[...] Ainda bem que temos professores, ainda melhor, professoras. Tantas são as dificuldades que o exercício do magistério encontra no Brasil, e principalmente no Distrito Federal, que não nos abusa nossa convicção ser a nossa salvaguarda esse professorado feminino, espécie de **maternidade da inteligência** [...] Graças a elas podemos esperar melhores dias (1917, p. 1- grifos nosso).

Observamos que, ora elogiavam, ora criticavam as ações do governo em relação a condições de trabalho dos Inspetores no Distrito Federal e ao ensino público. No entanto, Pessoa (1917), ressaltou a presença do professorado feminino sendo um fator essencial para a manutenção da esperança de melhoria das condições de trabalho e ensino demonstrando assim seu reconhecimento ao empenho e contribuição das professoras públicas da capital.

Nessa direção, a revista que se denominava um periódico de caráter técnico e um órgão de ideias liberais destinada as professoras públicas, destacava que “o elemento feminino forma a quase totalidade do magistério municipal” (L. A, 1917, p. 27). Em vista disso, o periódico referia-se ao magistério primário utilizando o gênero feminino, uma vez que era justificada pela quantitativa presença destas na carreira. Nessa direção, pensamos que a revista depositava uma grande parte da responsabilidade de educar os futuros cidadãos as professoras primárias.

Em artigo da celebração do segundo aniversário, publicada em 1917 a revista apresentava as conquistas realizadas e o impacto do impresso na organização dos inspetores públicos. Após a criação da revista, surgiu o conselho de inspetores públicos que passaram a deliberar sobre os assuntos pedagógicos, para esse propósito, eram realizadas palestras, a fim de debater as questões do ensino primário.

A Professora Esther Pedreira Mello Inspectora do 2º distrito, foi escolhida como a presidente e líder dos inspetores e principal palestrante das conferências³⁹ ministradas. As qualidades da professora Esther Mello foram enaltecidas pelo educador Frota Pessoa (1918, p. 1), como “intensidade e clareza das necessidades do ensino primário” e que “palestrava com energia e felicidade”.

Os festejos de aniversários da revista sempre traziam à tona algumas de suas dificuldades⁴⁰, superações, além de homenagens aos seus fundadores e colaboradores. No seu décimo primeiro aniversário, foram destacadas as dificuldades materiais crescentes e explicitas que impossibilitaram o aumento do número de páginas por exemplar e sua publicação quinzenalmente. Nesse sentido, os artigos de aniversário contavam a história da revista em que demonstrava o empenho dos editores em construir uma memória do impresso.

³⁹ Ainda não foram localizadas mais informações referentes as conferências, apenas que eram ministradas pela professora aos inspetores.

⁴⁰ Ao que se refere a questão financeira do periódico não foi possível localizar fontes para discuti-lo.

No próximo capítulo discorreremos acerca das professoras que atuaram na a revista *A Escola Primária* entre os anos de 1916 a 1924, sobre as características desejadas a professora e a missão social da professora primária. Buscamos refletir como essas questões interligam-se na construção de representações de professoras.

2 DO QUADRO NEGRO ÀS PÁGINAS DO IMPRESSO PEDAGÓGICOS: AS PROFESSORAS PELA REVISTA *A ESCOLA PRIMÁRIA*

2.1 Predicados de uma *bôa professora* e recomendações adequadas a suas práticas: o que nos revelam os artigos?

[...] minhas jovens, sede encantadoras, mas prudentes e sensatas. Sede simples, não procurais seguir a moda em todas as suas excentricidades, fugidos os exageros que custam muito e que não aumentem o vosso encanto. E o vosso traje simples e modesto [...] E as mães de família dirão tranquilamente os vendo passar: “podemos confiar nossos filhos a esta mocidade, não lhes darão maus exemplos” (J.F.C, 1917, p. 176-177).

O século XX foi marcado por movimentos de constantes alterações em valores, práticas e papéis; contudo, a literatura tem evidenciado também continuidades (ALVES, 2000). A esse respeito, à mulher ainda era símbolo da fragilidade física e intelectual dessa forma nesse contexto a profissionalização do magistério primário possibilitou um maior preparo e continuação dos estudos.

A professora deveria possuir características tais que a tornassem “adequadas” ao trabalho docente, criando uma estrutura complexa as práticas na vida social e profissional das educadoras. Dessa forma, não bastava apenas possuir bons predicados tais como: vocabulário adequado, preparo cultural, resolução de lições, mas sobretudo a preservação da moral.

Ademais, o magistério primário era considerado adequado as mulheres por uma série de questões que eram expressas em diferentes discursos, sendo um deles por meio dos discursos médicos que afirmavam que o cérebro e as capacidades femininas eram diferentes do masculino, isto é, mostrando a diferença feminina sobre o qual o magistério era considerado uma atividade apropriada ao feminino por se tratar de uma carreira que lidava com crianças, o que seria um dom nato as mulheres.

Cabe ressaltar que o magistério primário era associado a mulher, uma vez que estas em maior número exerciam a carreira, pois lhes eram atribuídos socialmente o dom de educar as crianças por ser um trabalho que teria pouco

contato com os homens e pela possibilidade de conciliar o horário de trabalho com o cuidado da família.

É importante mencionar que além da questão de diferença biológica havia as diferenças sociais, religiosas, morais que delimitavam e julgavam a capacidade de exercer atividades profissionais de homens e mulheres. A partir desse entendimento, é possível identificarmos as concepções de mulher e de professora da qual podemos perceber por meio dos artigos publicados dos membros da direção e pelos colaboradores elegidos pela revista. Se por um lado existia a defesa em preservar a honra da mulher e de limitá-la ao trabalho fora de casa, por outro, também havia a defesa de que a mulher deveria votar, atuar em outras áreas profissionais e de debater mais profundamente os temas educacionais.

Em artigo de autoria de Ignácio do Amaral, publicado na *A Escola Primária* no mês de maio de 1920, ao falar sobre escolas mistas, apresenta seu ponto de vista acerca das diferenças entre os sexos e defende que:

É preciso, porém, ter em vista que tudo quanto ficou dito, a respeito das características cerebrais de um e de outro sexo, deve ser entendido com a significação relativa de indicações dos predicados preponderantes nos tipos de atividade cerebrais peculiares ao homem e a mulher (AMARAL, 1920, p. 212).

O autor aponta que a inteligência masculina é mais dedutiva, ou seja, mais analítica; enquanto a da mulher indutiva e sintética. Explicou ainda que, uma inteligência não é melhor que a outra e que essas classificações não significavam algum tipo de incapacidade do cérebro feminino. No entanto, o autor ao classificar hierarquiza os tipos de inteligência.

Embora o autor compartilhasse da premissa que o cérebro feminino possuía capacidade de exercer diferentes atividades, havia na mesma revista autores que defendiam a concepção de que a professora deveria possuir características tipicamente femininas tais como: calma e amorosidade, para educar as crianças. Em edição de maio de 1919 na seção *A Escola*, sob o título “disciplina”, o autor acerca da aptidão da professora em organizar a turma e discipliná-la. Assim,

Não é boa professora, sob o ponto de vista educativo, aquela que habitua a criança a teme-la, a afasta-la de si pelo modo áspero, ríspido e intolerante. Não é boa professora, aquela que, pretendendo ensinar humilha criança, duvidando de suas boas intenções e expondo os seus atos [...] não é boa professora, aquela que dá criança a certeza que foram esgotados todos os

recursos para conseguir alguma causa, que a considera um caso perdido, em lugar lhe desperta boa intenção, energia, vontade firme de vencer (J.F.C, 1919, p. 216).

O autor (1919) apontava as características que não eram desejadas a uma boa professora da qual estavam ligadas a aspectos autoritários e intolerantes. Por isso, esse tipo de prática era comum nas escolas, bem como os castigos físicos e psicológicos. Nesse sentido, havia a intenção de remodelar essas práticas por meio do convencimento de que a professora os educaria de forma amorosa. De acordo com o autor, uma boa professora deveria ser paciente, amorosa, incentivar os alunos aos estudos e conquistar o coração das crianças.

Nessa mesma linha argumentativa, Esther Pedreira, em conferência sobre o ensino primário publicado na revista em 1918, afirmava que a escola deveria ser alegre, animada e agradável as crianças. Destacava que a mulher professora, mais do que o homem, era encarregada do trabalho maternal com a tarefa de educar as crianças e que a classe era o reflexo da professora.

A respeito da disciplina escolar e da prática e condução da professora primária, o artigo “*Factos de disciplina escolar*” no ano de 1922, na seção *A Escola* de autoria de Amélia Rosa Ferreira⁴¹, trazia como centralidade a disciplina escolar e ressaltava como a professora deveria proceder no dia a dia escolar destacando as questões sobre competência e moral.

A disciplina de uma classe reflete muito, quase totalmente, o valor da professora que a dirige; e dela depende, em grande parte, o aproveitamento dos alunos. Crianças são sempre crianças, e em todas as turmas há alunos bons e maus; mas, si a classe é ativa, obediente a determinações previamente estabelecidas e rigorosamente observadas, a maioria a quase totalidade é de bons, de disciplinados. Bem sei que vezes, e isso acontece em minha escola como em muitas outras, as condições de trabalho, em salas acanhadas, atravancadas, superlotadas, não oferecem grandes vantagens; no entanto, mesmo assim, não é impossível um regime disciplinar, que, então, se torna mais imperioso. Demais, nosso dever é procurar em todas as circunstâncias suavizar as agruras da vida; e tanto mais o valor terá aquela que, encontrando dificuldades a vencer, conseguir dar a sua classe organização relativamente boa. A professora não se esqueça que é espelho constante para os entenzinhos cuja educação que lhe foi, em parte, confiada. Que eles se lembrem no futuro, quando a existência lhe apresentar sérios problemas e privações, da paciência, da solicitude, da calma daquela a secundou a formação de sua personalidade - Procurando tirar partido de tudo - conciliar o que deveria ser como pode ser, remediar, sem queixumes inúteis, as falhas mais sensíveis; enfim, tornar agradável a labuta de todo o dia. Esse é o papel da mulher do lar, esse deve ser seu papel na escola (FERREIRA, 1922, p. 302).

⁴¹ Colaboradora da *A Escola Primária*.

O artigo trazia elementos relacionados ao modo de organização do trabalho escolar, em que destacou um comportamento desejado a professora, que estava ligado ao tratamento doce e amável com as crianças e ao mesmo tempo autoridade e organização.

À vista disso, é importante identificar e analisar os interesses dos discursos referentes a disciplina, pois era atribuído a professora um duplo papel de professora/mãe dos alunos e alunas e a de disciplinadora. Embora, fizessem referência a figura de uma professora com autoridade, isso não se confundia com gritos e castigos, pelo contrário, esse tipo de atitude não era recomendável.

Nessa perspectiva, Barros (2019) nos alerta que a revista como uma forma de comunicação, informação, poder, e instrumento de sociabilidade, destacava feitos a determinada notícia e estratégias editoriais, para indignar ou direcionar o leitor. Dentre outros, diversos procedimentos precisavam ser cuidadosamente observados pelo pesquisador, compreendendo a informação e os interesses que atravessam os impressos.

Desta forma, no exame dos artigos publicados pela revista, é possível perceber algumas expressões que apareciam com frequência ao se referirem as professoras, tais como: “devotadas professoras”, “educadoras da infância”, “a missão de professora pública”, modeladora”, “espelho” e “a classe é reflexo da professora”. Quanto aos predicados notamos os seguintes adjetivos: zelosa, amável, cuidadosa, dedicada. Portanto, esse conjunto de predicados seriam boas características a uma boa professora primária.

No que se refere as concepções de mulher expressas nos textos selecionados da *A Escola Primária*, com frequência indicava a relevância do seu papel para além de mãe e esposa. Cabia-lhe, a partir desse momento, uma outra função, a de educadora. A ideia de maternidade e de professora ampliava-se a partir da perspectiva de que era preciso formação para a carreira.

Nessa direção, o exame do artigo de Ferreira (1922), atribuía de forma conotativa que a professora era o “espelho para os alunos”, o que significa segundo o dicionário⁴² ser: coisa digna de se imitar; exemplo, modelo. Estas definições nos dão indícios das concepções de professoras que possibilitam nos aproximarmos da compreensão do que escreviam.

⁴² Dicionário online dicio.com que define a palavra espelho, acesso em setembro de 2021.

Portanto, não há neutralidade na mais simples escolha encaminhada pelos colaboradores e colaboradoras, ou pela direção da revista. Nesse sentido, ao dizer que a professora era um espelho, havia um encaminhamento, uma intencionalidade de conduzir a figura da professora atrelado a uma imagem, a um modelo. A idealização de atributos tais como: paciência, solicitude, calma eram constantemente ressaltadas nos artigos relacionados as características da boa professora. No entanto, não eram reclamadas as condições objetivas de trabalho que realizavam.

2.2 A “missão” social da professora como educadora da nação

[...] Torne mais proveitosa e mais eficiente a ação verdadeiramente digna de encômios do nosso professorado público, em cujo seio não rareiam as provas de competência, de dedicado esforço e amor sublime a sua nobre profissão, tão nobre que pode dizer estar no professor primário, principalmente a professora primária, entregue o futuro da pátria (GONZAGA, 1919, p.149).

A mulher nos primeiros anos do século XX estava no lar e ao mesmo tempo lutando por sua emancipação no espaço público. Em decorrência desses movimentos e da discussão em torno do papel da mulher no contexto da primeira guerra mundial (CAMARA, 2013), a imagem que se queria construir era de esposa, mãe e dona de casa.

Essa imagem estava fundamentada na ideia de que o papel da mulher na sociedade era de guardiã do lar e dos filhos. Nessa direção, alinhava-se a ideia de atribuir o magistério primário a mulher, pois aos moldes dos valores republicanos, a professora estaria no papel de mãe da nação de educadora dos futuros cidadãos, ou seja, havia a associação do magistério com características maternas.

Segundo a concepção de alguns intelectuais do início do século XX, a consolidação dos princípios republicanos, como a ordem e o progresso, dependeria da implantação de uma escolarização que construísse e afirmasse a formação da consciência nacional para a cidadania. Dessa forma, ganhou importância o papel das professoras como agentes educativas.

O pensamento em torno da educação, o que incluía a formação das professoras e suas práticas em classes no ensino primário acompanhavam as exigências quanto a uma boa conduta e a seguiam como condutoras da moralização. Todavia, as mulheres nem sempre se enquadravam nessas representações. Fomentadas pelas novidades apresentadas pela democracia, e as discussões em torno do moderno, também se colocavam nos movimentos feministas⁴³.

A esse respeito, o artigo publicado em 1917, pela revista *A Escola Primária*, na coluna “A educação do homem cidadão”, de autoria desconhecida, considerava que a educação da mulher se constituía em um objeto de controvérsia em que se defendia regular direitos. Por outro lado, apontava a direção da liberdade feminina sem entraves, mas que acabava inibindo o nobre papel da mulher de organização da família. Complementava ainda que “entre esses dois extremos que se deve encontrar a solução de problema tão complexo” (*A Escola Primária*, 1917, p. 306).

O lugar social da mulher era representado pela revista com ideias próximas apresentadas a construção de nação e modernidade almejados pelos dirigentes no Brasil. No mesmo artigo o autor cita um discurso em homenagem a Medeiros e Albuquerque⁴⁴, realizada por uma oradora, que não quis se identificar. Nele demonstrava claramente como deveria ser compreendido o problema e definido o feminismo.

O feminismo bem compreendido, sem reivindicações absurdas, sem pretensões perigosas; que considera o papel da educadora da infância, missão nobilíssima, perfeitamente de acordo com a natureza da mulher, com os seus sentimentos afetivos. Feminismo que imitará o bom feminismo americano: combate ao analfabetismo, promove nobre cruzadas, faz heroicos apóstolos, abre escolas, constrói sumptuosas casas de educação, vela pelas prisões, cria obras de todas as necessidades, estabelecimentos e círculos operários; moraliza costumes. (*A Escola Primária*, 1917, p. 306 – grifos nosso)

À vista disso, de que maneira a definição de feminismo levantada pelo autor (a) implicou na construção de representações de professoras primárias? Em um primeiro momento, percebemos a tendência a defesa de que “bom feminismo”, seria

⁴³ O termo feminino tem origem francesa (Fèminisme) e sua gênese foi atribuída pela busca da igualdade de direitos entre homens e mulheres (Bueno, 2019). Vale destacar que ao longo do tempo existiram diversas matrizes do feminismo como o feminismo cristão, feminismo negro, dentre outros.

⁴⁴ José Joaquim de Campos de Medeiros e Albuquerque (1967-1934), foi funcionário público, jornalista e professor.

mais adequado, pois lapidavam a “natureza feminina”. Já o “mau feminismo”, era definido como afronta ao homem, ou seja, não cabia a educadora praticá-lo. Desta forma, consideramos que a revista regulava, de certo modo, as formas de agir das professoras, caminhando na perspectiva de mais conservadora das opiniões femininas.

Outra questão, são os ambientes e atividades apropriados às mulheres, quando a autora aponta que os saraus, os chás, as associações de cunho filantrópico, as associações femininas, as instituições educacionais dentre outros espaços⁴⁵ são ambientes adequados a mulher. Percebemos que estavam atrelados a ideia de determinismo biológico e a regulação dos espaços por elas frequentados.

No fragmento “o feminismo sem reivindicações absurdas” era revelado e reforçado a manutenção de relações de poder na sociedade, em que a centralidade do papel da mulher na sociedade deveria estar associada ao lar, aos deveres de mãe e de educadora da infância.

As reflexões expostas na revista surgiram como uma crítica social, moral e política a partir de sua conclusão de que “as condições atuais da mulher na sociedade são resultantes de um lento evoluir; a sua emancipação se efetuou de acordo com os progressos da civilização” (1917, p. 306). Complementava sua ideia afirmando que essa evolução ocorreu de forma lenta e segura e que, havia o equívoco da qual a mulher poderia se afastar do lar pela responsabilidade de formar a futura nação, como mãe ou como professora.

Já no artigo publicado no ano de 1918 por Maria Stella, na coluna “Cartas Serranas”, a autora defendia a boa compreensão do feminismo em prol da liberdade da mulher, ao voto, afirmavam não buscar a rivalidade com o homem, mas que o feminismo “bem compreendido não é uma ameaça aos lares nem a harmonia conjugal. A esposa e mãe não deixará de ser, e excelente, por acompanhar de perto ativamente os interesses da sua terra e lançar seu voto as urnas” (1918, p. 34).

No mesmo artigo Maria Stella completa que a mulher trabalhava ao lado do homem e não parecia justo que não pudesse usufruir os direitos e liberdades públicas. Esclarecia ao seu público leitor, que: “Abandonemos o ridículo que se quer emprestar a essa questão, figurando ao marido a cuidar dos filhos e a mulher, masculinizada, a tratar de negócios” (STELLA, 1918, p. 34).

⁴⁵ Muitos desses espaços eram ocupados por mulheres das classes mais abastadas da sociedade.

Percebemos que Stella, demonstrava ser contra as desigualdades sociais entre homens e mulheres, conjuntamente postulava a concepção da ação da mulher como professora fundamental por entender que o cuidado maternal, afetividade e paciência eram atributos femininos e que nem mesmo o feminismo poderia anular.

É possível notar que autoras que escreviam para a revista participavam ativamente em associações em defesa da capacidade profissional feminina no magistério ou em cargos de gestão como a de inspetor. Vale destacar que, no ano de 1929 as professoras Zélia Braune, Maria dos Reis Campos, Celina Padilha, Eulina Nazareth foram nomeadas para o cargo de inspetoras escolares. Na ocasião recebendo um telegrama de Bertha Lutz, então presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, órgão representativo do movimento feminista no Brasil, felicitando-as pelo justo reconhecimento de sua contribuição ao Progresso Feminino e da educação brasileira (*O Paiz*, 1929, p. 2). No mesmo ano foi publicado o telegrama ao Diretor Geral de Instrução Pública Fernando de Azevedo (1894-1974) do Instrutor público Floripes Lucas, congratulando-o pelo ato de nomeação das professoras ao cargo de inspetora escolar, destacando a raridade de tal ato (*Correio do amanhã*, 1929).

Os ideias feministas eram recebidas com muitas ressalvas pela revista e impactavam diretamente na construção de representações de professoras, uma vez que estas deveriam transmitir bons valores a toda a sociedade e tinham os valores feministas como opostos a isto. Por isso defendiam com afinco o “bom feminismo”, acreditando que este estaria mais próximo dos caminhos corretos na luta voltada a educação e instrução destas no propósito de alinhar-se a sua missão de educadora da nação.

Consideramos que a revista *A Escola Primária*, ao se referir a educação da mulher apontava como problema de difícil resolução, articulando as ideias de maternidade, cultura moral além da defesa do “bom feminismo”. Nesta perspectiva, o impresso como espaço de orientação e formação de professoras reforçava, de certo modo, a educação feminina atrelada a certos valores morais e de comportamento.

2.3 As professoras e suas escritas

“O egoísmo do sexo fez do homem através dos séculos e sob o influxo de erros arraigados e brutais, o dominador da mulher. A está muito têm lhe custado a tarefa de impor-se com valor e força. Força e valor é ela, minhas consocias e patrícias: força que nasce no seu coração (SANTOS,1924, p. 80).

Adentrar no campo dos estudos das mulheres nos possibilita compreender os caminhos da sua história e as concepções em torno do campo específico da educação. É possível perceber um progressivo crescimento da participação das mulheres nos espaços públicos e nas carreiras antes vedadas a elas.

Embora, estivessem trilhando outros espaços, inclusive os caminhos intelectuais, havia restrições do que liam, do que escreviam e onde escreviam. No entanto, havia mulheres que ocupavam as páginas da imprensa como escritoras⁴⁶ desde o século XVIII, Tedeschi (2016) aponta que:

[...] as mulheres podiam escrever desde que os seus escritos não ferissem a moral e os bons costumes. Escrever, por exemplo, receitas ou registrar como manter a casa em ordem era, dentro do código patriarcal, referendar os valores da cultura patriarcal. Todavia, escrevendo sobre aquilo a que estavam mais próximas, as mulheres foram, paulatinamente, adentrando no universo da escrita (2016, p. 158).

Mesmo com um repertório restrito de leitura e escrita, no início do século XX as mulheres escreviam especialmente sobre temas relacionados a poesias, vida doméstica ou de instrução feminina. Progressivamente foram ampliando as suas pautas, com particular destaque na imprensa pedagógica.

O exame dessa relação, se apresenta em duas direções, a primeira pela frequência de professoras escrevendo a respeito de temas educacionais em impressos e livros, que era de certo modo justificado por ser uma carreira ocupada majoritariamente por mulheres. A segunda, é que mesmo o nível de instrução feminina tenha aumentado, havia certa limitação nos espaços de debates intelectuais, sendo possível observar com menor número de mulheres nas atividades simultâneas de escrever e ensinar.

⁴⁶ Em muitos momentos as colaboradoras utilizavam pseudônimos, pois tinham receio de exposição, seus nomes completos eram ocultados para proteger desta forma sua vida privada.

No caso da revista *A Escola Primária*, o espaço para a escrita feminina parecia ser mais amplo, pois foram localizadas quarenta e quatro autoras no período estudado. Esse número se refere as colaboradoras que escreviam com frequência ou esporadicamente. Nesse sentido, cabe ressaltar alguns pontos para análise: o conteúdo dos textos que escreviam, a repercussão de suas publicações, tipos ou seções que ocupavam e a frequência de suas publicações.

Quadro 8 - Professoras e seções que escreviam na revista *A Escola Primária* (1916 – 1924)

Nome da autora	Ano	Seção	Temática	Frequência	Ocupação/cargo
Esther Pedreira de Mello	1916-1923	A Escola	Escola Normal	Fixa	Inspetora Escolar, professora e diretora da Escola Normal e diretora da Revista.
Léonie de F. Anglada	1916 - 1919	Lições e exercícios	Aritmética	Fixa	Professora catedrática da 2º escola mista do 2º distrito Escola Celestino da Silva (1923).
Eulina Nazareth	1917	A Escola	Método sintético	Eventual	Professora municipal e Inspetora Escola em 1929
Corina Barreiros	1917				*Ausência de informações
Alda Pereira da Fonseca.	1917-1935	A Escola	Ensino de português	Fixa	Cientista carioca, dedicada a botânica – representou o Ministério da Agricultura em várias comissões nacionais e no exterior. Escreveu romance e novela. Autora de livros didáticos de leitura.
Corina Barreiros	1917-1927*	A Escola	Método de ensino e leitura	Fixa e em outro momento eventual	*Ausência de informações

Ormind Isabel Marques	1917- 1920	Lições e Exercícios	Nicro sintético	Convidada	Diretora da escola Bernardo Vasconcelos 1923
Adelina Ennes Bandeira	1917 - 1920	Lições e exercícios	Gramática	Convidada	*Ausência de informações
Helena	1918- 1923	Ideias e Fatos	Coluna através das revistas	Fixa	*Ausência de informações
Clementina Trilho da Silva	1919	Ideias e Fatos	Ensino Primário	Convidada	*Ausência de informações
Anna C. Osorio	1919	Lições e Exercícios	Exercício de recitação	Convidada	*Ausência de informações
Esmeralda Masson de Azevedo	1919- 1922	Lições e exercícios	Seção de Geografia	Fixa	*Ausência de informações
Isabel Mendes	1920 - 1926	Lições e exercícios	Língua materna (responsável pela seção)	Fixa	*Ausência de informações
Maria Clélia de Mello de Silva	1920	A Escola	Português	Convidada	*Ausência de informações
Jardelina R. da Silva	1920	A Escola	1º classe elementar	Convidada	*Ausência de informações
Consuelo Côrtes	1920	A Escola	Ensino	Eventual	*Ausência de informações
Maria Constança Rocha	1920 e 1922		Como a criança aprende a ler e pratica didática	Convidada	*Ausência de informações
Celina Padilha	1920- 1936	Lições e exercícios e a Escola	Exercícios matemáticos e história e tradução e transcrição de conferencias educacionais (Inspetora Escolar, 1929)	Fixa	Redatora da revista O Estudo, diretora e inspetora escolar.
Amélia Rosa Ferreira	1920- 1922	A Escola e ideias e Fatos	Ensino primário	Eventual	*Ausência de informações
Judith Gitahy de Alencastro	1920	Lições e exercícios e a Escola	Ensino de história e geografia	Fixa	Professora Catedrática, atuou na escola Nilo Peçanha, poetisa e membra da Liga de Assistência ao Trabalho.
Adelayde Alqueres	1920	Lições e exercícios	Higiene nas escolas	Convidada	*Ausência de informações
Lavinia Gusmão	1920	Lições e exercícios	Ensino Primário	Convidada	*Ausência de informações
Zélia Bonifácio	1920	Lições e exercícios	Ciências	Fixa	*Ausência de informações
Maria do Nascimento	1920	Ideias e Fatos		Convidada	*Ausência de informações

Reis Santos					
Myrtes Campos	1920	Ideias e Fatos	Educação feminina	Fixo	Primeira advogada brasileira a exercer a profissão e inspetora escola.
Zulmira	1920-1923	Lições e exercícios	língua materna	Eventual	*Ausência de informações
Leonor Posada	1920-1935	A Escola	Redação	Eventual	Professora, autora de livros didáticos e poetiza
Adelaide Moraes	1920-1931	Ideias e Fatos	Artigo sobre assuntos educacionais	Eventual	*Ausência de informações
América Xavier Monteiro Barros	1920-1925	Lições e exercícios	Exercícios escritos e de redação	Fixa	*Ausência de informações
Maria Clélia de Mello e Silva	1920	A Escola	Português	Eventual	*Ausência de informações
Maria Constança da Rocha	1921-1922	A Escola	Didática	Fixa	*Ausência de informações
Celeste Travassos	1921-1930	Lições e exercícios	Alfabetização	Fixa	*Ausência de informações
Sebastiana Figueiredo	1922-1935	Lições e exercícios	Leitura, gramática, geografia, aritmética e seções problemas do tipo para os pequeninos e Práticas da escola nova (1934-1935)	Fixa	*Ausência de informações
Coema Hermeteiro	1922 - 1923	A Escola	Português	Convidada	Atuou como docente do ensino primário em escolas públicas municipais e como docente na escola Martins Junior.
Julieta Arruda	1922	Lições e exercícios	Aritmética		*Ausência de informações
Everilde Faria Lemos da Fonseca	1922-1923	Lições e Exercícios	História	Eventual	Diretora da Escola Francisco Manoel/ Cooperativa escolar em 1932
Francisca	1922-	Escola	História	Eventual	*Ausência de

Amarante Imbuzeiro	1923	Normal e Lições e Exercícios			informações
Lucilia Correale	1922-1923	Lições e Exercícios	História	Eventual	*Ausência de informações
Rosinha Bellagama	1922	Lições e Exercícios	História	Convidada	* Ausência de informações
Iracema Torrentes Pereira	1923	A Escola	Ensino Primário	Convidada	* Ausência de informações
Alba Cañizares Nascimento	1923-1935	Ideias e Fatos		Fixa	Autora de apostilas de português e organização da escola primária (Professora catedrática)
Zuleide G. Recife	1923	A Escola	Homenagem	Convidada	* Ausência de informações
Virginia Paula Rosa	1923 - 1924	A Escola	Língua materna	Convidada	Professora da escola Ramiz Galvão
Maria Amélia Daltro Santos	1924	Lições e exercícios, A Escola e Ideias e fatos	Artigos na seção ideais e fatos língua materna para 5º, 6º e 7º anos na seção de exercícios e autora da coluna "Cartas Serranas"	Fixo	Professora primária e da Escola Normal
Maria Coutinho Amorim	1924	A Escola	História	Convidada	Professora adjunta da Escola de Aplicação Deodoro
Ilza Macedo	1924	Ideias e Fatos		Convidada	* Ausência de informações
Edith Blume	1924	A Escola	Ciências naturais	Convidada	* Ausência de informações
Noemia Eloya de Siqueira	1924 - 1933	A Escola	Língua materna	Fixa	* Ausência de informações
Inah Martini	1924-1925	A Escola	Aritimética	Fixa	* Ausência de informações

Fonte: Levantamento e quadro elaborados pela autora a partir da consulta a Revista *A Escola Primária* e de impressos de circulação do RJ entre os anos de 1910 a 1930.

Compreendemos que as autoras fixas eram aquelas que tinham publicações ou colunas frequentes na revista e autoras eventuais as que escreviam um pequeno conjunto de artigos em alguns números ou de modo esporádico ou como convidada aparecendo somente uma vez. Destas colaboradoras, haviam professoras primárias

que estavam exercendo o magistério, professoras catedráticas⁴⁷, autoras de livros didáticos, professoras da Escola Normal, cientistas, Diretoras de escolas, advogadas e Inspetoras Escolares. No entanto poucas destas autoras colaboravam com temáticas das suas respectivas áreas de atuação dentro da revista.

Diferente disso, Myrtes Campos que no texto publicado na revista em 1920 com o título “direitos e deveres da mulher”, primeira mulher advogada do Brasil, inaugurou uma discussão na revista no ponto de vista feminino, até então pouco discutido. A autora iniciou no texto tratando alguns pontos que eram abordados no programa de história pertencente ao 5º ano, e trouxe avante a dúvida de uma distinta professora municipal que atestava ser raras as publicações a respeito da condição jurídica feminina para levar a sua classe.

Empenhada, Campos (1920), enumera alguns relatórios, monografias e dissertações que tratavam do tema e desdobra as possibilidades de intervenções ao falar sobre igualdade liberdade, na condição social e jurídica da mulher e defende que:

Em sociedade, apesar da resistência oferecida pelos costumes, a intervenção cada vez mais acostuada da mulher como colaboradora do homem e a possibilidade de transformar-se pelo trabalho em unidade econômica independente preparam, para um futuro talvez próximo, a sua completa emancipação. Penoso, contudo, será esse preparo: quantas luas íntimas, como diz Staars, serão preciosas para que as ideias novas possam vencer os preconceitos, a zombaria, e a maledicência de pessoas envelhecidas nas antigas formas de relações sociais e incapazes de compreender o progresso! (CAMPOS, 1920, p. 169).

Ao logo do texto que ocupou duas páginas a autora versou sobre a Constituição Federal e o código civil em que discutiu os direitos da mulher solteira, casada e viúva. Baseada nos documentos norteadores que julgavam também serem de cunho filosófico, defendia a atuação da mulher em funções públicas, para além do magistério primário e repartições públicas, o que incluía a magistratura, legalização de diretrizes para atuação nas profissões liberais, no comércio e na indústria.

Myrthes de Campos, finaliza seu texto provocando seus leitores a pensar sobre a importância do conhecimento dos códigos e do seu bom cumprimento. Declara ainda a necessidade da elevação na educação de instrução feminina e o

⁴⁷ A nomenclatura catedrática geralmente era usada para professores/as com títulos mais elevados da carreira no ensino ginasial e secundário.

abandono do estado de submissão e ignorância. Alguns nomes já eram conhecidos por atuações em outros espaços para além da revista. Desta forma presumimos que a participação na revista se deve também as redes de relações criadas pelo conselho diretor da revista.

Vale destacar que, a participação de professoras como autoras estavam em grande parte na seção de “Lições e Exercícios”. No artigo publicado no ano de 1920 foram apresentadas as professoras responsáveis por essa seção:

Temos a satisfação de comunicar aos nossos leitores que *A Escola Primária* conta deste este número, na seção de “lições e exercícios”, com a colaboração efetiva da ilustre professora D. Olympia de Couto, figura paradigmática no ensino primário, e das distintas docentes D.D. Isabel Mendes, Zélia Bonifácio, Maria Eugenia A. Costa, Maria Campos Reis, e Judith Gitahi de Alencastro, colaboração que, esperamos, se estenderá ainda a outras seções da revista, juntando uma nova e valiosa parcela a soma de precioso trabalho que tem dado a estas páginas tantas operosas competências que não podem ser esquecidas. As colaboradoras que hoje apresentamos virão breve outras juntar-se igualmente, fazendo *A Escola Primária* o que ela pretende ser- expoente do nosso, magistério primário de primeiro grau (*A Escola Primária*, 1920, p. 97).

A Escola Primária, a partir da década de 1920, passou a apresentar um crescente número de mulheres autoras. Ainda cumpre destacar que exprimiam o interesse de que suas colaboradoras compusessem outras seções da revista. Além disso, demonstravam vontade em integrar seu corpo editorial mais professoras; isso de certo modo, expressa uma possível abertura no que se referia ao reconhecimento do trabalho e da escrita feminina.

Destas professoras apresentadas como responsáveis pela seção “*Lições e Exercícios*”, a professora Maria Reis Campos se destacou também na seção “*Ideias de fatos*”, a partir de 1920 com importantes artigos sobre a educação nacional. Além disso, a professora fazia parte da A liga dos professores⁴⁸.

A professora, já publicava antes de ser responsável pela seção “*Lições e Exercícios*”, para o impresso desde os anos de 1918, sobre temáticas em torno da educação cívica. Em 1922, Campos publicou o livro didáticos sob o título “*História Geral (resumo)*” pela livraria Leite Ribeiro.

Outra professora que demonstrou forte presença na revista foi Leonor Posada, que iniciou sua participação na seção *A Escola* a partir do ano de 1920 com textos sobre português e redação. Além do seu conhecimento para a escrita e ensino de

⁴⁸ Não foram localizados mais informações.

português, também possuía talento para versos. Posada⁴⁹ ingressou muito jovem na Escola Normal, naquela ocasião foi aluna de professores que a inspiraram como educadora: o professor de Português Sérvulo de Lima⁵⁰ e o psicólogo e pedagogo Manoel Bomfim⁵¹ (FELGA, 2009).

Figura 9 - Fotografia da professora Leonor Posada



Fonte: Uma poetisa, *Ilustração Moderna* (RJ), 1925.

A educadora era defensora dos ideais da Escola Nova, que a inspirava para a criação de seus métodos de ensino. Durante sua carreira acumulou numerosos trabalhos por meio de livros, artigos em revistas e músicas infantis. Dentre os livros de sua autoria, foram localizados dois títulos divulgados nas páginas da revista a *Escola Primária*, que no final de suas edições expunha uma lista de livros didáticos ou de temas relacionados a educação de autoria de professores. Foram localizadas publicidade de duas livrarias, a Francisco Alves C. e a Leite Ribeiro. A livraria Francisco Alves publicou seus catálogos dos anos de 1916 a 1921, utilizava-se da

⁴⁹ Leonor Posada foi professora, jornalista e poetisa.

⁵⁰ Não foram localizadas mais dados.

⁵¹ Manoel Bomfim (1868-1932), intelectual e educador, para mais informações recorrer as pesquisas realizadas por Marcela Cockell (2018).

estratégia de ser editora da revista com o intento de divulgar suas obras editadas e vendidas.

Além disso, disponibilizavam sua lista de livros forma gratuita para todo o Brasil, o que incluía os Livreiros, Editoras nacionais e importados de Paulo de Azevedo e Cia “Exercícios complementares de redação” de 1922 e “Um punhado de assuntos para exercícios de redação ao curso complementar” e “Um punhado de exercícios para a classe das escolas primárias”, do mesmo ano. Ambos foram editados pela livraria Leite Ribeiro e divulgado em lista de livros nos finais das edições da revista (*A Escola Primária*, 1922).

Embora, as professoras tivessem presença marcante no magistério, nem sempre ocupavam as páginas dos periódicos pedagógicos destinados aos professores ou na escritura de livros. No entanto, por meio de suas escritas na revista *A Escola Primária* demonstravam autonomia e habilidade teórica, o que ia contra os discursos de incapacidade intelectual feminina defendida inclusive por discursos médicos na época, com a de Maria da Glória Fernandes (1903).

[...] Muitas vezes a iniciativa de elaborar um livro didático partia do próprio autor, muitos dos quais pagavam do próprio bolso pela primeira edição. As articulações do autor e a boa aceitação de sua obra eram decisivas para a negociação das edições seguintes com as editoras (SILVA, 2008, p.57).

Nessa perspectiva, é fundamental pensarmos sobre as produções educacionais de autoria feminina, inclusive a autoria didática, pois ajuda a entendermos a quantidade de livros publicados por professoras e de pensamos como os intelectuais pensavam e contribuía para a educação. Dentre tantas colunas distribuídas pelas seções da revista de autoria feminina, destacaram-se algumas pelo teor das críticas, reflexões e discussões levantadas. A coluna “A filosofia na escola primária” por Alba Cañizares Nascimento na seção *Ideias e Fatos*, em que defendia o ensino da filosofia na educação primária e aplicado sob a visão esclarecida do mestre, a fim de orientar o pensamento filosófico dos estudantes.

Figura10 - Fotografia da professora Alba Cañizares



Fonte: jornal *A Cruz*, 1929.

Além de autora do impresso a professora de psicologia educacional da Escola Normal Federal Wenceslau Braz, localizada no Rio de Janeiro, ocupou o cargo de superintendente de educação da 6ª circunscrição durante o ano de 1934 e representou o departamento de educação do Rio de Janeiro em outros países. A catedrática discutia em seus artigos publicados na revista temas variados como a escola republicana e educação em outros países. Segundo Granado (2019), a educadora acreditava que a missão da mulher era o de cuidar da família.

Com relação à missão da mulher, Alba destaca que a essência da mulher é a família e ser rainha de seu lar sua mais alta e nobre missão. Apesar disso, Deus também chama para o serviço do bem em outros ramos e esferas da ação humana, de forma que quando não encontrar sua legião na religiosidade, ou quando não formar uma família carnal, a mulher pode formar uma família espiritual e ter filhos espirituais, como no caso das educadoras cristãs (GRANADO, 2021, p. 71).

Cañizares defendia também que era possível que, a mulher fosse designada a outros serviços e espaços além do doméstico, como por exemplo a de educadora cristã. Pensava em uma perspectiva do magistério em base moral cristã, bem como da proteção aos modelos femininos republicano as mães e das educadoras.

Já na coluna “*Através das revistas*”, escrita por Helena, havia amplos debates acerca dos assuntos relacionados a educação. Até o ano de 1920 a professora já colecionava dez artigos publicados.

Quadro 9 - Títulos dos textos publicados pela educadora Helena

Títulos da coleção de artigos
A explicação dos problemas
A tabuada de multiplicar
Autoridade pela brandura
Leitura explicada
Não está prestando atenção!
O ensino da leitura
O fundo e a forma
Verdade e veracidade
A escolha dos livros
Glorifiquemos o trabalho

Fonte: Tabela elaborada pela autora por consulta direta a revista *A Escola Primária* (1916 a 1924).

A autora era responsável pelos conteúdos aplicados ao ensino primário, indagando sua serventia a educação patriótica. Publicou em 1919 exemplos que os professores deveriam ensinar aos alunos: “Queremos uma pátria forte [...] os professores, pois, deverão fazer por dar bons hábitos físicos aos seus alunos: sobriedade, resistência a fadiga” (HELENA, 1919, p.197). Complementava que a nação não era forte apenas pelas qualidades físicas, mas também pela energia de sua vontade.

Junto a estas professoras a educadora Zélia Braune desempenhou importantes tarefas com a diretora escola Rodrigues Alves (*Correio do Amanhã*, 1920), esteve a frente da comissão do curso de férias em 1923, membra da associação brasileira de educação além de desenvolvimento das ações na organização de sessões na ABE no ano de 1926.

Figura 11 - Zélia Braune discursando em evento da Escola Rodrigues Alves em 1923



Fonte: *Revista Fon-Fon*: semanário alegre, político, crítico, espusiente (RJ), edição 51, 1923.

Braune, aparece no registro fotográfico em pé segurando o papel, em que discursou no evento da escola que era diretora. A professora colocava-se como educadora da família e da escola. Na *Revista A Escola Primária*, publicou poucos artigos. No entanto, abordava importantes temáticas acerca do analfabetismo, programas escolares e objetivos da educação.

Outra autora que escrevia para a revista e estava envolvida nos debates, associações e congressos educacionais era a professora Celina Padilha, que esteve envolvida no congresso Brasileiro de Eugenia (1929) e nas discussões da Escola Nova (1930). Além disso, a educadora foi presidente da ABE nos anos finais da década de 1920 (*O Paiz*, 1927). Na *A Escola Primária* escreveu artigos sobre ciências físicas e naturais.

Além destas professoras já citadas, é importante destacar a participação da professora Coema Hemeteiro na revista. Sustentava o duplo desafio em ser mulher e negra em uma época marcada por que as questões relacionadas a raça estavam a lume (SILVA, 2019).

Figura 12 - Fotografia publicada na revista Careta da professora Coema Hemeteiro



Figura 5. Revista *A Cidade*, 1913, p. 30.

Fonte: Revista *A Cidade*, 1913. Silva, 2019.

Filha do professor Hemetério dos Santos⁵², Coema destacou-se na revista versando sobre lições de Língua Portuguesa. A partir disso, é possível verificar que assim como Coema, a maior parte das professoras que escreviam para *A Escola Primária*, eram filhas ou esposas de importantes figuras públicas na sociedade tais como: juízes, professores, médicos, políticos, dentre outros. Isso nos leva a acreditar que a escrita assim como o magistério eram ocupados em grande parte por mulheres de classes mais abastadas.

É possível apreendermos que algumas destas autoras apresentadas circulavam em diversos espaços como as associações, congressos e eventos sociais, inclusive sendo possível localiza-las em periódicos comerciais da época. Estas professoras colocavam-se em debates em ascensão à época como o feminismo, a educação, o magistério, e debates política e de saúde. Embora muitas destas defendessem a educação feminina e sua emancipação e atuassem nos espaços públicos, ainda atrelavam suas atividades ao papel da mulher para a noção

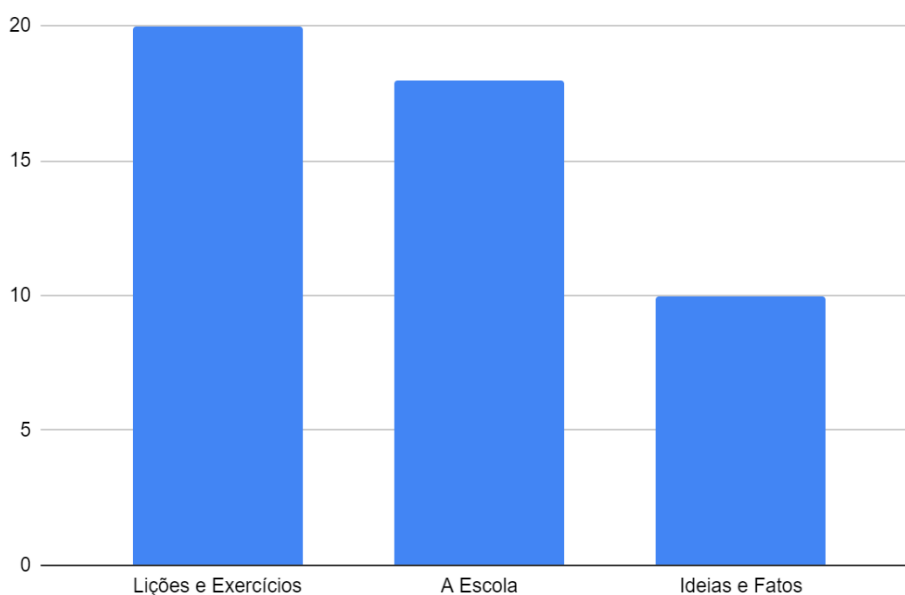
⁵² Professor da Escola Normal ligado aos estudos de Língua Portuguesa. O maranhense, estava plenamente conectado ao cosmopolitismo que tomava conta da cidade (SILVA, 2019).

a maternidade. Maria Stella, defendia “os seus direitos (alias garantidos pela nossa Constituição) não é afasta-la do lar, nem lhe substituir os seus deveres de mãe de família por outros, de que são até hoje, encarregados os homens” (1918, p.34).

Nessa linha argumentativa, podemos inferir que ao mesmo tempo que havia o incentivo e o interesse que professoras pudessem ser responsáveis por seções e por escritas de textos educacionais na revista, percebe-se que a maior parte destas não escreviam artigos de capa ou em seções de discussões de cunho filosófico ou político educacionais.

No exame da fonte, identificamos apenas um artigo de capa de autoria feminina escrita por Judith Gitahy de Alencastro em 1921 com o título “Alexina de Magalhaes Pinto”, em que homenageou a colega de profissão que lamentando seu falecimento repentino. A partir disso, identificamos seções as professoras escreviam.

Gráfico 1 - Relação de colaboradoras por Seção (1916-1924)



Fonte: Elaborado pela autora a partir de consulta direta a revista (1916 a 1924).

A partir dos dados apresentados no gráfico 1, é interessante notar que embora tivessem mulheres autoras, havia a disposição desigual nas seções. É necessário ressaltar que, as publicações nas seções “*Ideias e Fatos*” e “*A Escola*” eram relacionados a assuntos reflexivos e críticos ao que concernia a educação e apresentava menos número de artigos de autoria feminina. Por outro lado, a produção dos conteúdos primários na seção de “*Lições e exercícios*” eram ocupados

em grande parte pelas professoras por se tratar de conteúdos relacionados a parte mais prática do ensino primário.

Isso demonstra que, embora a mulher tenha ampliado sua formação enquanto professora, seu posicionamento acerca do debate educacional ainda era posto cautelosamente, havia uma liberdade controlada. A vida da mulher professora era de domínio público, estando sob o crivo dos códigos estabelecidos, desde o ingresso no curso de formação de professores nas Escolas Normais até suas práticas em sala de aula.

Á vista disso, é importante pensarmos de que maneira a revista pensava as professoras e as colocava como autoras. Ainda a esse respeito, como a construção de representações de professoras estava ligada aos critérios para exercerem a atividade escrita na revista em determinadas seções?

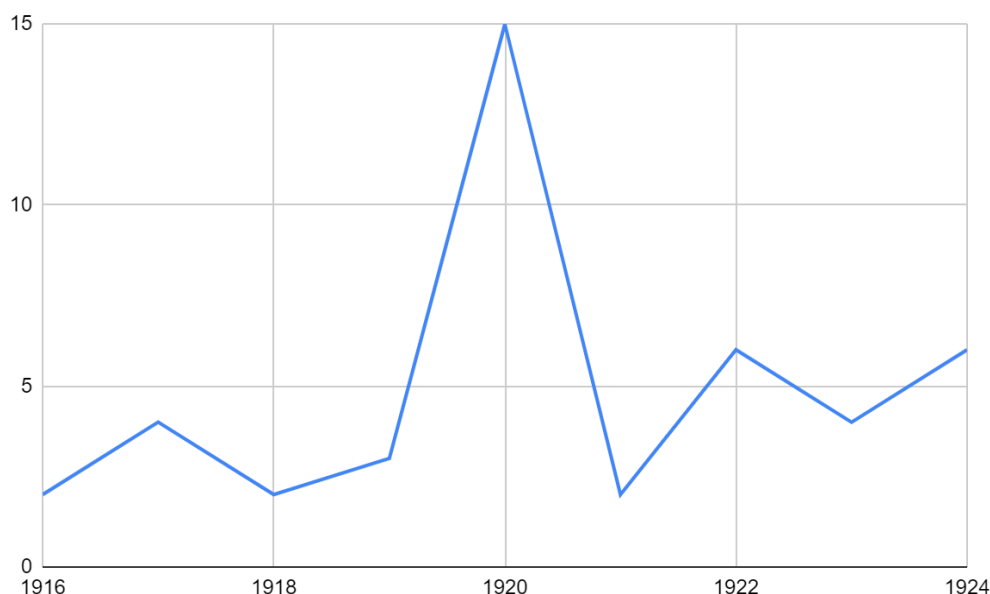
Pensamos que, embora a revista tivesse mulheres colaborando como o impresso, não havia uma real integração, pois mesmo com uma vasta produção de textos de autoria feminina, claramente não ocupavam de maneira quantitativa e qualitativa as seções do periódico em relação aos homens.

Ainda a esse respeito, é importante consideramos o aspecto de que para a *A Escola Primária* o papel da professora na escola primária pública era uma missão apostolar (PESSOA, 1918), e que seguir os programas de ensino propostos, de ser exemplo para os seus alunos, de ministrar aulas com excelência, dentre outras funções, eram destaque a uma professora. Não sendo mencionado sua ação intelectual e reflexiva acerca da educação, que por sua vez implicava na condição do reconhecimento dos escritos das professoras.

Embora a revista, à luz das ideias de progresso e modernização e com o discurso de que nas mãos das professoras estava o futuro dos cidadãos da nação, somente poucas educadoras estariam em colunas e seções fixas no impresso, especialmente as que ocupavam cargos de direção, inspeção ou professoras das Escolas Normais.

Contudo, verificamos a ampliação da participação de colaboradoras na revista, especificamente a partir dos anos de 1920, que pode ser observado no gráfico (2), em que mostra o ingresso de autoras na revista anualmente.

Gráfico 2 - Ingresso de mulheres na colaboração da revista anualmente (1916 -1924)



Fonte: Elaborado pela autora a partir de consulta direta a revista (1916 a 1924).

O gráfico 2 revela o tímido e lento ingresso de autoras na revista, demonstrando que embora ocupassem as classes do ensino primário como professoras, ainda não dominavam igualmente espaços de reflexão e escrita educacional. Acreditamos que as professoras neste contexto por serem vistas na função de executoras e construtoras da educação nacional, não lhes atribuída a escrita como principal função.

Ante o exposto, é importante destacar dois pontos. O primeiro está relacionado em como a professora chegava, seja a nível primária ou secundária, ao um reconhecimento profissional ao ponto de escrever e ser reconhecida como especialista em assuntos educacionais?

Acreditamos que embora houvesse o esforço e o desejo da revista em ampliar a colaboração e autoria feminina, que nos parece inclusive, ser reflexo da ideia de modernização e profissionalização da professora, havia costumes, práticas morais e sociais que as impediam de ampliar de forma mais expressiva esta oportunidade à essa época que com um maior nível de instrução e aprofundamento nos estudos poderiam exercer com mais credibilidade a atividade escrita.

O segundo está relacionado ao porque o expressivo aumento de autoras a partir dos anos de 1920? Tomamos como hipótese ser parte das ações da diretora

do impresso Esther Pedreira de Mello, em formar uma rede composta por professoras primárias públicas, professoras da Escola Normal, diretoras, autoras de livros, dentre outras a fim de legitimar suas ações enquanto Inspetora no distrito em que atuava. Respaldados em Santos (2014), acreditamos que é importante ressaltar que, muitas destas colaboradoras estavam associadas a outros movimentos e formavam outras redes de sociabilidade.

De fato, identificamos no periódico uma quantidade significativa de produções femininas. Mesmo não existindo discussões aprofundadas sobre o magistério feminino, do ponto de vista da carreira, percebemos que muitas utilizavam os espaços da revista para refletir sobre a função social da professora e importância da educação e formação da mulher. No entanto em outros espaços estas mulheres se colocavam em discussões mais profundas, desta forma acreditamos que a revista possivelmente limitava-as.

2.3.1 A educadora Esther Pedreira de Mello e sua ação na revista *Escola Primária*

Entrava, pela primeira vez, em uma escola masculina, regida por professor, [...] primeira mulher que exercia a função de inspetor, fui recebida com natural desconfiança. Era o orgulho masculino ferido. Fingi não compreender. Procurei ser amável (MELLO, 1918, p. 60).

A professora Esther Pedreira de Mello diferenciou-se das demais mulheres de seu tempo, por ter sido a primeira mulher a ter ocupado o cargo de Inspetora Escolar no Distrito Federal entre os anos de 1910 a 1920. Ao relatar sua experiência ao assistir uma aula de um catedrático professor, Esther narra que a “atmosfera estava pesada” e preferiu não se pronunciar naquele momento e optou por ser diplomática e não fazer observações em sua primeira visita.

Mesmo estando em uma posição de avaliadora e hierarquicamente maior do que o professor, a Inspetora restringiu-se em primeiro momento para não demonstrar superioridade ao professor. Vale ressaltar que, Margioli (1918), destacou a importância do exame rigoroso do inspetor ao trabalho do professor. Desse modo, mesmo sabendo do seu papel como inspetora, Esther preferiu usar a tática, assim

como nos propõe pensar Certeau (1989), de ser menos rigorosa e ganhar a confiança dos professores.

Além de ter atuado como diretora pedagógica do Instituto Feminino⁵³ e diretora da Escola Normal, Esther também publicou e editou periódicos pedagógicos, como o *Estudo*⁵⁴ e *A Escola Primária*, apoiada financeiramente pelo seu irmão mais velho (SANTOS, 2014, p.36). Além disso escreveu para colunas nos impressos *A Noite* e *O Paiz*.

Figura 13 - Fotografia da professora Esther Pedreira de Mello



Fonte: Galeria dos Diretores do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro. Santos, 2013.

Santos (2014), aponta que apesar “dos múltiplos compromissos e da vida agitada que os tabloides diários mostram que ela vivia profissionalmente, ela pertencia a irmandades e devoções, em postos destacados da administração e os vivia em plenitude” (p.181). Filha do Dr. Isaias Guedes de Mello, advogado estabeleceu redes que a fortaleceram como educadora no Rio de Janeiro.

Esther de Mello desempenhou importantes cargos na educação como Inspetora, professora pública e diretora da Escola Normal, destacou-se precoce no

⁵³ Ainda não foi localizado o nome do instituto.

⁵⁴ *O Estudo* (1908), que inclusive haviam colaboradores que escreviam também para *A Escola Primária*.

magistério. Ainda como aluna da Escola Normal foi lhe atribuída o cargo de professora de Pedagogia desta instituição, depois indicada por José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934), Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, para dirigir a Escola Normal do Distrito Federal no final do primeiro decênio do século XX (SANTOS, 2014). Para Santos (2015), houve um apagamento de seu nome na historiografia, pois,

Não pude encontrar, senão referências do nome de Esther Pedreira de Mello, em pesquisas sob movimentos emancipatórios de gêneros e escolhas, congressos e movimentos de que a educadora participou. Nestes trabalhos historiográficos apenas seu nome é citado, sem qualquer afiliação, seja à Inspetoria Escolar, seja como diretora da Escola Normal do Distrito Federal, ou ao Instituto Secundário Feminino (SANTOS, 2015, p. 17).

A esse respeito, historicamente, as mulheres desde meninas tinham suas vidas predeterminadas a serem esposas e responsáveis pelo mundo doméstico. A estas o acesso à educação formal era uma realidade distante, pois a instrução era concluída no ensino primário. Por isso, quando se avançava nos estudos ou se destacava em determinada tarefa sofria severas críticas no meio social.

Cabe ressaltar que se por um lado o magistério primário fosse legitimado, historicamente e socialmente, às mulheres, por se tratar de uma carreira cuja qualidade era atribuída as características femininas de calma e doçura; por outro lado, havia também a ideia de que as mulheres: [...] neste tempo, eram tidas por ardilosas, perigosas até, se não de mostrassem subserviência aos homens. Mulheres não eram escolhidas para funções e cargos de mando, muito menos para funções de importância e relevo (SANTOS, 2014, p.17).

Assim como sua presença ímpar na inspetoria escolar pública da capital, também por sua ação na Revista *A Escola Primária*, como sendo única mulher como diretora, escritora além de sócia com a maior porcentagem de ações do impresso. A esse respeito, acreditamos que sua presença em um cargo de liderança na revista tenha favorecido, de certo modo, a entrada de outras professoras para a revista. Consideramos este aspecto, especialmente, em vista que as colaboradoras faziam parte da rede de professoras públicas do 2º distrito – o mesmo em que Esther Pedreira de Mello atuava como Inspetora Escolar.

Figura 14 - Professora Esther Pedreira junto ao grupo de professores e diretores em evento na escola Deodoro (RJ)



Fonte: Revista Fon Fon (RJ), edição 1, 1914, p.23.

Esther é a segunda mulher da esquerda para direita, de frente para atrás, a inspetora estava rodeada das professoras catedráticas do 2º distrito escolar: Maria Amália Bomfim de Andrade, Alzira Barbosa, Antonieta Almeida, Esmeralda Mason de Azevedo, Cinira de Oliveira, Ilza de Souza Martins, Luiza Maurity dos Santos e Alina Fontoura de Brito. Também estavam o prefeito General Bento Ribeiro e esposa e diretor geral de instrução pública Drº Ramiz Galvão.

Das professoras presentes na fotografia, identificamos⁵⁵ que apenas escreveu para a *Escola Primária* a professora Esmeralda Masson Azevedo, que já havia colaborado na revista *O Estudo*. Em todo caso, Esther demonstrava criar e construir caminhos para destacar a capacidade das adjuntas no campo intelectual.

Grande parte do espaço literário e jornalístico era ocupado por homens; não havendo frequência de mulheres autoras de textos (AMED, 2016), no entanto podemos pensar como esse fato se apresentava na revista. Para o autor (2016), o estranhamento e a desconfiança ainda eram grandes quanto à capacidade de as mulheres escreverem. A presença feminina na revista pode ser entendida também de outra forma, mas o que não anula a presença de Esther Pedreira. Do ponto de

⁵⁵ Vale lembrar que algumas autores e autoras utilizavam pseudônimos ou simplesmente não assinavam seus artigos.

vista da produção, compreende-se que por ser uma revista consumida por professoras primárias, produzia-se uma interação entre pares, desta forma valorizava-se a experiência de professoras para a escrita na revista.

Em buscas realizadas com seu nome pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foram localizadas vinte e quatro ocorrências. No filtro destes resultados, percebemos que a grande maioria fazia referência a congressos que participou, homenagens, presença em eventos escolares e notas. Destes, foram localizados dois artigos de sua autoria, *A escola e o ensino primário* de 1918 e *A reforma da Escola Normal* de 1919.

O texto “*A escola e o ensino primário*” (1918), publicado na revista, tratava de uma apresentação de Esther de Mello em uma conferência realizada na Biblioteca Nacional em que discursou sobre a importância e delicadeza da missão de educar. Julgava que era preciso exercer o magistério sem interesse nas vantagens e garantias que o magistério público oferecia.

No mesmo artigo, Mello afirmou que a escola deveria ser animada, alegre e agradável as crianças. Direccionava seu discurso especialmente as professoras primárias, em que dizia ser “a escola o reflexo de quem a dirige, como é a classe o reflexo da professora” (MELLO, 1918, p. 59). Ainda a esse respeito, à educadora trouxe um exemplo de um fatídico caso em que uma professora:

[...] na classe maternal, adoeceu a professora. Deixaram de comparecer muitas crianças. Não viam dona F. e, sem ela a escola perdia toda sedução. Raro era o dia que não havia no gabinete da catedrática alguém a se interessar pela saúde de dona F. [...] infelizmente não podemos afirmar serem todas as classes alegres, todos os mestres empenhados em tornar sua companhia agradável e seu ensino atraente (1918, p. 59).

Além dos indispensáveis predicados que uma professora deveria possuir, também era necessária uma abnegação, que no ponto de vista da inspetora deveriam coexistir. Rigorosamente, Esther observava nas professoras durante sua inspeção nas escolas a pontualidade, autoridade, assiduidade, ordem e regularidade do trabalho dos alunos.

Mello, afirmava que a falta da verdadeira Escola Normal resultava na inaptidão de preparo pedagógico os jovens professores, que acabava por prejudicar a formação das criancinhas. Acreditava que mais do que bom empenho das professoras em seu trabalho, era preciso devotar-se com afincos as atividades do

magistério, sem medir esforços para lecionar, como por exemplo: deslocar-se de escolas mais distantes e locomover-se de bonde.

Em função disso, Esther demonstrava grande preocupação com a formação de professoras que se confirmava em seus textos, inclusive no intitulado, *a reforma da Escola Normal*, Mello (1919), criticava as graves alterações nos programas de ensino aos alunos que obtinha certificado de aprovação mesmo sem ter apresentado atestado de gripe e as simpatias especiais entre mestres e alunas. A educadora defendia a urgência da reforma para a Escola Normal na qual se formou e lecionou. Sugeria também a necessidade de fiscalização dos mestres e dos alunos, o pedido era o de “salvar o ensino normal”.

Quadro 10 - Textos que citaram a professora D. Esther Pedreira de Mello na revista *A Escola Primária*

Título	Tema	Autoria	Ano	Edição e página
Medeiros e Albuquerque	Homenagem / fala da professora Esther	*Ausência de informações.	1916	Edição 2, p. 46
Justa Homenagem	Homenagem aos professores Afrânio Peixoto e Azevedo Sodré	*Ausência de informações.	1917	Edição 5, p.148
As promoções no magistério primário	Esther junto a outros professores participou da comissão para avaliar o merecimento para promoção das adjuntas.	*Ausência de informações.	1917	Edição 9, p.258
Inauguração da escola Esther de Mello no 2º distrito	Artigo sobre inauguração da escola da saudosa patrona Esther.	Zuleida G. Recife	1923	Edição 9, p. 270

Fonte: Levantamento feito pela autora a partir de consulta a revista *A Escola Primária* entre os anos de 1916 a 1924.

Cabe ressaltar que, embora tivessem poucos artigos publicados na revista *A Escola Primária*, a professora possuía a função de diretora, ou seja, acreditamos que suas atividades provavelmente estavam direcionadas a orientação das abordagens editoriais e etapas de produção da edição. Frota Pessoa (1917), ao

homenagear o aniversário da revista destacou o papel de Esther Pedreira de Mello na direção do impresso:

A capacidade de trabalho de que tem dado prova na sua direção é impressionante, porque ao mesmo tempo que organiza a parte material, e corrige os trabalhos de cada número, ela intervém na confecção de toda parte pedagógica, e frequentemente nela colabora, redigindo os pontos especiais que não tem colaboradores de ocasião. [...] pelo seu valor pessoal, fez da revista um órgão de ideias liberais, aberta a todos os pareceres (1917, p. 1).

A oportunidade de escrever para a revista deu a Mello envergadura para refletir mais diretamente acerca do ensino primário do Distrito Federal e dar visibilidade ao seu trabalho como inspetora pública. Mesmo com seu falecimento⁵⁶ prematuro no ano de 1923, aos 43 anos de idade, seu nome por vezes foi mencionado nas páginas da revista, como celebre e inesquecível educadora por ter sido elevada ao cargo de instrutora escolar, “rompendo com as muralhas da inspetoria escolar à época, mesmo sendo um cargo ocupado por homens” (*A Escola Primária*, 1937, p.60). Santos aponta que:

A rede de Esther tinha tentáculos além da esfera do magistério, proporcionados, talvez, por sua família e seu próprio pai, mas me parece que ela criou outra rede (ou a mesma?), que ampliou. Essa rede de sociabilidade e o capital social acumulado por Esther Pedreira de Mello permitiu-lhe abrir as portas que desejou, seja na edição das revistas pedagógicas, seja em sua atividade religiosa. E, talvez por isso, sua visibilidade tenha provocado seu esquecimento (2014, p.186).

Portanto, Esther além de ter fundado duas revistas educacionais, ter sido professora, ter atuado como diretora da Escola Normal e primeira mulher a ocupar um cargo como o da inspetoria escolar ela demonstrou ser ativa nos eventos escolares, procurando fortalecer sua imagem e relação com o professorado carioca. Construiu seu nome a partir também a rede já constituída pelo seu pai.

O próximo capítulo trataremos sobre a coluna de *Cartas Serranas* de autoria da professora Maria Stella, cujo os textos foram importantes, pois demonstrou a opinião de uma professora primária acerca da carreira do magistério, publicações para *A Escola Primária* no período de 1916 a 1924.

⁵⁶ Após seu falecimento muitos periódicos publicaram homenagens. Segundo Santos (2014) a professora Myrthes Campos ocupou o cargo da instrutoria pública em seu lugar e também escreveu para a revista *A Escola Primária* a partir dos anos de 1920.

3 DIÁLOGOS ENTRE PROFESSORAS: CARTAS A PROFESSORA MARIA STELLA

3.1 Folheando as páginas da coluna *Cartas Serranas*

A competência científica e o conhecimento dos melhores métodos, conquanto não sejam os únicos, são elementos que mais seguramente garantem a proficiência do ensino, e que, portanto, melhor afirmam a verdadeira professora, aquela que, com maiores resultados, se desempenha de sua alta tarefa juntos as crianças (Maria Stella, 1921, p.155).

Mensalmente nas edições da Revista *A Escola Primária* havia uma coluna fixa de cartas ao leitor com o título de *Cartas Serranas*⁵⁷, cujo objetivo era responder questionamentos e dúvidas de professores. Durante os anos de 1916 a 1924⁵⁸, as correspondências eram respondidas pela professora Maria Stella⁵⁹, preenchendo cerca de duas a três páginas da revista na seção *A Escola*.

Os assuntos contidos nas cartas eram referentes a disciplina dos alunos, as práticas pedagógicas as questões relacionadas a carreira do magistério, a educação e a política. Em muitas cartas era possível perceber sua defesa às professoras e reflexões sobre a carreira e conselhos e orientações as leitoras.

Todas as dezoito *Cartas Serranas* eram enumerados em algarismos Romanos e ao final era acrescentado local, data e ano, em diferentes das datas da publicação na revista, isto é, algumas cartas eram datadas anteriores ao da publicação da revista.

Nunes e Carvalho a partir da perspectiva de Neves (1988), alerta sobre a maneira de como o pesquisador enxerga a carta e consideram importante constituir uma história da carta em que é possível diferentes possibilidades leitura e análise das desse tipo de fonte assim:

[...] às relações de regras de reciprocidade (análise de envios e respostas); aos temas favorecidos pelo uso desse suporte, às características de sua

⁵⁷ As cartas foram localizadas em um primeiro momento pelas palavras-chave: educadora e disciplina, em busca direta na revista pela hemeroteca digital.

⁵⁸ Foram localizados artigos de Cartas Serranas até a edição de janeiro de 1924 (ano 7 nº.12).

⁵⁹ Não constava seu sobrenome nas publicações.

materialidade; aos critérios que presidem a sua guarda ou distribuição; ao seu caráter de 'encaixe' em séries ou epistêmicas; à verdade construída dentro do gênero (a carta a desconhecidos, a si mesmo, a qualquer pessoa, a carta aberta, a carta que só pode ser aberta em certa situação, a carta aberta a amigos); a análise quanto aos ritos de tratamento, interpelação, regras de polidez, etc...; à sua inserção no arquivo e ao seu grau de 'integridade' e 'continuidade'; ao ritmos de sua cronologia; às suas condensações, esgarçamento, rarefações e silêncios (NUNES, CARVALHO, 1992, p. 34).

Desta forma, é importante pensarmos a intenção da coluna Cartas Serranas na revista *A Escola Primária* enquanto lugar de opinião de uma professora, que diferente de uma coluna de tema específico como o ensino de Língua Portuguesa, matemática ou teatro escolar, carregava consigo as marcas de experiências e o ponto de vista da escrevente.

A principal diferença entre carta e a coluna na revista *A Escola Primária* é que as cartas revelam a interação, variedade e flexibilidade com os temas tratados com suas leitoras enquanto as colunas tinham temas fechados e em que apenas temos o ponto de vista do autor.

Penna e Graebin (2009) alertam que ao analisar as cartas é necessário pensarmos o "lugar social" de quem a escreve, o que inclui a posição massiva, isto é, a quantidade de cartas em um dado momento histórico, político ou campo intelectual. Ao analisar as cartas é importante considerar alguns aspectos tais como: observar se a correspondência estava voltada a um objetivo específico, era um instrumento de redes, era troca de ideias ou podemos enxergá-lo como "vestígios brutos de diálogos do passado".

A análise das *Cartas* foi importante não somente para compreender como a autora enxergava o magistério durante os anos de 1910 e 1920, mas também a educação, a escola e o ensino público da capital, isto é, o contexto educacional. A partir desse entendimento Penna e Graebin (2009) apontam que:

[...] Há de se levar em consideração a complexidade da carta como documento que independe da sua natureza e conteúdo. As cartas foram escritas por pessoas que ali expressaram suas opiniões, afetos, conflitos, anseios, mas inseridos em um contexto (2009, p. 85).

Vale destacar que os textos também produzem vazios, isto é, os não ditos, portanto, é indispensável conhecer o produtor e o destinatário da carta, pois desta forma conseguimos compreender seu posicionamento perante as questões,

motivações para a escrita da carta e os códigos sociais do campo do qual pertencem. Outro ponto importante, analisamos as cartas em uma série de procedimentos tais como: letra - neste caso datilografada-, o gênero epistolar, saudações, despedidas e assinaturas, como eram enviadas, isto é, a coluna tinha uma natureza específica.

As publicações das Cartas encerram no número XVIII, no entanto, a autora sabia que seria a última carta? Isso não significa que não havia outras cartas, quais os critérios para os temas das cartas e por que sua publicação se encerrou em 1924? Desta forma, compreendemos que a coluna de Cartas Serranas foi um conjunto de escritos que constitui um importante destaque na revista, pois além de ter sido uma das colunas mais frequentes no impresso também expressavam as opiniões de uma professora.

A primeira carta foi publicada na edição número três no ano de 1916, com o subtítulo “Minha boa amiga”, o tema abordado era a resposta à carta de uma ex-aluna na qual com entusiasmo relatava seus estudos sobre *chorographia*⁶⁰. Em suas palavras iniciais, relatava a sua emoção em ser lembrada ao receber uma carta de uma discípula, “não pode você calcular o prazer fundo que me causou a leitura de suas frases cheias de entusiasmo” (Maria Stella, 1916, p. 86).

Nas linhas seguintes Maria Stella, alertava e orientava sua ex-aluna acerca de dados referentes ao quadro apresentado em que o estudo sobre o número de habitantes no Brasil e a diferença em que de cada estado do país. Apresentou um quadro a fim de orientá-la e compará-lo com o compendio produzido pela leitora, não indicando de onde extraiu as informações para formular o quadro.

⁶⁰ Especialidade da geografia, o termo corografia, entendido como a descrição de regiões ou localidades (Verbetes disponível no site Wikipédia, consulta realizada em 13/07/2021)

Figura 15 - Tabela com dados apresentado por Maria Stella a sua aluna

Pernambuco	2.000.000 habs.
Rio Grande do Sul	1.684.000 "
Rio de Janeiro	1.400.000 "
Ceará	1.181.000 "
Districto Federal	1.000.000 "
Alagoás	850.000 "
Pará	812.000 "
Maranhão	700.000 "
Parahyba	632.000 "
Paraná	556.000 "
Santa Catharina	465.000 "
Piauhy	443.000 "
Sergipe	430.000 "
Goyaz	430.000 "
Rio Grande do Norte	426.000 "
Amazonas	380.000 "
Espirito Santo	364.000 "
Matto Grosso	200.000 "
Territorio do Acre	90.000 "
	25.283.000

Fonte: A Escola Primária, 1916, p. 86

A "saudosa mestra" em suas palavras finais aconselhava que sua aluna conservasse bons predicados para a vida e para o magistério: "seja boa", "dócil", "simples", "crente" e "estudiosa" (Maria Stella, 1916). Os remetentes em grande parte eram de ex-alunas, ou seja, havia uma relação, inclusive marcada pelos conselhos e orientações de como melhor proceder no magistério.

No exame das *Cartas Serranas* não havia a publicação das cartas enviadas pelas leitoras, tão pouco menção ao envio de correspondências a revista para serem publicados na coluna *Cartas*. Acreditamos que eram enviadas a redação assim como as demais solicitações de assinaturas e sugestões dos leitores.

As correspondências respondidas por Stella, defendiam a importância das professoras para a sociedade, afirmava que lhes cabiam muitas das vezes a melhor parte desse trabalho. Nessa direção, alertava que as professoras deveriam conduzir suas alunas acerca de vestes consideradas improprias. Stella afirmava que era dever da educadora guiar as alunas nos estudos e nas ações.

É necessária uma reação da parte das professoras contra essas práticas moralmente nocivas. Já que muitas mães, criminosamente inconsistentes, não sabem o que podem as filhas com o colorido do artifício e com as vestes improprias da idade e da candura de sentimento. É dever da educadora guiar as alunas, não só nos estudos, mas nas ações: entrar-lhes o cérebro e penetrar-lhes a alma; dar-lhes conhecimentos e virtudes; afirmar a verdade e enaltecer o bem. Assim lhes incumbirá ela no espírito que a bondade é o melhor patrimônio da alma; que a simplicidade, a modéstia, o

recato, os preceitos de higiene, a lhanza no trato, a espontaneidade no gesto, o cuidado natural no trajar, sem arremedos e rebuços, constituem em maior beleza [...] é preciso concitar as meninas a que se prezem bastante, para não procurarem, por ademanes impróprios e adornos contrafeitos a sedução física (Maria Stella, 1918, p.248).

No decorrer da carta, a educadora enumerou uma série de situações as quais as professoras deveriam impor-se em prol da educação moral das meninas mais crescidas atentando-se para os aspectos que envolviam transparência das vestes e gestos impróprios. Com as armas suaves da persuasão a professora deveria instruir suas alunas, principalmente as que tivessem a educação negligenciada pelas mães.

Stella conclui a carta afirmando que, as professoras são doutrinadoras da verdadeira ciência, da moral, da família, do sexo e da vida. Nessa direção, a educadora acreditava que as professoras deveriam estar preparadas para formar o caráter dos seus alunos e alunas, e para isso, recomendava o aprofundamento nos estudos e recomendava a leitura do filósofo inglês Spencer (1820-1903).

Apesar das ideias liberais em voga na sociedade da época e dos expoentes intelectuais que dirigia a revista, a educadora Maria Stella demonstrava ideias apegadas aos valores de fundo religioso. Dentre esses, a educação feminina e o papel das professoras como alicerce da família e da pátria eram destacados e valorizados.

Para além da concepção da missão como professora defendia que era necessário preparo e estudo para exercer o magistério. Em resposta as cartas, é possível identificar que a educadora citava o pedagogo Alfredo Binet⁶¹ (1884 a 1911) e Jules Payot⁶² (1859 a 1939), dentre outros, demonstrando seu conhecimento e aprofundamento de conceitos e teorias da educação à época.

Não foi localizada a origem de *Cartas Serranas*, nem mesmo o porquê se elegeu esse nome para essa coluna, mas seguindo os vestígios deixados pela autora, é provável inferir que a professora morasse na região da Serra, pois serrano significa⁶³ originário das serras; montês, montesino, serrão, ou seja, cartas vindas da

⁶¹ Alfred Binet foi um pedagogo e psicólogo francês que ficou conhecido por sua contribuição no campo da psicométrica, sendo considerado o inventor do primeiro teste bem-sucedido de inteligência. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Binet#:~:text=foi%20um%20pedagogo%20e%20psic%C3%B3logo,dos%20atuais%20testes%20de%20QI. acesso?? 18/06/2021

⁶² Jules Payot foi um educador e pedagogo francês, tido como um grande expoente da educação laica (Wikipédia, acesso em novembro de 2021).

⁶³ Site dicionário informal, acesso em março de 2022.

serra. No entanto, assinava o local de Mendes, localizada no Rio de Janeiro⁶⁴. Em trecho de sua primeira carta, Maria Stella nos oferece vestígios de onde escrevera as cartas:

Aqui neste calmo retiro serrano que me conforta e anima com a pureza do ar e a simplicidade de hábitos, aqui neste trecho maravilhoso de terra, em que sinto encantada ante o esplendor do céu, a exuberância da mata, e música dulcíssima da natureza (1916, p. 86).

Em outras edições a professora relatava que se isolou das pessoas e se dedicava apenas a leitura de livros e ao cultivo de flores, mas expressava sempre a saudade do magistério, profissão que exerceu durante vinte anos. Expunha suas concepções de professora, na qual acreditava que a missão professoral era a mais nobre e ao mesmo tempo a mais difícil e trabalhosa. Incluía-se ao falar que “nós somos o molde das massas e se faz a amolga. A ação percuciente da professora deve ser a luz para o cérebro e exemplo para o coração” (Maria Stella, 1916, p.86). Demonstrava também sua percepção sobre a relação das professoras com as alunas em que deveria haver a:

[...] identificação de almas entre mestra e as meninas, para que não lhes faltem a confiança e o estímulo na imitação dos nossos atos, gestos, opiniões e exemplos. O nosso trabalho é de construção moral. Moldando os caracteres e prevenindo os corações contra o mal (1916, p. 118).

Maria Stella se colocava nos debates nos quais se apresentava de forma impetuosa, fosse sobre o feminismo, em relação às alunas, orientação adequada de moda para professoras ou sobre o cotidiano em classes primárias. Como mulher inserida em seu tempo, por sua importante participação na dinâmica política e literária, Stella estava inteirada nos principais debates que envolviam a educação feminina.

⁶⁴ Santos (2014), afirma que a professora Maria Stella era de Minas Gerais, não indica sua fonte, no entanto parece-nos que Mendes é localizado no RJ. Em outras buscas localizamos a cidade com nome próximo a de Elói Mendes localizada em Minas Gerais. No entanto, pelas análises dos textos acreditamos que a professora residia no Rio de Janeiro.

3.1.1 Maria Amélia Daltro Santos a professora de professoras

Todas as cartas publicadas na coluna da revista *A Escola Primária* eram respondidas pela professora Maria Stella, que utilizava este como nome pseudônimo para assinar as cartas. As palavras da experiente professora se tornaram destaque na revista. Na Seção *Ideias e Fatos* com título: “ensinar refletindo” de autoria de Escragnolle Doria, revela que Maria Stella seria o pseudônimo utilizado pela professora Maria Amélia de Azevedo Daltro Santos.

Durante algum tempo *A Escola Primária* estampou breves artigos, com o título de “Cartas serranas”, subscritos por Maria Stella. Travava-se de pseudônimo sob o qual se adivinha uma professora, no exarar juízo só decorrentes de experiência profissional. Com naturalidade muitos, lemos com interesse aquelas páginas ignorando-lhes a autoria. Sabemos agora, também sem dúvida como muitos, que as “Cartas Serranas”, de Maria Stella, nascem da pena da professora D. Maria Amélia Daltro Santos (DORIA, 1923, p. 67).

Doria não apresenta o motivo de revelar o pseudônimo da professora Maria Stella, mas ao longo do texto infere-se que possivelmente foi motivado pela publicação de seu livro “*De Ensino a Educação*”, o autor considerou que por muito tempo a autoria das cartas lhe foi ignorada.

A esse respeito, é possível levantarmos uma hipótese para o uso do pseudônimo, tendo em vista a liberdade para expressar suas opiniões, já que publicava para a revista com seu nome em outras seções. Segundo Vasconcellos (2018) as que ousavam publicar usando seus próprios nomes recebiam muitas críticas, porque estavam extrapolando o papel socialmente e historicamente designado para elas. A maioria acabava usando pseudônimo porque não queria se expor publicamente. Aponta que, alguns autores, quando usavam um pseudônimo, queriam habitar outra identidade (VASCOCELLOS, 2018).

Doria (1923), nos parágrafos seguintes ao artigo tece elogios a dedicação ao trabalho pedagógico desenvolvido por Maria Amélia Daltro Santos. Destaca também que a professora reuniu boa parte das cartas em uma obra intitulada: “*De Ensino e Educação*”⁶⁵, em que abordava sobre a dosagem e a impressionabilidade do ensino

⁶⁵ Foram realizadas buscas do livro em acervos online, no entanto, não foi localizado nem um o exemplar para análise.

primário. O livro⁶⁶ possuía 167 páginas, contendo comentários e sugestões sobre assuntos pedagógicos, referentes a instrução primária, e segundo as palavras de Doria, Maria Amélia tinha desejo por estudar a profissão.

Outros impressos e autores teceram comentários ao livro da educadora. Em publicação da revista em 1923 sob o título *De Ensino a Educação*. José Piragibe⁶⁷ avalia que o livreto refletia o plano de reforma da Escola Normal proposta pelo professor Lysimaco da Costa⁶⁸, e afirmam que o Brasil era carecia de boas obras de autoria nacional.

O livro da distinta professora 'de ensino e educação', - confirma brilhantemente o plano de reforma da Escola Normal, sugerido pelo professor Lysimaco, e pode despertar nos reformadores de boas intenções e ideias salutares. O trabalho da ilustre professora, além do mais, prova nitidamente e irrefutavelmente, que é uma necessidade imperiosa dar ao estudo da pedagogia e da psicologia pedagógica (PIRAGIBE, 1923, p. 35).

Ainda a esse respeito, o livro foi divulgado em outros impressos da época, inclusive pela imprensa comercial. Na coluna de anúncios do jornal *A Noite* no ano de 1923, foi publicado com o título de seu livro no qual, classificaram-no como "interessante livrinho."

Sob o título "*De ensino e educação*", a professora Maria Amélia Daltro Santos acaba de dar á publicidade um interessante livrinho, em que se acham condensados não só artigos por ela publicados na "*Escola Primária*", com a conferência pedagógica pronunciada pela conhecida educadora da biblioteca nacional. Todos os magnos assuntos que dizem de perto com a educação ali se acham estudados, á luz da observação e da prática de todos os dias, procurando dar-lhes a solução mais racional e conforme os modernos métodos de ensino. É em suma, um livro de manifestação importância, que interessa a todos quantos se entregam aos estudos dos variados problemas da pedagogia (Jornal *A Noite*, 1923, p. 5).

O livro de Maria Amélia foi amplamente divulgado pela imprensa carioca, o que demonstrou uma boa aceitação. Cabe destacar que, diferente de livros de autoria feminina da época, como didáticos ou sobre poesia, esse livro tratava de assuntos

⁶⁶ A obra foi publicada em 1923, o exemplar era vendido pelas principais livrarias e na redação da respectiva revista pelo valor de 2\$000. Essas informações foram publicadas por meio de publicidade entre as páginas dos artigos do impresso e pela coluna *expediente*.

⁶⁷ Colaborador da Revista e Inspetor Público, se preocupava com as questões da defesa da escola pública (*A Escola Primária*, 1918).

⁶⁸ Professor, diretor do Ginásio Paranaense e Escola Normal em 1920 e autor das "Bases Educativas para a Organização da Nova Escola Secundária do Paraná em 1923. Informações mais detalhadas estão disponíveis no livro "Lysímaco Ferreira da Costa - A Dimensão de Um Homem", de autoria de sua filha a Professora Maria José Franco Ferreira da Costa, publicado pela editora da Universidade Federal do Paraná.

relativos as práticas pedagógicas e ao ensino. O interessante volume, foi considerado original, dignos de nota pela clareza ao tratar os assuntos pedagógicos e principalmente pela sinceridade com o que defendeu seus modos de ver e sentir (*Fon Fon*, 1923, p. 35).

Acreditamos que por ser um livro inspirado em suas cartas, também faziam menção as professoras e ao modo de portar-se na escola e fora dela, dessa forma caracterizando-as criando uma representação da profissão, pois a questão do ensino também estava associada a professora.

Mesmo com poucas fontes que revelassem mais sobre a vida, trabalho e trajetória de Maria Stella, foi possível encontrar algumas informações em documentos e impressos da época. Em um texto localizado no arquivo no Centro de Estudos e Pesquisa e Documentação (CPDOC), o qual temos poucos fragmentos, foi possível identificar parte de sua árvore genealógica. Seu pai Azevedo Costa, republicano, médico, residia em Itaperuna e foi uma figura importante em Lage de Muriaé, ambas cidades do Estado do Rio de Janeiro, além de ter sido deputado federal nas décadas finais do século XIX (CEPDOC, verbete Azevedo Costa, 2020).

Sua mãe, Cândida da Costa Azevedo filha de abastados fazendeiros, foi educada de modo a ser inflexível em suas opiniões e comportamentos. Casou-se aos 16 anos de idade, tornou-se colaboradora do seu marido nos assuntos pertinentes a política (*O Jornal Baptista*, 1929, p.11).

Em sua autobiografia publicada no *Jornal Baptista*⁶⁹ no ano de 1929, a pedido da diretora do departamento⁷⁰, foi direcionada a sua trajetória Cristã.

Nascida em 10 de outubro de 1888, em Lage de Muriaé, localizado no Rio de Janeiro, Maria Amélia de Azevedo, foi educada em uma família Católica, mas acreditava que sua educação em muitos momentos fora superficial, pois nunca teve em mãos a Bíblia Sagrada e percebia que sua mãe não tinha conhecimento do novo testamento. Acreditava que por seus pais terem sido educados em uma família e Católica e crescido em uma época em a religião era oficial do país, sua formação fora por tradição e baseada apenas na 'História Sagrada'. Ao chegar na idade da primeira comunhão, Maria Amélia, decidiu então de fato ingressar na Igreja Romana e nos estudos no Evangelho de Jesus Cristo.

⁶⁹ O *Jornal Baptista* era editado pela junta de Escolas dominicais e Mocidade. Foi criada no ano de 1901 a com publicação semanal e pertencia ao Órgão da Convenção Baptista Brasileira e atualmente possui edições online.

⁷⁰ Não foi localizado o nome da diretora do departamento.

Em 1903, aos 15 anos de idade matriculou-se na Escola Normal do Distrito Federal, onde enfrentou muitos obstáculos ao defender uma educação baseada nos princípios Católico Romano, mesmo com rasos conhecimentos que dispunha sobre a religião. A partir disso, comprometeu-se em aprofundar seus estudos na religião na qual professava, para adquirir segurança e competência para ensinar. Formou-se professora no ano de 1907, realizando um sonho de infância. No ano seguinte foi nomeada como professora de português na Escola Normal e em 1909 passou a trabalhar em uma escola primária.

Figura 16 - Fotografia de Maria Amélia Daltro Santos publicado no Jornal Baptista



Fonte: Fotografia publicado junto à autobiografia ao Jornal Baptista, 1929, p. 11.

Quanto à vida social, a Professora de português, era mencionada em impressos da época em ocasiões de conferências, solenidades, festas de caridade como nos mostram os impressos *O Jornal do Brasil*, do ano de 1931, *Correio do Amanhã* de 1932. Seu nome constava em eventos da Associação Cristã de Moços e a Feminina, Associação em prol do feminismo Cristão e a de crianças abandonadas.

Seu nome de solteira era Maria Amélia de Azevedo, que modificando seu sobrenome após contrair matrimônio no ano de 1909 com Dr^o Miguel Daltro Santos, catedrático de História geral da Escola Militar do Rio de Janeiro com quem teve seis filhos, sendo dois falecidos ainda crianças. Seu marido foi convidado para lecionar no Colégio Baptista do Rio de Janeiro no ano de 1914, onde Maria Amélia anos mais

tarde iniciou seu interesse pela Igreja protestante (O Jornal Baptista, 1929, p.12). No ano de 1921 se batizou na Primeira Igreja Baptista do Rio de Janeiro em que passou a dar aulas na escola dominical.

Em buscas realizadas com o nome verdadeiro da professora foram localizadas nove ocorrências⁷¹ no *Almanak Laemmenrt Administrativo, mercantil e industrial (RJ) 1891-1940*. Em edição do ano de 1918 aparece seu nome na relação de professoras que compunham o corpo docente do Instituto Profissional Orsina da Fonseca⁷² (1918, p.963).

Ainda em buscas pelo seu nome, no Jornal *A Noite* no ano de 1920, é destacada sua transferência de adjunta da 2º classe para a 10º escola mista do Distrito Federal, designado pelo Instrutor municipal. Durante os anos de 1916 a 1924 foram localizados textos escritos pela professora Maria Stella em outras seções da *A Escola Primária*, no entanto assinando com seu verdadeiro nome Maria Amélia Daltro Santos.

Quadro 11 - Textos publicados assinados como Maria Amélia Daltro Santos (1920-1928)

Título	Tema	Ano, edição e número
A dosagem e a impressionabilidade no ensino primária - conferência	Ensino primário	1920 p.35
A mentira	Reprodução de contos 4º e 5º anos	1921, edição 5
O dia 7 de setembro	Exercício de redação 5º ano	1921, edição 8
A língua materna	Língua materna	1922 (coleções p.57,91,117, 144)
Medida necessária	Afastamento compulsório dos professores	1923, edição 4
Conselhos	Trecho de um discurso como paraninfo aos professores da escola Baptista.	1923, edição 9
O pronome "se" e a predicativa verbal	Pronome "se"	1924, edição 1
Como passei o domingo	Exercício de composição 7ºano	1924, edição 2
A missão social da mulher	Conferência publicada na revista em que tratou sobre educação feminina e direitos da mulher.	1924, edição 3
Língua materna	Língua materna 5º, 6º e 7º anos	1924, edição 3
Língua materna	Língua materna 5º, 6º e 7º	1924, edição 4

⁷¹ Das nove ocorrências localizadas nesse impresso sete contam com o nome da professora em lista de professores da prefeitura.

⁷² Importante instituição feminina durante século XX no Rio de Janeiro.

	anos	
As mães	Conferência da Associação Cristã de Moços. Homenagem ao dia das mães.	1926, edição 10

Fonte: Elaborado pela autora a partir de busca por palavras-chave com o nome da professora na revista *A Escola Primária*.

Esses textos foram publicados nas seções “*Ideias e Fatos*”, “*A Escola*” e “*Lições e Exercícios*”, sendo a única mulher a ter escrito em toas as seções da revista, exceto o artigo para capa. É importante ressaltar que alguns dos textos eram assinados apenas com o sobrenome “Daltro Santos”, o mesmo de seu marido, colaborador da imprensa literária escreveu o livro “*Palavras a juventude*” (*A escola primária*, 1925). Acreditamos que a autora tenha colaborado para a revista até o ano de 1927 onde consta pela última vez seu nome no índice e no ano de 1928 deixou de dar aulas na escola primária (*O Jornal Baptista*, 1929).

Anteriormente a sua participação na *A Escola Primária*, foi redatora na revista *O Estudo* (1908- 1910), impresso que foi fundado e organizados por Esther Pedreira de Mello.

Figura 17 - Fotografia do senhor Leoncio Correia acompanhado pelas professoras municipais. Destaque para as professoras Esther Pedreira de Mello e Maria Amélia Costa Azevedo



Fonte: *Fon Fon: semanário alegre, político, crítico espusiente (RJ)*, 1908.

A fotografia foi publicada para destacar o trabalho das professoras como redatoras no impresso pedagógico e literário, *O Estudo*. Pela ordem dos nomes mencionados no texto da revista, acreditamos ser Maria Amélia, a terceira da direita para esquerda da fotografia, ao lado de Esther Pedreira e Esmeralda Masson.

Além da autoria dos artigos em *Cartas Serranas*, escritora de livros, a professora Maria Amélia Daltro Santos⁷³, foi uma importante colaboradora da revista. Foram localizadas cerca de treze entradas com o seu nome completo e vinte e oito com seu sobrenome, dentre estes anúncios e comentários de seu livro, citações e artigos, nos quais destacam-se: *A redação na escola primária* de 1917 e

⁷³ Em boa parte das edições o nome da professora não apareceu completo e utilizou apenas seu sobrenome Daltro Santos, dificultando a identifica-la em primeiro momento. Publicou seu primeiro artigo com seu nome no ano de 1917 sob o título “*A redação na escola primária*” (ano 1, nº 6) em concomitância com a coluna *Cartas Serranas*.

A missão social da mulher de 1924. Nos anos seguintes ocupou outras seções das revistas tais como: *Ideias e fatos* e *lições e exercícios* com conteúdo de português.

Figura 18 - Participação da professora Daltro Santos em Solenidade comemorativa



Fonte: Jornal *A Noite* (RJ), 1946.

A educadora se mostrava engajada nos debates sobre educação feminina, foi convidada pela diretoria a apresentar-se na conferência⁷⁴ no dia 9 de março de 1924, organizada pela *Associação Cristã Feminina*, e apresentou o trabalho sob o título: "*A missão social da mulher*", publicado na seção *Ideias e Fatos*.

Em sua apresentação na conferência teceu considerações acerca da educação feminina, e afirmou que por muitos foi negligenciada assim "o equivocado pensamento de que para as meninas era o bastante ministrar rudimentos de instrução primária e trabalhos de agulha, culinária e economia doméstica" (SANTOS, 1924).

A professora Daltro Santos em sua fala demonstrava seu posicionamento e defendia que a mulher deveria ter educação adequada, voltada para os aspectos morais, físicos e intelectual. Acreditava que assim as mulheres estariam aptas a educar melhor seus filhos, mas ponderava que:

⁷⁴ Não foi localizado o nome da conferência e da diretora.

Mas será só a maternidade que deverão revelar-se as suas qualidades? Será só como mãe que ela poderá exercer influência social? Não. Forte, adestrada, e consciente das suas possibilidades, a mulher enfrenta as várias oportunidades que lhe deparam os próprios méritos, e atira-se a grande luta da concorrência a atividade masculina (SANTOS, 1924, ano 8, nº3, p. 74).

Nesse sentido, a professora Daltro Santos mostrou as concepções as quais defendia posicionando-se e fazendo menção à educação da infância como vocação associada à maternidade. Ao mesmo tempo, apresentava o contraponto ao defender que a mulher não se contentasse a nobre tarefa de ser mãe e esposa, por possuir preparo mental, ou seja, intelectual e poderia atuar na vida pública e nas carreiras profissionais liberais.

Tal posicionamento rompia com as representações sobre a atuação das mulheres, naquele contexto, que estabelecia como lugar possível à mulher a função de dona de casa pacata, devotada aos filhos e ao marido e, por isso obediente às convenções sociais (SANTOS, 2011, p.12).

Envolvida em várias frentes, a professora Maria Amélia, representou um importante movimento de valorização da escrita feminina, na medida em que demonstrava aos leitores seu posicionamento referente a carreira docente, educação, política, dentre outros assuntos. Mesmo se tratando de um tempo em que muitas mulheres não tinham acesso a escolarização, Maria Amélia defendia a educação feminina na perspectiva de uma mulher moderna, preparada, sensível no lar, como mãe, como educadora ou em qualquer outra atividade considerada honesta (Daltro Santos, 1924).

3.2 Maria Stella, de professora para professoras: lendo as cartas

[...] A professora é uma poderosa força construtora, que afirma os alicerces da sociedade futura. Consciente do seu dever e da sua responsabilidade, cônica da importância da sua ação e da proficuidade do seu labor, ela é, na obscuridade de sua tarefa, a grande diretriz das almas em formação, das almas hesitantes e inexperatas dos seus discípulos. O seu dever não é apenas instruir, se não é, principalmente colaborar com os pais na feitura dos caracteres (Maria Stella, 1918, p. 248).

Maria Stella, construiu seus argumentos em torno da concepção de que a atuação exercida pelas mulheres no magistério era uma "poderosa força construtora", pois acreditava que tomada por qualidades a professora tornou-se personagem central para a transformação social proposta no modelo e ideias republicanas.

Barcellos (2016), aponta que um dos objetivos estabelecidos para a escola era o de promover a reabilitação da população nacional. Neste processo, o magistério se tornou mediador fundamental do processo de instrução primária e do processo de construção dos valores morais e cívicos nas crianças.

Associadas a isso, foram mobilizadas ações profundas em que as professoras deveriam desenvolver qualidades alinhados ao projeto proposto a de educar a nação. A compreensão da educação estava ao encontro do pensamento de que os alunos e alunas das escolas primárias eram os filhos da pátria e por sua vez as professoras seriam suas mães.

Para Stella (1918), a professora o seu deveria ser a formadora de novos caracteres, combatendo e profligando o que haver de caminho na educação moral dos discípulos, ao mesmo tempo que ministra a instrução e satisfaz os programas. Só assim corresponderia a gravidade, a nobreza e a sublimidade da sua missão (Maria Stella, 1918, p. 249).

A par dessa compreensão, as características como zelo, competência e capacidade constituíam-se essenciais a uma boa professora primária, adotado também pela sociedade e pelos impressos. Os diálogos denotados nas *Cartas Serranas* manifestavam e comunicavam como enxergavam-se na profissão a partir do cotidiano e dilemas da carreira do magistério.

A coluna *Cartas Serranas*, embora fosse parte integrante da revista, não era publicada em todos os números, assim com outras sessões e colunas do impresso, ou seja, as cartas eram publicadas em períodos irregulares.

Quadro 12 - Cartas Serranas 1916 a 1924

Título (subtítulo)	Tema	Ano	Edição e página
Minha boa Amiguinha	Correção do estudo geográfico de sua ex-aluna	1916	Edição 3, p. 86
Minha prezada colega	Considerações aos novos	1917	Edição 4, p. 118

	programas escolares		
Minha boa amiguinha	A História de Tiradentes para o país	1917	Edição 6, p. 202 (18 de março de 1917)
Minha prezada colega	Resultado do ensino em classe	1917	Edição 8, p. 235 (10 de abril de 1917)
Minha distinta colega	Orientações sobre dificuldades na instrução cívica em classe	1917	Edição 11, p. 324 (10 de julho de 1917)
Minha boa amiga	A importância do trabalho da professora	1918	Edição 10, p. 248
Minha colega	Feminismo	1918	Edição 2-3, p. 34 (08 de setembro de 1918)
-	Resposta referente ao artigo publicado pela revista e sua opinião acerca do tratamento da professora às alunas modestas	1919	Edição 5-6, p. 151 (06 de fevereiro de 1919)
Bondosa colega	Matemática nas classes primárias	1919	Edição 9-12, p.253 (05 de 1919)
Minha boa amiga	Características de uma boa educadora	1920	Edição 05-06, p. 98
Prezada colega	Organização do tempo em sala de aula com os alunos	1920	Edição 11-12, p. 227 (novembro de 1920)
Bondosa colega	Aprendizagem por meio da compreensão dos alunos e do esforço da professora em ensinar	1921	Edição 03, p. 78 (abril de 1921)
Minha boa amiga	Considerações da premiação as professoras	1921	Edição 05, p. 154 (24 de julho de 1921)
Prezada colega	Comemoração do centenário de Independência	1921	Edição 08, p. 285 (setembro de 1921)
Minha distinta amiga	Processo de ensino aprendizagem e a importância da memória na	1922	Edição 03, p. 70 (abril, 1922)

	aprendizagem dos alunos. Referência da teoria de Binet e João Cesca		
Minha boa amiga	Papel da educadora e atitudes adequadas em sala de aula com os alunos *	1923	Edição 12, p. 332 (dezembro de 1922)
-	Opinião acerca dos exames para avaliação dos alunos	1923	Edição 07, p. 218
Minha boa amiga	Simplificação dos programas para melhoria do ensino primário	1924	Edição 12, p. 381

Fonte: Levantamento feito pela autora a partir de consulta direta a revista *A Escola Primária*.

A educadora buscava dialogar com a realidade do ensino público do Distrito Federal orientando das práticas das professoras pela lente de sua experiência pessoal e profissional. Ao longo da leitura das cartas, é possível perceber que Maria Stella dirigia-se as suas leitoras como “amiga”, “minha amiguinha” ou “minha colega”, o que se tornou parte integrante na abertura das escritas das cartas, mesmo se tratando de uma carta aberta⁷⁵.

Deste modo, a professora demonstrava uma relação de acolhimento e afeto as suas remetentes. Essa relação de amizade existente era mais visível nos diálogos com suas ex-alunas e colegas de magistério, o que ocorria com regularidade, mesmo utilizando pseudônimo.

Ainda a esse respeito, é possível pensarmos que o uso das *Cartas Serranas* era utilizado como ferramenta pedagógica, veiculando a formação de professoras primárias. Sirinelli (2003, p. 249), afirma que [...] “uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e relação afetiva, ao mesmo tempo que viveiros e espaços de sociabilidade, e pode ser entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão”.

Nesse sentido, mesmo que Maria Stella usasse pseudônimo na assinatura das cartas, suas ex-alunas e colegas de profissão pareciam saber a quem destinava as correspondências. A educadora dava atenção especial as questões do papel e

⁷⁵ É uma carta que se destina a ser lida por um grande público ou destinada a um indivíduo, mas amplamente distribuída intencionalmente. Disponível em: Merriam-webster.com (acesso em setembro de 2022).

missão da professora. Demostrava acreditar na importância da atuação da professora na escola, e por meio disso atuaria na sociedade.

Cumpra a professora o seu dever de formadora de novos caracteres, combatendo e profligando o que houver de caminho na educação moral dos discípulos, ao mesmo tempo que ministra a instrução e satisfaz os programas. Só assim terá correspondido a gravidade, a nobreza, a benemerência, a sublimidade da sua missão. E terá feito muito, porque muito pode a educadora na exata acepção, verdadeira imposição dessa palavra (Maria Stella, 1918, p. 249).

Nesse caso, não cabia a professora pensar e elaborar os programas de ensino, e sim executá-los, a fim de formar os futuros cidadãos. A professora era um agente que trabalhava na base, e por isso deveria também ser um “modelo de virtude”, com vestes apropriadas com a finalidade de garantir à educação moral das crianças cujas famílias não ofereciam (Stella, 1920).

Maria Stella parecia já ter conquistado lugar como porta voz sobre questões atinentes à educação, sempre preocupada em direcionar os caminhos mais adequados as professoras. Em sua carta publicada no ano de 1923, ao tratar questões referentes às imposições de horários de aulas, teceu elogios a amiga a quem respondia e evidenciou sua concepção do que seria uma boa professora:

Não é de hoje que sei quanto és boa e útil e quanto sabe amar as crianças. Desses predicados que te exornam a personalidade resulta o meticoloso cuidado que imprimes ao teu labor diário, no desempenho das funções de professora [...] quantas outras conheço, **zelosas e justas, competentes e seguras do teu trabalho**, das quais se pode ufanar o magistério da nossa capital (Maria Stella, 1923, p. 227 – grifos nossos).

No conteúdo desse trecho da carta, a professora manifestava sua opinião sobre quais características as professoras deveriam possuir. É importante destacar que a compreensão sobre ser professora envolvia serem pessoas dedicadas, amorosas, zelosas, conselheiras, delicadas e religiosas, ou seja, características que compreendia serem necessárias ao exercício do magistério.

Não podemos deixar de dizer que o magistério feminino, acompanhava o movimento da lógica social estabelecida, eram esculpidas qualidades e comportamentos para tornar-se boas esposas, mães e educadoras dos futuros cidadãos. Seus textos expressavam suas concepções pedagógicas e colaboravam

na construção de uma consciência acerca da profissão professor que para além da aplicação de métodos e conteúdo, ampliava-se a noção de instruir.

Nessa mesma linha argumentativa, em outra edição, três anos antes, é possível identificar que Maria Stella vinha tecendo orientações a uma professora sobre como comportar-se frente as dificuldades relacionadas à indisciplina e desinteresse dos alunos. Orientava que a professora não deveria confrontar-se com os alunos com gritos e por gestos de irritação, pois causava reações rebeldes. Afirmava que, “o verdadeiro papel da mestra é interessar nas lições os alunos vadios é despertar o prazer aos estudos” (Maria Stella, 1920, p.98).

Mas do que orientações, a educadora demonstrava suas concepções pedagógicas em que compreendia o magistério como “arte de ensinar”. Defendia uma postura profissional e o aprofundamento nos estudos pedagógicos por meio de teorias e novos métodos.

Força é que a professora efetue esse tipo ideal da educadora, da firmadora de personalidades, que se impõe, não por solida cultura, excelência de métodos e segurança de doutrina, mas também, e principalmente, como modelo de virtude e austeridade de princípios, na condenação, pelo exemplo, das vestes improprias, artificios e ademanes tão comuns em nosso meio, até mesmo na família, e que não podem, positivamente, oferecer garantia a educação moral de que necessitam as crianças (Maria Stella, 1920, p. 98).

No diálogo estabelecido com a leitora referente ao ensino das crianças, a educadora levantou a questão da difícil atuação de uma professora dentro de um modelo ideal de professora. Afirmava que, sua atuação ultrapassava as questões de ensino-aprendizagem, e que era preciso ser formadora de personalidade por meio de sua conduta moral.

Igualmente, Maria Stella no ano de 1921 já havia caracterizado como deveria ser uma professora apoiando-se no artigo 8º da lei: “A aptidão para o ensino revelada pelos predicados de ordem mental, pedagógica e didática, e confirmada pelos que denotam zelo pela função e dedicação a escola e a criança” (Maria Stella, 1921, p. 154).

Stella destacava no decorrer da carta a questão do merecimento, que estava ligada a ideia de atribuir valor ao trabalho das docentes, em uma lógica dos programas de promoções de professoras realizados no Distrito Federal, julgados pelas professoras catedráticas e inspetores escolares. Apontava que os critérios

para o merecimento na ascensão na carreira docente eram falhos, mas que “desiludem a outras não menos zelosas e competentes” (Maria Stella, 1921, p. 154).

A competência científica e o conhecimento dos melhores métodos, quanto não sejam os únicos, são os elementos que mais seguramente garantem a proficiência do ensino, e que, portanto, melhor afirmam a verdadeira professora, aquela que, com maiores resultados, se desempenha de sua alta tarefa junto as crianças (Maria Stella, 1921, p. 154, grifo nosso).

Maria Stella, considerava que além dos critérios de assiduidade, zelo, competência e capacidade as professoras deveriam ter domínio científico os resultados obtidos junto aos alunos tivessem importância. A partir disso, Stella defendia que as professoras deveriam aglutinar qualidades e características em sua personalidade e comportamento e conhecimentos técnicos-científicos.

Para além de constituir uma representação de professoras baseada em questões subjetivas de qualidades e técnica, Maria Stella considerava que missão da professora não era somente construir, mas corrigir, aprimorar e principalmente evitar excessos prejudicialíssimos, assim era na aplicação da *hygiene* educativa que seria possível aprimorar convenientemente o “nosso tato pedagógico” sendo uma responsabilidade inestimável, afirma que a missão educativa de:

Edificar sem destruir, corrigir sem deprimir e evitar sem cercear o espírito, antes suprindo-lhe as falhas e amparando-lhe as tendências, sem prejuízo de outras faculdades- eis a missão da educadora. Si soubéssemos bem medir a responsabilidade que nos cabe, talvez não tivéssemos coragem para tão difícil tarefa (Maria Stella, 1919, p. 254, grifo nosso).

A estratégia utilizada pela autora em sua escrita ao ter utilizado o sentimento de senso de missão das professoras era fortemente marcada pela situação profissional e política do magistério. Desta forma se por um lado construía um discurso que ganhasse a adesão das professoras por outro lado se instanciava como autoridade para ajuizá-las. Ainda a esse respeito, a autora diferenciava o seu entendimento de que era ensinar e educar, sempre estimulando a função essencial da professora para a sociedade, ao citar Manoel Bonfim em que dizia “a função essencial do professor é o metodizar ativamente a inteligência do aluno, e isso se obtém quando se considera o ensino como parte integrante da educação mental” (Maria Stella, 1923, p. 254).

A partir do exame destas cartas, foi possível perceber as concepções e percepções que a professora Maria Stella tinha de si e das outras enquanto educadoras das infâncias, a partir de elementos que caracterizavam a carreira do magistério feminino primário. Suas cartas contribuíam na construção de concepções de conduta para o magistério público, mesmo que os processos disciplinares não estivessem previstos nos regulamentos de ensino oficiais. Segundo Veiga (2012), a exigência moral e a regulamentação do comportamento dos professores não deveria ser entendidas apenas como uma imposição normativa dos governos, mas problematizadas em um contexto de ampliação das demandas por moralidade, no bojo do desenvolvimento das condutas civilizadas.

Maria Stella, destacava a importância das professoras compreendessem o objetivo da escola, pois havia muitas que julgavam ser uma tarefa fácil. Em um trecho da carta a educadora escreve “[...] as novas professoras, que não compreendem o fim da escola e tem como o escopo principal instruir os alunos nas teorias do programa pelo processo mais rápido, sem atender a complexidade de sua missão” (Maria Stella, 1920, p. 98).

Em suas escritas demonstrou que a carreira docente excedia a tarefa de ensinar e instruir, sendo mais enfática, pois também conduzia os alunos nos aspectos morais e sociais. As características adequadas a uma professora eram apresentadas recorrentemente nas colunas dos seus textos.

Não podemos perder de vista que Maria Amélia Daltro Santos (Maria Stella), é uma educadora que utilizava sua escrita como forma de expor suas concepções e representações de professoras que atuaram no campo educacional. Consideramos que Daltro Santos a partir das Cartas Serranas constituiu-se como uma liderança as professoras primárias em que debatia, solucionava e refletia sobre temas inerentes a carreira docente. Em suas cartas estabelecia uma relação de amizade e de proximidade a partir do compartilhamento de experiências pessoais e profissionais.

Seus textos construíram um discurso em que é possível perceber uma relação entre as cartas publicadas, do mesmo modo, suas produções, em que procurava relacionar as professoras nos assuntos referentes a educação brasileira. A partir de seus textos, foi possível investigar seu engajamento e suas concepções do campo pedagógico com um olhar crítico em relação a educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou analisar as representações de professoras pela revista *A Escola Primária* entre os anos de 1916 a 1924. Buscamos quais representações de professora havia na revista, refletindo acerca no que colaboravam no impresso por meio de suas publicações e cargos na *Escola Primária*.

Buscamos identificar as representações de professoras que estavam associadas as discussões de uma educação republicana, em que se defendia ideias de progresso, modernidade e cidadania, acreditando que pela estruturação do ensino seria possível mudar a realidade social brasileira.

Á vista disso, nas mãos das professoras primárias estavam depositadas a confiança em sua eficiência no ensino aos futuros cidadãos brasileiros. Para isso, foram associados às professoras características como bondosa, zelosa, carinhosa e calma, a fim de construir um ideal para além de uma profissão, uma missão.

A fim de compreender as representações de professoras primárias que circulavam, analisamos a revista *A Escola Primária* buscando entender nas representações descritas, ou não descritas, nos artigos publicados.

Embora os artigos da revista, de certo modo, apresentassem ideias inovadoras e modernas na difusão dos temas abordados, não apresentava com frequência reflexões aprofundadas do magistério feminino. A revista buscava operar com vários dispositivos para o convencimento e manutenção das ideias de magistério feminino ligadas a maternidade, por vezes revestidos com outros termos e expressões. Desse modo, construía-se um conjunto de normas prescritivas de comportamentos e atitudes pertinentes a profissão docente.

Buscamos uma compreensão do contexto educacional, social e político em que a revista estava inserida para entendermos as concepções expressas referente as professoras. Criada e dirigida por inspetores escolares do Distrito Federal, a revista buscava ser um órgão oficial de ideias pedagógicas, mas que também divulgava trabalho na inspeção, orientava o professorado e posicionavam-se em relação as professoras.

Examinamos os textos e as autoras que escreveram no impresso, além disso buscamos identificar e compreender em quais seções e a frequência que escreviam.

Notamos também um número elevado de autoras, no entanto, em menor número em relação aos autores. Outro fato é a distribuição de autoras pelas seções da revista, onde a maior parte de publicações estavam concentradas na seção de *Lições e Exercícios*, mas uma vez afirmando estavam encarregados de executar os conteúdos pertencentes a projetos educacionais e não de pensá-los. Identificamos temas como coeducação dos sexos, escolas femininas e educação da mulher, além de discussões sobre o feminismo e a missão social da mulher.

Analisamos a coluna *Cartas Serranas* de autoria da professora Maria Stella, em que foi possível construir aspectos associados a trajetória e posicionamento enquanto educadora. Por meio de sua presença em espaços em que era noticiada e com isso podemos estabelecer conexões sociais e perceber as redes formadas entre professoras à época. A rede social estabelecida pela revista e por seus colaboradores se mostrou importante para a criação e manutenção do impresso. Esses professores e professoras atuavam em diferentes áreas profissionais e em diversos setores do periódico, e circulavam em eventos sociais e estabeleciam relações entre entidades sociais.

Estabelecemos redes de sociabilidades a partir das cartas percebendo o relacionamento que iam além do campo profissional, como são os casos de amizade e de colegas de profissão, alunas e ex-alunas da professora Stella. Além do trabalho e fotografias junto a professores e redatores daquele contexto.

De fato, a *Escola Primária* apresentava discursos que reforçavam modelos de professoras, o que incluía aspectos relacionados a maternidade e a carreira do magistério como missão. No entanto, em seus artigos também é possível perceber outras concepções construídas em torno da professora, a deveria aprofundar-se nos estudos, que deveria participar ativamente na política e debater assuntos a educação. As inspeções escolares e a elaboração de práticas estimularam a criação de um novo padrão de professora, focado em uma formação para a infância. A vigilância do trabalho da professora e a elaboração de uma revista sob direção dos inspetores demonstrava a tendência que buscava de educação e da profissão.

O incentivo do bom preparo intelectual das professoras, ressaltada nos artigos da revista *A Escola Primária*, bem como a necessidade de controle da vida privada, das vestes e didática demonstram a necessidade em estabelecer como deveriam ser as professoras.

Nesse contexto forjou-se na revista uma representação de professora uma vez que se associava uma tendência de educadora dedicada e primordial para a educação primária. A vista disso, é sugestivo pensar que, a revista ao propor uma linha editorial composta por professoras em seções ligadas a didática e conteúdo, métodos de ensino e práticas educativas nas escolas, pretendiam conformar um novo padrão de professora primária, que escrevia, que se formava com brilhantismo e sobretudo era a luz dos seus alunos.

No entanto, percebemos que havia professoras como Mytes Campos e Daltro Santos que escreviam sobre suas carreiras e representavam de forma crítica o lugar das professoras, em especial do ensino primário ultrapassava as concepções postas pela revista e pelo senso comum de uma “boa professora” atrelada a doçura, calma e meiguice, deveria preparar tecnicamente para lecionar e ser sobretudo a “poderosa força construtora, que firma os alicerces da sociedade futura” (Maria Stella, 1918, p.248).

Dessa forma, a análise histórica da representação de professoras pela óptica da revista *A Escola Primária*, nos permitiu compreender que embora houvesse uma suposta valorização das professoras primárias em seus artigos, destacando sua importância na educação das crianças, eram poucas as professoras responsáveis por seções e autoria de artigos relacionados a carreira, a instrução pública e aos projetos educacionais em voga à época.

Por fim, pensamos *A Escola Primária* como espaço importante para construção de uma rede social, em que as professoras colaboravam no periódico e se inseriam nos debates do ensino. O fato de escreverem para a revista não significava a efetiva participação destas, em grande parte, os artigos não tinham uma reflexão ou crítica da carreira docente. Por outro lado, foi possível identificar que algumas desta estavam envolvidas em outros movimentos com os movimentos feministas, deducionais, religiosos e sociais.

Algumas das colaboradoras que escreveram nos primeiros anos da revista estiveram em importantes debates em congressos como da Associação Brasileira de Educação, em projetos de reformas da instrução pública, a frente de associações educativas e ocupando cargos como inspetoras escolares nos anos finais da década de 1920, como as professoras Eulina Nazareth e Myrtes Campos. Seria *A Escola Primária*, pela sua visibilidade, a abertura para estas professoras estarem participando e afirmando ou modificando sua carreira individual? A partir disso,

surtem outras questões que não foram possíveis desenvolver nesta pesquisa, mas que poderão servir de reflexão para trabalhos futuros.

O estudo sobre as representações de professoras primária pela revista *A Escola Primária*, nos fez compreender a situação das professoras durante as décadas de 1910 e 1920, que embora atuassem maciçamente como professoras primárias não escreviam no impresso que era destinado aos seus pares. Acreditamos que o período estudado seja chave para compreendermos o movimento de ampliação da participação de professoras na revista nos anos que se seguiram ao recorte aqui proposto, que também estava relacionado a participação destas em programas de ensino e atuação em outras frentes.

REFERÊNCIAS

A CRUZ. Rio de Janeiro, 1929, p.32

A ESCOLA PRIMÁRIA. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1916, p 1- 40.

_____. Infiltração técnica. A Escola Primária. Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1918, p.1.

_____. Expediente. Rio de Janeiro, 1921, p.281.

_____. O segundo aniversário, 18 de setembro de 1918, p. 306.

_____. Rio de Janeiro de 1921, edição 8.

_____. Rio de Janeiro de 1921, p. 23.

_____. Rio de Janeiro, maio de 1921, p. 114.

A NOITE. Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1946, p. 1.

A UNIÃO. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1915, p. 2 (edição 7)

ABRIL. Como surgiram as revistas? **Redação Mundo Estranho**, 4 de julho de 2018. Disponível em:

ALMEIDA, Soares de Jane. Professoras virtuosas; mães educadas: retratos de mulheres nos tempos da República brasileira (século XIX/XX). **Revista Histedbr on-line**, Campinas, n. 42, p. 143-156, jun 2011.

ALVES, Biasoli Mendes Maria Zélia. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. **Psicologia, teoria e pesquisa**. Vol. 16, n.3, p 233-239, Set-dez 2000.

AMARAL, A. M. N. Jardim de infância dons de Froebel. **A Escola Primária**, Rio de Janeiro, janeiro de 1921, p. 47.

AMED, Parada Jussara. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, UM NOVO AMBIENTE PARA AS MULHERES. **Projeto História**, São Paulo, n. 57, pp. 234-251, Set.-Dez. 2016.

BALDAN, Merilin. **Notas sobre o debate entre a modernidade e a tradição nas ideias pedagógicas nas décadas de 1920 e 1930: o esboço de um conflito**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, SP, 2015.

BRAGA, Rosa Maria Souza. **Nós as saudamos professoras fluminenses: produção, circulação e representações de professoras primárias no jornal Síntese da UPPE**. Tese. (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

BUENO, Alexandra Padilha. **Intelectuais brasileiras e seus projetos formativos para a emancipação da mulher: a pedagogia feminista em disputa (1910 -1940)**. Tese de doutorado. (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

CAMARA, Sônia. NUNES, Cinthya de Oliveira. A Revista Infância e Juventude e os debates em torno do Plano Nacional de Educação de 1936 a 1937. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, ano 2020 maio/ago, v. 19, n. 2, p. 628-648, 6 maios 2020.

CAMARA, Sônia. A constituição dos saberes escolares e as representações de infância na reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930. **Revista Brasileira de História da Educação**, p. 160-180, número 8 julho/dezembro de 2004.

_____. **Reinventando a Escola: o ensino profissional feminino na reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013.

CAMARA, Sônia. **“Progredir ou desaparecer”**: o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 como itinerário para a construção de um Brasil moderno. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José G. (Orgs.). A reorganização do campo educacional no Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes. p. 29-44, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. de. Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação. **Educação**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 87–104, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/3740>. Acesso em: 17 jun. 2022.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: CHARTIER, R. A beira da falésia: a história: entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

COELHO, Fabiano. Conceitos de “cultura” e “representação”: contribuições para os estudos históricos. **Fronteiras**. v.16, n.28, p. 87-99, 2014.

DALTRO, S. M. A. A missão social da mulher. **A Escola Primária**. Rio de Janeiro, 1924, p. 73.

DÓRIA, E. Ensinando refletindo. **A Escola Primária**. Rio de Janeiro, abril de 1923, p. 67.

FELGA, Tatiana Emanuele Brito. **Manuais de redação de Leonor Posada: as concepções de língua e as propostas de ensino para a produção textual**. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em:

<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14600>. Acesso em: 1 mar. 2019.

FERREIRA, A. R. Fatos de disciplina escolar. **A Escola Primária**. Rio de Janeiro, 1922, p. 299.

Fon Fon: semanário alegre, político, crítico espusiante RJ), 1908. **Hemeroteca digital brasileira**. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=259063&pagfis=2091>

Fon Fon: semanário alegre, político, crítico espusiante RJ), 1923. **Hemeroteca digital brasileira**. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=259063&pagfis=2091>

FROTA, Pessoa. Justa Homenagem. **A Escola Primária**. Rio de Janeiro, 1917, p.147.

GINZBURG, Carlo. Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: **Companhia das letras**, 2002, 3º ed. p. 271-286.

GOMES, S. O que outrora se dizia sobre a instrução. **A Escola Primária**.1917, p. 109.

GONDRA, Gonçalves José. O Veículo de Circulação da Pedagogia Oficial da República: a Revista Pedagógica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília. V.78, n.188/189/190, p. 374-395, jan-dez 1997.

_____. Revistas pedagógicas e governo dos professores no Brasil e nos Estados Unidos da América (1855-1881). In: NERY, A. C. B.; GONDRA, J. (org.). **Imprensa pedagógica na Ibero-América: local, nacional e transnacional**. São Paulo: Alameda, 2018.

GONZAGA, L. Da fadiga escolar. **A Escola Primária**. Rio de Janeiro, 1919, p.134.

HOELLER, de Oliveira Aparecida Solange. **As conferências educacionais: projetos para a nação e modernidade pedagógica nos anos 1920 – Brasil**. Tese. (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina. 2017.

J.F.C. A educação pelo exemplo. **A Escola Primária**. Rio de Janeiro, 1917, p. 47.

KULESZA, W. A. Genealogia da escola nova no Brasil. **Educação em Foco**, v. 7, n. 2, p. 83-92, 2002.

LACERDA, Talita Barcelos Silva. **Moral e docência feminina na formação do cidadão nas primeiras décadas da República (1889-1920)**. Dissertação. (Mestrado em educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

LE GOFF, J. Documento/monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 525-541. 2003

LOURO, G. **Mulheres na sala de aula. História das mulheres no Brasil**. São Paulo, (Orgs.). In: Mry del Priori. Editora Contexto, p. 443- 481. 2004.

LUCA, T. R. **Leituras, projetos e revistas do Brasil**. São Paulo: UNESP, 2011.

MACHADO, A. B. **A função intelectual: um diálogo entre Antonio Gramsci, Pierre Bourdieu e Edward Said.** *Revista de teoria da História.* Goiânia, v. 13, n. 1, p. 212–224, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/35124>. Acesso em: 3 ago. 2022.

MACIEL, Castor Roberto Paulo, SILVA, da Souza Eric. A revista a escola primária (1916-1938) e os saberes a e para ensinar matemática. **Revista de História da matemática.** Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 192-210, 2020.

MARIA, S. Cartas Serranas. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro, 1916, p.86.

_____. Cartas Serranas. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro, 1917, p. 118.

_____. Cartas Serranas. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro, 1917, p. 202.

_____. Cartas Serranas. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro, 1917, p.236.

_____. Cartas Serranas. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro, 1918, p.324.

_____. Cartas Serranas. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro, 1918, p.248.

_____. Cartas Serranas. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro, 1919, p.151.

_____. Cartas Serranas. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro, 1919, p.153.

_____. Cartas Serranas. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro, 1920, p.98.

_____. Cartas Serranas. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro, 1920, p.227.

_____. Cartas Serranas. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro, 1921, p.73.

_____. Cartas Serranas. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro, 1923, p.332.

MARTINS, V. P. A. **A mulher no discurso médico e intelectual brasileiro. Visões do Feminino: A medicina da mulher nos séculos XIX e XX.** Cidade: Rio de Janeiro, pp 375-480. Editora Fiocruz, 2004.

MARTINS, Vosne Paula Ana. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: editora FIOCRUZ, 2004.

MASSARANI, L. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20.** Dissertação (Mestrado) – IBICT e UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

MATHIESON, Louisa Campbell. Educação na primeira república: alfabetização e cultura escolar na Revista de Ensino (1902-1910). **História da Educação,** v. 17, p. 177-194, 2013.

MELLO, P. E. A escola e o ensino primário. **A Escola Primária.** Rio de Janeiro novembro/dezembro de 1918, p.58.

MORAES, E. J. **A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

NERY, A. C. B. **Do projeto editorial à Reforma Educacional: revistas de e para professores (São Paulo, 1916-1923)**. In: NERY, A. C. B.; GONDRA, J. (org.). *Imprensa pedagógica na Ibero-América: local, nacional e transnacional*. São Paulo: Alameda, p. 350-556, 2018.

NICARETA, Elisana Samara. **Para serem bem-comportadas? Imagens de mulheres em livros escolares de autoria feminina (1889-1945)**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

NÓVOA, Antônio. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria e Educação**, Porto Alegre: Pannonica, n. 4, ano 1991.

NUNES, Clarice. CARVALHO, de Chagas Maria Marta. *Historiografia da Educação e Fontes*. Cadernos da Anped, n.5. Caxambu. p. 7-64. 1992.

O PAIZ. Rio de Janeiro, outubro de 1927, p.33.

OLIVEIRA, L. G. M. **A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ATRAVÉS DA REVISTA “A ESCOLA PRIMÁRIA” (Distrito Federal, 1916 – 1938)**. Anais do encontro internacional e XVIII encontro de história ANPUH-Rio. *Histórias e parcerias*. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529772201_ARQUIVO_A_NPUH2018MARIZAG.L.OLIVEIRA.pdf (consulta realizada em 19/11/2020)

OLIVEIRA, Mariza da Gama Leite de. Rio de Janeiro, 2015. **Debates e embates na instrução pública primária e seus efeitos nas práticas do Instituto Ferreira Vianna (Rio de Janeiro, 1929 – 1940)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2015.

ORIANI, Angélica Pall; INOUE, Leila Maria. *Imprensa pedagógica: aproximações e distanciamentos*. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 173, p. 350-356, jul./set. 2019. [Seção] Resenhas. Resenha da obra de: NERY, Ana Clara Bortoleto; GONDRA, José (org.). *Imprensa pedagógica na Ibero-América: local, nacional e transnacional*. São Paulo: Alameda, 2018. <https://doi.org/10.1590/198053146391>

PASCHE, Limeira Moraes de Aline. TEIXEIRA, Baptista Giselle. SOUZA, Maria Zélia. *Aspectos da escolarização nos papéis impressos de O ensino Particular (1883)*. **Imprensa pedagógica na Ibero-América: local, nacional e transnacional**. GONDRA, José. NERY, Bortoleto Clara Ana. Ed 1- São Paulo: Almeida, 2018.

PEIXOTO, A. A Escola Primária. **A Escola Primária**. Rio de Janeiro, 01 de outubro de 1916, p. 1.

PENNA, Silva Rejane. GRAEBIN, Gomes Maria Cleusa. *Arquivo particular Júlio de Castilhos: cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas*. **UNESP - FCLAs- CEDAP**. V.4, n.2, p. 55-73, jun. 2009.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005
PIRAGIBE, J. De ensino e educação. **A Escola Primária**. Rio de Janeiro, março de 1923, p.35.

RODRIGUÊS, J. S.; COSTA, D. A. da. A Escola Primária: Francisco Cabrita e a Álgebra para o ensino elementar. *Zetetike*, Campinas, SP, v. 28, p. e020033, 2020. **DOI: 10.20396/zet.v28i0.8660916**. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8660916>. Acesso em: 15 fev. 2022.

ROSSI, E. R. Escolas reunidas e grupos escolares: traços da modernidade técnico-científica no ensino elementar (1889-1929). **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 39, n. 3, p. 317-325, Sept.-Dec., 2017

SANTOS, A. P. C. Editoriais de jornal e revista. *In*: SOARES, Maria Elias (org.). **Pesquisas em lingüística e literatura: descrição, aplicação, ensino**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará-GELNE, 2006. p. 39-41.

SANTOS, B. P. L. **Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos *Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica* nos anos 1950**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, F. R. C. A. “**Percorrendo Escolas, examinando o bom e o mau resultado: a Inspeção Escolar na Corte Imperial (1863 -1872)**”. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Proped), Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, H. H. M. Esther Pedreira de Mello: **múltiplas faces de uma mulher (in) visível (1880-1923)**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Granado Clara Anna. Alba Cañizares do Nascimento: **professora, feminista Católica da primeira República**. Dissertação. (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

SILVA, Alexandra Lima da. **Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil – Rio de Janeiro (1870- 1924)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Laura Santos do. Experiências negras no Atlântico: relações raciais, de gênero e classe Diálogos possíveis entre Norte e Sul (1900-1920). **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, ISSN 1679-1061, Nº 27, p. 66-102, Ago./, Dez., 2019. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/3447>.

SIRINELLI, J. F. **Os intelectuais** *In*: RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

SYLVIO. A inspeção escolar. **A Escola Primária**. Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1917, p. 26.

TEDESCHI, L. A. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**, Dourados, v. 10, n. 21, p. 153-164, maio 2016. ISSN 1984-4018. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/5217/2737>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

TEIXEIRA, Giselle Baptista. A imprensa pedagógica no Rio de Janeiro: os jornais e as revistas como agentes construtores da escola (1870 – 1919). Tese (doutorado em educação) – Universidade Federal Fluminense, 2016.

VASCONCELOS, B. C. Azevedo Costa. **Centro de Pesquisa e documentação**. Verbete. 2020.

VEIGA, Cynthia Greive. **O Professor na trama da escola**. Tese Titular. – Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

APÊNDICE A – Levantamento bibliográfico em revistas de História da Educação

Revista de História da Educação (RHE)

Palavra-chave	Autor	Instituição de pertença	Título	Ano	Número
Educação feminina (33)	Elomar Antônio Callegado Tambara	Faculdade de Educação da UFPel	A educação feminina no Brasil ao fim do século 19	1997	n. 1, v. 1, jan./jun. 1997
Educação feminina	Leticia Cortellazzi Garcia	*Ausência de informação	A educação secundária feminina: uma história Catarina (1935-1947)	Set./dez. 2008	v. 12, n. 26
Educação Feminina	Milena Cristina Aragão, Lúcio Kreutz	Faculdade Estácio de Sá Universidade de Caxias do Sul	Representações acerca da mulher-professora: entre relatos históricos e discursos atuais	Mai/ago., 2011	v. 15, n. 34
Educação feminina	Vera Teresa Valdemarin	Universidade Estadual Paulista,	Modelos para formação de professores nas páginas do Teachers College Record (1900-1921)	jan./abr., 2016	v. 20, n. 48

Fonte: Levantamento feito pela autora na *Revista de História* (maio 2020)

Revista Brasileira de História da Educação (RBHE)

Palavra-chave (Para localizar)	Autor	Instituição de pertença	Título	Ano	Número
Educação feminina (9)	Maria Teresa Santos	Universidade de Évora	A questão da instrução/educação: uma leitura de A madrugada [1911-1918]	19/05/19	v. 13 n. 1[31] (2013): janeiro/Abril
Educação feminina*	Ana Luiza de Oliveira	Universidade Federal de	Ser Stella: um estudo sobre o papel da mulher e da educação feminina na Juiz de Fora do início	06/02/12	v. 8 n. 3 [18] (2008):

	Duarte Ferreira	Juiz de Fora	do século XX		setembro/dezembro
Professora primária (23)	Vera Teresa Valdemarin	Universidade Estadual Paulista (Unesp)	Dossiê: Palavras viajeras: circulação do conhecimento pedagógico em manuais escolares (Brasil/Portugal, de meados do século XIX a meados do século XX)	03/12/17	v. 13 n. 3[33] (2013): setembro/dezembro
Escola Normal (33)	Sonia Castro Lopes Patrícia Gurgel	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Trajetórias de professoras normalistas: A 'prata da casa' do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1930-1960)	21/09/16	v. 16 n. 4[43] (2016): Outubro/Dezembro
Escola Normal	Cynthia Greive Veiga	Universidade Federal de Minas Gerais	A escola e a República: o estadual e o nacional nas políticas educacionais	02/01/12	v. 11 n. 1 [25] (2011): Dossiê: Arquivos, objetos e memórias educativas: práticas de inventário Janeiro/Abril
Escola Normal	Andrea Moreno Verona Campos Segantini Gyna de Ávila Fernandes Lu ciano Jorge de Jesus	Universidade Federal de Minas Gerais	"Gesticulação nobre, sympathica e attitude digna": educação do corpo na formação de professoras (Escola Normal Modelo da Capital, Belo Horizonte, 1906-1930)	22/05/19	v. 12 n. 1 [28] (2012): Janeiro/Abril

Escola Normal	Miriam Waidenfeld Chaves	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	Revista Escola Argentina: reflexões sobre um periódico escolar nos anos 20 e 30	15/02/12	v. 3 n. 2 [6] (2003): Dossiê: Memória do ensino de história da educação Julho/Dezembro
Intelectuais (47 itens)	Raquel Discini de Campos	Universidade Federal de Uberlândia	No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação	21/05/12	v. 12 n. 1 [28] (2012): Janeiro/Abril
Intelectuais	Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi Carla Villanova Neves	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Valores católicos e profissão docente: um estudo sobre representações em torno do magistério e do “ser professora” (1930-1950)	02/08/12	v. 7 n. 3 [15] (2007): Dossiê: História da profissão docente no Brasil e em Portugal Setembro/Dezembro

Fonte: Levantamento feito pela autora na Revista Brasileira de História da Educação (maio 2020)

Revista Cadernos de História da Educação (CHE-ASPHE)

Palavra-chave	Autor	Instituição de pertença	Título	Ano	Número
Educação feminina (13)	Hedmar de Oliveira Ferreira	Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social	Escola normal nossa senhora do patrocínio: um instrumento de educação feminina na zona do alto Paranaíba, MG	20/03/08	V.2
Educação Feminina	Marta Maria de Araújo	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Educação em nível secundário de moças de Natal e de Coimbra (1941-1948)	01/08/18	v. 17 n. 2 (2018)

	Cristina Maria Coimbra Vieira	Universidade de Coimbra			
Educação Feminina	Hajnalka Halász Gati Ivanilde Alves Monteiro	Faculdade Boa Viagem Universidade Federal de Pernambuco	Educação e docência feminina no Brasil do Século XIX: avanços e desafios	18/05/17	v. 15 n. 3 (2016)
Educação Feminina*	Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro Sauloéber Tarsio de Souza	Universidade de São Paulo Universidade Estadual de Campinas	Educação De Mulheres Nas Páginas De Manuais De História Da Educação (1930-1970)	27/02/15	v. 13 n. 2 (2014)
Educação Feminina	Nailda Marinho	Universidade Estadual de Campinas.	A Fotografia Como Fonte Para A História Da Educação: Um Olhar Sobre A Escola Profissional Feminina - Rio De Janeiro	27/02/15	v. 13 n. 2 (2014)

Fonte: Levantamento feito pela autora no Caderno de História da educação (maio 2020)

APÊNDICE B – Levantamento com números disponíveis da revista *escola primária* (RJ)

Quadro: Levantamento com números disponíveis da revista *escola primária* (RJ)

Ano	Número anual	Edições localizadas
1916	3	Nº 1,2 e 3
1917	11	Nº 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10,11 e 12
1918	11	Nº1, 2 e 3, 4 ao 12
1919	4	Nº 4; 5 e 6; 9; 10 a 12
1920	3	Nº 5 e 6; 7 a 10; 11 e 12;
1921	12	Nº 1 ao 12
1922	10	Nº 1 ao 9; 10 e 11

Fonte: Quadro elaborado pela autora em consulta direta ao Repositória Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (junho 2021). É possível baixar pelo site os exemplares em arquivos PDF.

ANEXO – Estatuto da Sociedade Anônima A Escola Primária**Estatuto da Sociedade Anônima A Escola Primária**

Página 33 da Seção 1 do Diário Oficial da União (DOU) de 22 de novembro de 1916.

**SOCIEDADES ANONYMAS
Sociedade anônima Escola Primaria****CAPITULO I**

Da denominação, - sede, Oro, duração e fins da sociedade

Art. 1. ° Sob a denominação do S. A. Escola Primaria, é criada e regida pelos presentes estatutos e, nos casos omissos, pelas leis em vigor, - uma sociedade anônima da responsabilidade limitada.

Art. 2. ° A sociedade tem sua sede o seu foro nesta Capital com a sua duração será dos 20 anos, contados da data de sua fundação.

Parágrafo único. O prazo da duração da sociedade poderá ser prorrogado por deliberação da assembleia geral dos acionistas.

Art. 3. ° O anualmente a social é o armo civil, devendo ser incluído no balanço e contas do cimeiro anilo o penedo que decorre do hoje até o fim do corrente ano.

Art. 4. A sociedade tem por fim principal a publicação da revista Á Escola Primaria, podendo tamboril encarregar-se, quando julgar conveniente da publicação quaisquer obras didáticas mediante contacta.

CAPITULO II

Da revista

Art. 5. ° A revista A Escola Primária será publicada a princípio mensalmente e logo que a diretoria julgar conveniente, quinzenalmente.

Art. 6. Só serão admitidos a publicação os artigos aprovados pela diretoria da sociedade.

Art. 7. Cada número da revista terá, no mínimo 21 páginas, das quais quatro, no máximo poderão ser destinadas a anúncios.

Art. 8. Enquanto trio dispuser a sociedade de oficinas próprias, a diretoria contratará a publicação da revista com quem quiser impedidores vantagens.

CAPITULO III

Da administração da sociedade

Art. 9. A administração considera será exercida por uma diretoria composta de sete membros, sendo uma presidente, dois diretores e quatro redatores, eleitos dentre os acionistas.

Art. 10. O conselho fiscal compor-se-á de três membros efetivos e três suplentes,
 Art. 11. O mandato da diretoria durará por dois anos e o do conselho fiscal por um ano, podendo ser renovado uma o mais.
 dentre os acionistas.

Art. 12. Ao presidente compete:

- 1- Presidir as reuniões da diretoria e acionando assembleias, si para estas novo presidente;
- 2 - Representar a sociedade em juízo ou fora dele, intentar ações o velar pela fiel execução destes estas tintos;
- 3- Assinar ações, contratos e quaisquer outros documentos da responsabilidade;
- 4- Autorizar despesas e expedir ordens do pagamento;
- 5- Assinar as convocações da 'assembleia geral;
- 6 - Apresentar a assembleia geral o relatório anual do movimento social;
- 7- Abrir, rubricar e encerrar os livros da sociedade;
- 8 - Nomear e demitir empregados;
- 9- Delegar as suas atribuições, no todo e em parte, a união dos diretores.
- 10 - Designar os demais-membros da diretoria, diretores os redatores, para exercerem os cargos que ao serviço da sociedade se fizerem necessários.

Art. 13. Demais membros da diretoria diretores e redatores, excarceram os cargos e atribuições que o presidente lhes assinalar.

Art. 14. Em caso de impedimento, não cedente de trinta dias, de qualquer membro impedido substituição da diretoria, será pelo acionista que os restantes escolherem.

Em caso de renúncia, perda de legal, impedimento por temporariamente de trinta dias, a diretoria o conselho fiscal elegerá substituto, competindo a assembleia, geral, em primeira reunião, fazer a nomeação definitiva do substituto, que servirá pelo tempo que resta para completar o mandato do substituído.

CAPITULO IV

Do capital social capital social

Art. 15. Os contos de réis, dividido em ações de trinta mil réis a cada uma, já integralmente subscrito. Esse capital será realizado pela ferina seguinte: 50 0 no ato da assinatura destes estatutos; 31 0, 6 dias depois e 20; quando a deixar julgar necessário.

Parágrafo Único: As chamadas para infogra de capital serão feitas com aviso publicada prévio 5 dias no Jornal do Comercial onde serão feitas todas as publicações e avisos da sociedade.

Art.17. Constituem fundos da sociedade: produto assinaturas e outras rendas da Revista; subvertestes de qualquer natureza que lhe forem dadas; os rendimentos de seus capitães e os lucros das publicações de obras didáticas que fizer.

Art.18. Deduzidas as despesas da sociedade, o que restar constituirá o fundo liquido, que será anualmente distribuído pelo fórum, seguinte

20%; desse fundo constituirão o fundo de:

- a) reserva será distribuído como dividendo aos acionistas;

- b) Serão distribuídos, como gratificação 20% da ação, em partes iguais, aos membros da diretoria;

Art. 18. Serão distribuídos entre os colaboradores efetivos;

Parágrafo único. Nenhum dividendo distribuirá quando o fundo da gratificação reserva for igual ou inferior ao valor do capital inicial.

CAPITULO V

Das assembleias

Art. 19. Reunir-se-á três vezes ano, ordinariamente, a assembleia com acionistas, em dia pela imprensa diretoria e anunciado pela e antecedendo de indicação do lugar e hora.

Art. 20. A assembleia geral ordinária tomará conhecimento do parecer do conselho /iscali sobre as contas da diretoria, relativas ao ano anterior, que discutirá e votará, e do **relatório** do diretor, devendo também eleger **O conselho** fiscal, quando for caso disso, os membros da diretoria, podendo tratar de quaisquer outros assumptos constantes do aviso de convocação.

Art. 21. Todos os acionistas, desde revista apresentem as suas ações, podem tomar parte na assembleia geral, tendo cada um direito a tantos votos quantas forem as ações que possuir.

Art. 22. É permitido aos acionistas fazerem-se representar nas reuniões da assembleia por procuradores expressamente constituídos, com poderes amplos ou restritos.

Das disposições gerais

Art. 23. Os casos não previstos nestes estatutos serão resolvidos de acordo com as disposições das leis em vigor.

Art. 24. A primeira diretoria e conselho fiscal ficarão assim constituídos:

Diretor-presidente:

Esther Pedreira de Mello.

Diretores:

Dr. Arthur Magiolis

Raul de Faria.

Redatores:

Diniz Junior.

Silva Pereira.

Cesario Alvim.

Domingos à larga sinos.

Conselho fiscal:

Aguiar Moreira.

Antonio C. Velho da Silva.

D. José Custodio Nunes Juniof;

Suplentes:

Elysio de Araujo.
 Roberto Gomes.
 Sacundino Ilibeiro.

Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1910.

Ações

Esther Pedreira de Mello - 22%
 Drº Arthur de Oliveira - 5%
 Raul de Faria -
 Antonio Carlos Velho da Silva -
 Alfredo Cesario Alvitn
 João Baptista da Silva Pereira 6%
 Domingos Magarinos de Souza Leão 3%
 Heitor de Mello 1%
 Oscar de Aguiar Moreira -
 Dr. Custodio Nunes Junior – 1%
 Venerando da Graça – 1%
 Francisco \riamo - %
 Elys i o de Araujo - %
 Dr. Afranio Peixoto - %
 Carlos Ayres de Cargueira Lima – 1%
 Leopoldo Diniz Junior - 8%
 Secundino Ribeiro Filho - %
 Roberto Gomes - %
 José Chermont de Britto – 1%
 Virgilio Varais – 1%

Residência dos administradores:

Esther Pedreira de Mello: rua Santo Amaro h. 53.

Drº Arthur de Oliveira Magioli: Ilha do Governador

Raul de Faria: rua Farani n. 53.

**ATA DA ASSEMBLEIA DE CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE
 ANONIMA, «ESCOLA PRIMARIA»**

Aos vinte e seis dias do mês de outubro de mil e novecentos e dezesseis, às três horas da tarde, na sede da sociedade, a rua da Quitanda número setenta e dois, reunidos os subscritores de ações da sociedade anônima dt Escola Primarias, em número representando mais de dois terços do capital social, elegeu unanimidade de votos, para presidir por Diário Oficial. A assembleia, a Sra. D. Esther Pedreira de Mello. A Sra. presidente convidou para secretario o Sr. doutor Diniz Junior e mandou que o mesmo procedesse à leitura dos estatutos, posto, em seguida com discurso pedindo a palavra, dou a discussão por encerrada, passando-se à votação. Por unanime lado de votos foram aprovados oi estatutos. Lago após, o Sr. secretario leu o recibo do deposito, feito no Banco do Brasil, da decima parle do capital social. Nada Mais havendo a tratar suspensa a sessão, lavrando-se esta ata

em duplicata, que vae por mim, Diniz Junior, secretario, que a fiz, subscrita, o assignada por todos os presentes.

Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1016.